Convergência

Fevereiro, Março e Abril • 2020 • ANO LV

CRB NACIONAL

Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad
Editor: Padre João da Silva Mendonça Filho, sdb
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Pe. Ângelo Mezzari, rcj
Padre Jaldemir Vitório, sj
Irmão Lauro Daros, fms
Irmã Nivalda Milak, fdz
Irmã Vera Ivanise Bombonatto, fsp

Projeto gráfico e Diagramação: Dulciene Luzia Almeida
Revisão: Padre João Mendonça Filho, sdb
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo
Ilustração da capa: Padre Reinaldo Leitão, rcj

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
E-mail: crb@cbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Sumário

Editorial

De volta a Nazaré 5

Nota da Conferência dos Religiosos do Brasil 10

Mensagem do papa

Santa Misa e Canonização dos Beatos 12

Mártires e Santos

Santa Dulce dos Pobres e a Vida Consagrada 16

Informes

A Abundância de bens como gaiola de ouro 36
Pe. Alfredo J. Gonçalves, cs

Presença da CRB no 4º Congresso Vocacional do Brasil... 38
Ir. Clotilde Prates de Azevedo, ap

Assembleia Formativa Regional Brasília 40

49ª Assembleia Geral Regional Eletiva de Recife 40

Perspectiva da CRB sobre o 4º Congresso 41
Vocacional do Brasil - *Ir. Maria Inês Vieira Ribeiro, mad*

Assembleia Formativa e Eletiva da 42
CRB Regional Campo Grande

Assembleia Formativa e Eletiva da 42
CRB Regional Palmas/TO

Nota sobre o CERNE 42

Artigos

Fazei tudo o que ele vos disser 44
Frei Moacir Casagrande, ofmCap

A Oração Franciscana: prece de afeto, relação de ternura 56
Frei Hércules de Vascondelos Moreno, ofmCap

A Missionariedade Estigmatina - "Monges em casa e Apóstolos fora": 65
Pe. Toninho, css

O Voto de pobreza - Reflexões a partir do Magistério do Papa Francisco 76
Frei Vanildo Luiz Zugno, ofm

"Viu, sentiu compaixão e cuidou dele" (Lc. 10, 33-34) 93
Rodinei Balbinot

Guia de Leitura da Cristo Vive 106
Pe. Giacomo Costa, sj e Pe. Rossano Sala, sdb

Anexos

Reflexões Orantes 117

Mapa das Regionais 129

Resenha 130

Ficha de Inscrição 134

DE VOLTA A NAZARÉ

Pe. João da Silva Mendonça Filho, sdb

Saudações a todos e todas

Irmãos e irmãs, voltar a Nazaré, voltar à Galileia pode ser o caminho para enfrentar a crise de identidade. Depois da sua ressurreição, Jesus convida-nos a voltar à Galileia para O encontrar. Voltar à Nazaré, à primeira chamada, voltar à Galileia para solucionar a crise de identidade, para nos renovarmos como pastores-discípulos-missionários. (Papa Francisco).

Papa Francisco continua exortando a Igreja a sair do centro de seus interesses para evangelizar, pois "nossa missão é evangelizar". Na mensagem para o dia mundial das missões 2019, ele afirma categoricamente: Eu sou sempre uma missão; tu és sempre uma missão; cada batizada e batizado é uma missão. Quem ama, põe-se em movimento, sente-se impelido para fora de si mesmo: é atraído e atrai; dá-se ao outro e tece relações que geram vida. Para o amor de Deus, ninguém é inútil nem insignificante. Cada um de nós é uma missão no mundo, porque fruto do amor de Deus. Ainda que meu pai e minha mãe traíssem o amor com a mentira, o ódio e a infidelidade, Deus nunca Se subtrai ao dom da vida e, desde sempre, deu como destino a cada um dos seus filhos a própria vida divina e eterna (cf. Ef 1, 3-6).

Em Moçambique, convocou os religiosos, religiosas, seminaristas, bispos e catequistas a "voltar a Nazaré, à Galileia", ou seja, a sair do templo das comodidades. A revista Convergência que agora chega em suas mãos quer ser um alimento, o combustível para esta experiência de voltar ao essencial,

a Galileia, da nossa identidade como homens e mulheres consagrados e consagradas. Não tenhamos medo do primeiro amor!

Nesta edição de fevereiro-março-abril, temos a nova capa com a logomarca da 25ª. AGE, que nos acompanhará durante todo o ano. É Maria, a mulher atenta que nos ensina o serviço e a fazer tudo que Jesus disser. O banner preparado para divulgar a Assembleia com o horizonte e as prioridades está também nesta edição.

Retornaremos a divulgar os eventos das nossas regionais, dos setores da CRB e da vida eclesial para estimular mais ainda nossa missão profética. É também salutar resgatar as figuras de santos e santos que souberam beber do Bom Vinho em vista do Reino Definitivo.

A canonização da santa irmã Dulce dos pobres foi um reconhecimento da Igreja em saída atuante nas filhas e filhos da Igreja do Brasil. Com este artigo, Pe. Vinicius Augusto, ilumina ainda mais o sentido da gratidão e generosidade, tão característicos da nova santa. Com a canonização, 27 anos depois da morte de irmã Dulce, Papa Francisco reaviva em nós o compromisso de estar nas "periferias existenciais", onde a vida clama e está ameaçada. Que a santa Dulce dos pobres e anjo bom da Bahia interceda a Deus pela Vida Religiosa no Brasil.

O frei capuchinho Moarcir Casagrande nos brinda com a reflexão sobre o lema da 25ª AGE, recordando o sentido teológico das palavras de Maria aos serventes:"Fazei tudo o que ele vos disser" (Jo 2,5). Inverte-se assim a ordem do serviço. Não são os serventes, os homens organizadores da festa, que solucionam o problema da falta de vinho, mas uma mulher que observa tudo e atua do jeito certo, na hora certa. Ela aponta Jesus e diz que precisamos saber beber do Vinho Bom.

A oração franciscana bebe do Vinho Bom na medida em que se orienta pela relação profunda com Deus na oração carregada de afeto e ternura; é o que nos apresenta o frei capuchinho Hércules de Vasconcelos Moreno. A partir do carisma fundacional e dos místicos da Ordem, ele aprofunda o tema da oração ajudando-nos a perceber a largura, a profundidade e a altura do amor de Deus por nós numa sociedade, muitas vezes carente e até desumana.

Imbuído do lema da 25ª AGE, padre Antônio Alves Dias (Toninho), estigmatino, reflete a partir do carisma fundacional a urgência de ser missionário sem perder o valor da união com Deus, assim como o fundador, Gaspar Bertoni, o fez no seculo XIX, diante dos conflitos, da fome e do abandono de inúmeros jovens. A temática da AGE estimula

os estigmatinos a curar as chagas de hoje, de uma sociedade que parece perder os sentimentos de Jesus. Neste contexto, o religioso estigmatino é monge na sua interioridade e apostolo na ação evangelizadora transformadora.

A pobreza evangélica é um desafio perene para a Vida Religiosa Consagrada; trata-se de repensar o que caracteriza ser pobre numa sociedade marcada pela indiferença, ganância, descarte, idolatria do dinheiro e do poder. É o que nos apresenta o frei capuchinho Vanildo Luíz Zugno, a partir dos pronunciamentos do papa Francisco sobre a pobreza no mundo contemporâneo. A recuperação do ser pobre desde o ser cristão pobre torna ainda mais visível o voto de pobreza como virtude, fundamentado na austeridade, desapego e dedicação aos pobres.

Motivado pelo tema da Campanha da Fraternidade de 2020: "Viu, sentiu compaixão e cuidou dele" (Lc 10, 33-34), o professor Rodinei Balbinot, nos brinda com uma profunda reflexão em três partes: a indiferença da sociedade contemporânea que não quer ver o outro à margem do caminho; o modelo de Igreja – sacerdotal e levítica – que ignora aquele que sofre porque basta a si mesma; a Igreja samaritana que sai de sua autorreferência e cuida dos que estão nas "periferias existenciais". É a revelação de Jesus samaritano que nos diz: "Eu vim para que todos tenham vida" (Jo 10,10). Quando a Igreja fecha os olhos e evita o caminho dos refugiados, dos migrantes e dos excluídos, ela acaba no mundanismo, que tanto denuncia papa Francisco.

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal Cristo Vive (2019), fruto da sinodalidade que preparou o Sínodo dos Bispos sobre os "jovens, a fé e o discernimento vocacional", nos aponta algumas ideias chaves no artigo dos padres sinodais Giacomo Costa, sj e Rossano Sala, sdb, com horizontes claros sobre a assimilação e concretização do conteúdo do Sínodo.

Por fim, irmã Vera Ivanise Bombonato, aprasenta a resenha crítica do livro de Garcia Parede, "outra comunidade é possível: sob a liderança do espírito santo". O grande desafio, como o próprio título nos indica, é o resgate da vida religiosa movida pelo Espírito, renunciando a todo egocentrismo.

Assim, Convergência chega em suas mãos, em sua comunidade, para ser degustada como o Bom Vinho que alegra nossas vidas. Grande abraço a todos e todas.

DESCRIÇÃO DA LOGOMARCA
TRIÊNIO 2019 -2022

A apresentação da logo foi criada para identificar graficamente a linha de reflexão, espiritualidade e atividades das instituições religiosas que compõem Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), no Triênio 2019 a 2022.

O tema escolhido para fundamentar a caminhada durante o triênio será: Consagradas e Consagrados em Missão e o lema: "Fazei tudo o que ele vos disser" (Jo 2,5).

Com essa motivação temática, busca-se ilustrar a forte presença vocacional e missionária de Maria como mediadora da graça e estrela da evangelização.

A Cruz, no centro, representa o Cristo, autor da graça, do vinho novo; alegria, princípio e ânimo para a jornada missionária.

A talha representa a vida e vocação das consagradas e consagrados que se enchem desta alegria, o Cristo, para testemunhar o amor e chamada vocacional de Deus.

O caminho e as pegadas explicitam uma vida religiosa em saída, em movimento, dinâmica e fortalecida pelo vinho novo da alegria.

CRB NACIONAL

Consagradas e consagrados em missão

Horizonte

Nós consagradas e consagrados em missão, movidos por uma mística profético-sapiencial e articulados institucionalmente, procuramos estar presentes onde a vida está ameaçada, responder aos desafios de cada tempo, tecendo relações humanizadoras e interculturais, ouvindo o clamor dos pobres e da terra, para que o vinho novo do Reino anime a festa da vida.

Prioridades

1. Cultivar a mística profético-sapiencial

Inspirados em Maria, queremos escutar a voz de Deus nos pequenos sinais da vida, que nos chama a anunciar, denunciar e testemunhar a esperança do Reino na noite escura da realidade socioeconômica e política dos nossos povos.

2. Ouvir o clamor dos pobres e da terra

Comprometemo-nos a promover iniciativas comunitárias e articuladas que gerem consciência crítica, inclusão social e cuidado da Casa Comum. Optar em favor dos mais pobres nos empenha a enfrentar a injustiça ambiental, porque tudo está interligado.

3. Fomentar a intercongregacionalidade, a interculturalidade e a partilha dos carismas com leigas/os

Somos interpelados/as a constituir alianças interinstitucionais, conviver na diversidade cultural e incluir o laicato na nossa espiritualidade e ação, abrindo novos caminhos na missão.

4. Promover relações humanizadoras e atenção diferenciada à cada geração na VRC

Precisamos tecer relações de ternura, de fraternidade/sororidade e de sinodalidade como expressão de uma nova forma de convivência capaz de superar o individualismo e a dominação.

NOTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

Nós, membros da Diretoria Nacional da CRB, eleita na XXV Assembleia Geral Eletiva, em julho pp., em sintonia com as Religiosas e Religiosos que dedicam a vida pelo Reino de Deus neste chão brasileiro, expressamos nossa incondicional unidade com o Papa Francisco e em comunhão com os Bispos que integram a CNBB e o CELAM, elevamos nossas vozes na defesa da vida e da nossa "casa comum".

Para nós, Igreja é a grande a família de Deus, reunida nas pequenas comunidades eclesiais missionárias, nos centros urbanos, nas periferias e áreas rurais. Enquanto Igreja, compartilhamos as angústias e esperanças dos povos indígenas, quilombolas, moradores da rua, migrantes, refugiados, mulheres, jovens, adolescentes e crianças vítimas da violência e abusos sexuais.

Estamos conscientes da existência de luzes e sombras no processo democrático brasileiro. Porém, não devemos e nem podemos fechar os olhos diante da corrupção e da ganância, dos erros cometidos e da infidelidade de muitos de nossos políticos que não estão a serviço do bem comum, mas usam do poder para beneficio próprio em detrimento dos pobres, pois "em nossas cidades está instalado um crime mafioso e aberrante, e muitos têm as mãos cheias de sangue devido a uma cômoda e muda cumplicidade" (EG, 210). Contudo, acreditamos que Deus habita nessa realidade complexa e aponta saídas convocando a Vida Religiosa a ser "mística profético-sapiencial, presente onde a vida está ameaçada, respondendo aos desafios de cada tempo, tecendo relações humanizadoras e interculturais, ouvindo o clamor dos pobres e da terra, para que o vinho novo do Reino anime a festa da vida" (Horizonte da CRB 2019-2022).

Renovamos nosso SIM como homens e mulheres que vivem a consagração "exclusiva a Deus" e como Diretoria Nacional assumimos o compromisso de incentivar e promover a comunhão na riqueza da diversidade, e oferecer o serviço da animação da VRC. Ao mesmo tempo, expressamos nossa total adesão à convocação feita pelo Papa Francisco para a celebração do Sínodo da Amazônia "Não deixemos, que nos roubem o entusiasmo missionário, a alegria da evangelização.",(EG,80.83)

E mais, unimo-nos a todos os órgãos nacionais e internacionais no clamor mundial ante a destruição de um patrimônio humano, ambiental e econômico imensurável na grande missão de exigir um basta às atividades predatórias na nossa Amazônia.

É tempo de discernimento, de escutar o clamor dos pobres e excluídos de nossa terra, de saber separar a informação que defende os interesses do capital em detrimento da pessoa humana e colocarmo-nos, de forma inequívoca, ao lado dos que sofrem ou são marginalizados. É tempo de aguçarmos nosso senso crítico diante da realidade e sermos sinal de esperança e mensageiros da verdade para tantos que têm na VRC uma referência de seguimento. É a hora de darmos a nossa contribuição, vivendo com coerência nossa consagração, veiculando boas e verdadeiras notícias e somando força com aqueles que promovem a paz! Este exigente discernimento nos leva a uma constante atenção para distinguir o joio do trigo.

Um grande abraço a todos e todas. Que a Mãe e Mestra, a Estrela da Evangelização, Maria, nos ajude a "fazer sempre o que Jesus mandar" (Cf. Jo 2,5).

Brasília, 30 de agosto de 2019

Diretoria da CRB Nacional

Presidente
Ir. Maria Inês Vieira Ribeiro, mad

Vice Presidente
Ir. Olavo Dalvit, fsc

Secretária
Ir. Maria José Barbosa dos Santos, bdp

Tesoureiro
Pe. Nivaldo Luiz Pessinatti, sdb

Conselheiras
Ir. Eliene Oliveira Barros, ibp
Ir. Ana Teresa Pinto, fma

Conselheiro
Pe. Antônio Ramos Moura Neto, osj

SANTA MISSA E CANONIZAÇÃO DOS BEATOS:

JOHN HENRY NEWMAN, JOSEFINA VANNINI, MARIA TERESA CHIRAMEL MANKIDIYAN, DULCE LOPES PONTES E MARGARIDA BAYS

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

Catedral da Imaculada Conceição, Maputo
Quinta-feira, 5 de setembro de 2019

«A tua fé te salvou» (Lc 17, 19). É o ponto de chegada do Evangelho de hoje, que nos mostra o caminho da fé. Neste percurso de fé, vemos três etapas, vincadas pelos leprosos curados, que invocam, caminham e agradecem.

Primeiro, invocar. Os leprosos encontravam-se numa condição terrível não só pela doença em si, ainda hoje difusa e devendo ser combatida com todos os esforços possíveis, mas pela exclusão social. No tempo de Jesus, eram considerados impuros e, como tais, deviam estar isolados, separados (cf. Lv 13, 46). De fato, quando vão ter com Jesus, vemos que «se mantêm à distância» (Lc 17, 12). Embora a sua condição os coloque de lado, todavia diz o Evangelho que invocam Jesus «gritando» (17, 13) em voz alta. Não se deixam paralisar pelas exclusões dos homens e gritam a Deus, que não exclui ninguém. Assim se reduzem as distâncias, e a pessoa sai da solidão: não se fechando em auto lamentações, nem olhando aos juízos dos outros, mas invocando o Senhor, porque o Senhor ouve o grito de quem está abandonado.

Também nós – todos nós – necessitamos de cura, como aqueles leprosos. Precisamos de ser curados da pouca confiança em nós mesmos, na vida, no futuro;

curados de muitos medos; dos vícios de que somos escravos; de tantos fechamentos, dependências e apegos: ao jogo, ao dinheiro, à televisão, ao celular, à opinião dos outros. O Senhor liberta e cura o coração, se O invocarmos, se lhe dissermos: «Senhor, eu creio que me podeis curar; curai-me dos meus fechamentos, livrai-me do mal e do medo, Jesus». No Evangelho de Lucas, os primeiros a invocar o nome de Jesus são os leprosos. Depois fá-lo-ão também um cego e um dos ladrões na cruz: pessoas carentes invocam o nome de Jesus, que significa Deus salva. De modo direto e espontâneo chamam Deus pelo seu nome. Chamar pelo nome é sinal de confidência, e o Senhor gosta disso. A fé cresce assim, com a invocação confiante, levando a Jesus aquilo que somos, com franqueza, sem esconder as nossas misérias. Invoquemos diariamente, com confiança, o nome de Jesus: Deus salva. Repitamo-lo: é oração. Dizer «Jesus» é rezar. A oração é a porta da fé, a oração é o remédio do coração.

A segunda palavra é caminhar. É a segunda etapa. Neste breve Evangelho de hoje, aparece uma dezena de verbos de movimento. Mas o mais impressionante é sobretudo o fato de os leprosos serem curados, não quando estão diante de Jesus, mas depois enquanto caminham, como diz o Evangelho: «Enquanto iam a caminho, ficaram purificados» (17, 14). São curados enquanto vão para Jerusalém, isto é, palmilhando uma estrada a subir. É no caminho da vida que a pessoa é purificada, um caminho frequentemente a subir, porque leva para o alto. A fé requer um caminho, uma saída; faz milagres, se sairmos das nossas cômodas certezas, se deixarmos os nossos portos serenos, os nossos ninhos confortáveis. A fé aumenta com o dom, e cresce com o risco. A fé atua, quando avançamos equipados com a confiança em Deus. A fé abre caminho através de passos humildes e concretos, como humildes e concretos foram o caminho dos leprosos e o banho de Naamã no rio Jordão (cf. 2 Re 5, 14-17). O mesmo se passa conosco: avançamos na fé com o amor humilde e concreto, com a paciência diária, invocando Jesus e prosseguindo para diante.

Outro aspeto interessante no caminho dos leprosos é que se movem juntos. Refere o Evangelho, sempre no plural, que «iam a caminho» e «ficaram purificados» (Lc 17, 14): a fé é também caminhar juntos, jamais sozinhos. Mas, uma vez curados, nove continuam pela sua estrada e apenas um regressa para agradecer. E Jesus desabafa a sua mágoa assim: «Onde estão os outros?» (17, 17). Quase parece perguntar

pelos outros nove, ao único que voltou. É verdade! Constitui tarefa nossa – de nós que estamos aqui a «fazer Eucaristia», isto é, a agradecer –, constitui nossa tarefa ocuparmo-nos de quem deixou de caminhar, de quem se extraviou: todos nós somos guardiões dos irmãos distantes. Somos intercessores por eles, somos responsáveis por eles, isto é, chamados a responder por eles, a tê-los a peito. Queres crescer na fé? Tu que estás aqui hoje, queres crescer na fé? Ocupa-te dum irmão distante, duma irmã distante.

Invocar, caminhar e… agradecer: esta é a última etapa. Só àquele que agradece é que Jesus diz: «A tua fé te salvou» (17, 19). Não se encontra apenas curado; também está salvo. Isto diz-nos que o ponto de chegada não é a saúde, não é o estar bem, mas o encontro com Jesus. A salvação não é beber um copo de água para estar em forma; mas é ir à fonte, que é Jesus. Só Ele livra do mal e cura o coração; só o encontro com Ele é que salva, torna plena e bela a vida. Quando se encontra Jesus, brota espontaneamente o «obrigado», porque se descobre a coisa mais importante da vida: não o receber uma graça nem o resolver um problema, mas abraçar o Senhor da vida. E isto é a coisa mais importante da vida: abraçar o Senhor da vida.

É encantador ver como aquele homem curado, que era um samaritano, manifesta a alegria com todo o seu ser: louva a Deus em voz alta, prostra-se, agradece (cf. 17, 15-16). O ponto culminante do caminho de fé é viver dando graças. Podemos perguntar-nos: Nós, que temos fé, vivemos os dias como um peso a suportar ou como um louvor a oferecer? Ficamos centrados em nós mesmos à espera de pedir a próxima graça, ou encontramos a nossa alegria em dar graças? Quando agradecemos, o Pai deixa-Se comover e derrama sobre nós o Espírito Santo. Agradecer não é questão de cortesia, de etiqueta, mas questão de fé. Um coração que agradece, permanece jovem. Dizer «obrigado, Senhor», ao acordar, durante o dia, antes de deitar, é antídoto ao envelhecimento do coração, porque o coração envelhece e cria maus hábitos. E o mesmo se diga em família, entre os esposos: lembrem-se de dizer obrigado. Obrigado é a palavra mais simples e benfazeja.

Invocar, caminhar, agradecer. Hoje, agradecemos ao Senhor pelos novos Santos, que caminharam na fé e agora invocamos como intercessores. Três deles são freiras e mostram-nos que a vida religiosa é um caminho de amor nas periferias existenciais do mundo. Ao passo que Santa Margarida Bays era uma costureira e revela-nos quão poderosa é a oração simples, a suportação com paciência, a doação silenciosa: através destas coisas, o Senhor fez reviver nela, na sua humildade, o

esplendor da Páscoa. Da santidade do dia a dia, fala o Santo Cardeal Newman quando diz: «O cristão possui uma paz profunda, silenciosa, oculta, que o mundo não vê. (...) O cristão é alegre, calmo, bom, amável, educado, simples, modesto; não tem pretensões, (...) o seu comportamento está tão longe da ostentação e do requinte que facilmente se pode, à primeira vista, tomá-lo por uma pessoa comum» (Parochial and Plain Sermons, V, 5). Peçamos para ser, assim, «luzes gentis» no meio das trevas do mundo. Jesus, «ficai conosco e começaremos a brilhar como brilhais Vós, a brilhar de tal modo que sejamos uma luz para os outros» (Meditations on Christian Doctrine, VII, 3). Amen.

SANTA DULCE DOS POBRES E A VIDA CONSAGRADA

Vinícius Augusto Ribeiro Teixeira, CM[1]

Dia memorável aquele 13 de março de 1992. Rapidamente, espalhou-se por todo o Brasil a notícia do falecimento de Irmã Dulce Lopes Ponte. Na Bahia – seu berço e sua terra de missão – a repercussão foi incomparável por sua amplidão e incidência. Um inenarrável sentimento de orfandade invadiu o coração do povo baiano. Afinal quem não se sentia cativado por aquela mulher franzina, de voz tênue, respiração ofegante e mãos nodosas, que se revelava interiormente robusta e misteriosamente infatigável quando se tratava de amar e servir, especialmente aos últimos e desprezados deste mundo? A comoção envolvia e irmanava a todos, desprovidos e abastados, anônimos e afamados, piedosos e céticos. Estava claro: ninguém resiste à força de atração de uma vida que transborda em generosidade. Naquele final de tarde, pois, a memória da gratidão e a dor do adeus fundiam-se na alma de toda uma multidão de conterrâneos e admiradores do "anjo bom da Bahia", cuja autoridade se alicerçava unicamente na caridade e cujo prestígio nada mais era do que o desdobramento de uma existência esquecida de si e totalmente doada aos outros.

Na manhã seguinte, era impossível contabilizar quantos se aglomeravam no interior da capela e nos arredores do Hospital Santo Antônio, dispostos a acompanhar o féretro de Ir. Dulce ao longo

1 Presbítero da Congregação da Missão (Vicetinos ou Lazaristas). E-mail: viniciusaugustocm@gmail.com

dos quase 6 km que separam o Hospital da Basílica de Nossa Senhora da Conceição da Praia. Sob um sol causticante, multiplicavam-se preces fervorosas, rostos banhados de lágrimas, suspiros de saudade já sentida, aplausos efusivos, sentimentos que afloravam do mais íntimo daqueles que um dia foram acolhidos no coração, no abraço ou nas obras da *"doce Irmã"*. Era como se o canto fúnebre da despedida tivesse a mesma cadência do aleluia pascal. Na medida em que o cortejo avançava, as casas comerciais iam fechando suas portas, expressando assim a gravidade de um acontecimento ímpar. Para não dizer do cancelamento dos jogos de futebol marcados para o fim de semana... Ainda mais numerosa será a multidão plangente que, nos dois dias subsequentes, se enfileirará pelas ruas do Comércio para contemplar pela última vez, ainda que só por alguns segundos, o semblante plácido da *"mãe dos pobres"*. Com efeito, havia chegado o dia de devolver aquele tesouro preciosíssimo a quem no-lo deu, ao Autor e Doador da vida e do amor.

Tendo presente a recente canonização (13 de outubro de 2019) de Santa Dulce dos Pobres, procuraremos esboçar aqui seu perfil biográfico e recolher algumas inspirações de seu itinerário para a Vida Consagrada (VC).

Sua vida: ser de Deus para os outros[2]

1. No calor da família

Nascida em Salvador (BA), a 26 de maio de 1914, recebe o nome de Maria Rita de Sousa Brito Lopes Pontes. De família sólida, torna-se órfã de mãe ainda em tenra idade. Seu pai, Augusto Lopes Pontes, odontólogo de renome, mostrava-se, acima de tudo, um cristão autêntico, de notável sensibilidade humana. Prova disso era o cuidado que dispensava aos mais pobres, aos quais atendia gratuitamente. Viúvo de Dulce, mãe de seus cinco filhos, contraíra segundas núpcias com Alice, que se fará madrasta solícita e discreta. Maria Rita cresceu em um ambiente familiar propício ao seu desenvolvimento, sentindo-se amada pelos seus. Era uma criança normal, cheia de sonhos e ideais. Apreciava música e futebol. E divertia-se na companhia dos irmãos.

Aos 13 anos, é levada por uma tia para conhecer de perto a realidade de abandono e

2 Para a composição deste breve perfil biográfico, servimo-nos sobretudo de duas obras: PASSARELLI, Gaetano. Irmã Dulce: o anjo bom da Bahia. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2012. | PONTES, Maria Rita. Irmã Dulce dos Pobres. 13ª ed. Salvador: Obras Sociais Ir. Dulce, 1991.

sofrimento em que se achavam muitos doentes pobres, na periferia de Salvador. Os apelos da caridade ecoam vigorosamente no interior daquela adolescente entusiasta. Foi também graças a essa tia que Maria Rita passou a frequentar o vetusto Convento de Santa Clara do Desterro, das Irmãs Franciscanas do Sagrado Coração de Jesus. Ali, começou a palpitar-lhe o desejo de consagrar-se inteiramente a Deus, na escola de São Francisco de Assis, admirado por sua opção pela pobreza evangélica e por sua dedicação aos pobres. Maria Rita tinha aproximadamente 15 anos quando solicitou sua admissão ao Convento. Era, portanto, muito jovem. O pai interveio e ela teve que esperar. Embora se sentisse atraída pela enfermagem, Dr. Augusto a matriculou no então chamado Curso Normal, que preparava professoras primárias. Orientada por Frades Franciscanos, aos 16 anos, ingressa na Ordem Terceira de São Francisco. Aí, amadurece sua decisão de entrar na Vida Religiosa, terreno fértil, no qual haveria de desabrochar toda exuberância de sua juventude.

2. Primeiros passos na Vida Religiosa

O pai consente e, a 8 de fevereiro de 1933, Maria Rita deixa seu lar e parte para São Cristóvão (SE), a fim de fazer-se postulante das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, uma congregação de inspiração franciscana, fundada em 1910, por Dom Amando Bahlmann, OFM (1862-1938), em Santarém (PA). Escolhera esta jovem Congregação, cativada pela figura de uma Irmã a quem conhecera no Convento do Desterro e com quem se entretinha em esclarecedores diálogos. No Postulado, juntamente com outras seis moças, sua vida era austera, feita de oração e trabalho. Ali, contudo, não lhe faltava a alegria da fraternidade e da partilha, tão característica do carisma franciscano. As comodidades do lar paterno não lhe tinham facilitado o aprendizado de trabalhos manuais. Pouco a pouco, com boa disposição, ia adaptando-se às lides domésticas. Dirá, anos mais tarde: *"Quando chegamos ao convento, nascemos outra vez para viver somente para Jesus"*. Vem o Noviciado, tempo de conhecimento mais profundo e vivencial do carisma da Congregação. Sentia falta da família e do ambiente que esta lhe proporcionava. Convicta, porém, não dava asas à melancolia. Seu perfil se definia pela transparência e boa vontade na convivência e nos afazeres. Olhando os arredores, ansiava sair do convento para dar catequese e visitar os doentes. Entretanto, a disciplina da época

não lhe permitia fazê-lo. No dia de sua primeira Profissão, Maria Rita recebe o nome de Ir. Dulce, em homenagem à sua mãe. No mesmo dia, toma conhecimento de sua destinação: Sanatório Espanhol, em Salvador.

Setembro de 1934. Ir. Dulce pisa novamente o solo de sua terra soteropolitana. Ao chegar, depois de um ano e meio no distante convento, sobressaltou-se com a indigência de tantas pessoas pelas ruas da cidade. De fato, a população estava em franco e desordenado crescimento, devido sobretudo ao êxodo rural provocado pela seca implacável que assolava o Nordeste e à crise econômica que o país atravessava. Eram perceptíveis a insuficiência e a precariedade dos serviços públicos de saúde, educação, saneamento básico, segurança, transporte, etc. Expandiam-se, como consequência, a criminalidade e a violência urbanas. Lapidada pelo Evangelho e pelo espírito franciscano, a jovem Ir. Dulce captara sem dificuldade o flagelo da pobreza. Contará, anos depois: *"As lágrimas enchiam meus olhos. Meu coração estava invadido pela dor de ver tanta miséria ao meu redor"*. Chegando a Salvador, escolhe como confessor e diretor espiritual Fr. Hildebrando Kruthaup, OFM, que a acompanhará por longos anos.

No recém-inaugurado Hospital Espanhol, ocupou-se inicialmente de tarefas simples, como as de sacristã, porteira e encarregada da limpeza. Ao mesmo tempo, recebia noções práticas de farmacologia. Assim, pensava, poderia preparar medicamentos para aliviar as dores das pessoas. Depois de apenas seis meses, foi enviada ao Colégio Santa Bernadete, na mesma capital baiana, a fim de aplicar-se ao magistério. Aí chegou em fevereiro de 1935. Embora indeclinável na obediência, não demonstrava pendor para a sala de aula, excedendo-se muitas vezes na condescendência para com os alunos. Transbordava de contentamento quando podia sair pelas ruas, visitando enfermos e famílias empobrecidas, bem como dando catequese a crianças carentes, estas, em sua maioria, filhas de operários. Desde então, era irrefreável sua disposição de confortar, com a luminosidade de seus olhos juvenis, aos que pareciam haver perdido a esperança de dias melhores.

3. Os clamores da realidade

Pouco a pouco, a península de Itapagipe, situada na Cidade Baixa de Salvador, onde se concentravam muitas fábricas, tornou-se o campo da atuação caritativa e missionária de Ir.

Dulce. Com efeito, não lhe parecia coerente restringir-se aos muros do convento e do colégio, havendo ali tão perto pessoas necessitadas de tudo e esquecidas à própria sorte. Um apelo mais contundente ressoava no íntimo da jovem religiosa. Começou a alfabetizar crianças e adultos, com a ajuda de uma leiga. Ia inclusive às fábricas, despertar nos operários o interesse pelas letras e transmitir-lhes a fé. Os patrões autorizaram que seus funcionários participassem da catequese apenas em horário de almoço. Pouco depois, Ir. Dulce e sua colaboradora passaram às visitas domiciliares, às vezes acompanhadas de outras Irmãs. As sementes lançadas começaram a produzir seus frutos: nos lares e nas fábricas, as relações se enriqueciam e as necessidades mais prementes eram atendidas. Certa vez, o Arcebispo questionou Ir. Dulce quanto a esse apostolado inovador, ressaltando os riscos a que se expunha. Esclarecidas as dúvidas e feitas as advertências, foi-lhe dado continuar sua obra de evangelização e promoção humana.

Começou a contar com a ajuda voluntária de um médico, ao qual encaminhava os doentes que descobria nas casas, particularmente em suas andanças pela região dos Alagados. Seu pai também prestava serviços odontológicos. Com o apoio de benfeitores, montou um pequeno ambulatório que servia também de consultório. Naquele contexto de precariedade, assolado por desemprego, miséria e desnutrição, grassavam facilmente doenças tidas como incuráveis. A tuberculose era uma delas. No colégio, Ir. Dulce arregimentava jovens alunas para contribuir com doações e acompanhá-la em algumas visitas, irradiando assim a força contagiante da caridade. Em suas audazes iniciativas, parecia realmente consciente de que o mais longo caminho começa com um passo. Estava segura também de que, embora sozinha pudesse andar mais depressa, com os outros, iria bem mais longe. Tal convicção se fará uma prática habitual em sua trajetória. E o Senhor, a quem se entregara de coração indiviso, multiplicaria seu pouco muito além do que podia imaginar.

4. O Círculo Operário

Desde o começo, Ir. Dulce soube conjugar assistência e promoção da pessoa humana. Como os operários não estavam suficientemente organizados e não usufruíam de benefícios, descobriu uma maneira de melhorar suas condições de vida e trabalho. Para isso, contou com a ajuda de seu confessor, Fr. Hildebrando, homem de grande sensibilidade social, e de outros colaboradores.

Importava-lhe despertar a consciência dos direitos e deveres dos trabalhadores, sem deixar de socorrê-los em suas necessidades elementares. Enfrentou oposições daqueles que diziam não ser este um campo de ação apropriado a uma religiosa. De outra parte, recebeu acerbas críticas dos que almejavam um movimento mais sindicalizado e aguerrido. É quase sempre assim: de um lado, os que criticam. De outro, os que trabalham. Mas, como Jesus de Nazaré, seu Mestre e Senhor (cf. Lc 4,30), Dulce prosseguia seu caminho, firme em seu propósito de amar e servir, atenta às circunstâncias e aberta a novas possibilidades.

Apesar das resistências, viu nascer o primeiro movimento operário cristão de Salvador. Com o passar do tempo, conseguiu estabelecer uma sede favorável às atividades do grupo que se consolidará como Círculo Operário da Bahia. Ali, seriam oferecidos diferentes serviços de proteção e promoção social: ajudas emergenciais, assistência médica e odontológica, eventos de cultura e lazer, acompanhamento jurídico, escola para os filhos dos trabalhadores, cursos profissionalizantes, etc. Além disso, Ir. Dulce visitava e socorria regularmente os associados doentes e as famílias enlutadas. Em todo seu labor, mantinha-se desvinculada de agremiações partidárias, sem jamais ceder a qualquer horizontalismo ideológico. Confiando na Divina Providência, não receava pedir quando se tratava de ajudar os mais pobres. Contava com o apoio de pessoas modestas e nobres, do simples operário ao presidente da república, passando por pequenos comerciantes e grandes empresários. Os associados também contribuíam com uma quota mensal adaptada às suas possibilidades. Assim, foram obtidos os recursos para a construção da nova sede do Círculo Operário, no Largo de Roma (hoje, Santuário da Imaculada Conceição, onde são veneradas as relíquias de Santa Dulce). O Círculo chegará a ser a associação operária mais numerosa do estado, reunindo mais de 13 mil membros e obtendo o reconhecimento do governo federal. A semente germinou. E a paciência dos esforços foi compensada pela abundância dos frutos.

5. Ao encontro dos mais pobres

Para cuidar sempre mais e melhor dos pobres doentes, Ir. Dulce obteve o diploma de Farmacologia. Na sede do Círculo Operário, tinha sob sua responsabilidade o ambulatório, a farmácia, a escola e as oficinas. Vivia feliz, integrando harmoniosamente consagração a Deus

e serviço aos irmãos. Um dia, encerrado o expediente no ambulatório, deparou-se com um menino de aproximadamente 12 anos. De frágil compleição e rosto macilento, ardia em febre e demonstrava sintomas de malária. Dirigindo-se à jovem religiosa, suplicou-lhe: *"Irmã, não me deixe morrer na rua"*. Tocada no mais íntimo, Ir. Dulce se pôs a refletir. Sem hesitar, fez com que o rapaz entrasse e aplicou-lhe a primeira medicação. Em seguida, levou-o a um lugar chamado "Ilha dos Ratos". Sabia que ali havia algumas pequenas casas inabitadas. Sem temer o perigo, invadiu uma das casas e acomodou o menino. Pediu a uma amiga que fosse olhá-lo enquanto iria buscar suprimentos no convento. Voltou depressa, trazendo consigo alimentos e remédios. Inclinando seu coração compassivo, cuidou daquele jovem famélico e moribundo, com desvelos tão ternos e eficazes que fazem recordar o samaritano da parábola (cf. Lc 10,25-37).

A notícia do arrombamento da casa começou a se espalhar. No dia seguinte, Ir. Dulce tomou conhecimento da situação de uma idosa que agonizava em um barraco insalubre, não muito longe dali. Sem pestanejar, invadiu a segunda casa. Dias depois, veio-lhe um pobre tuberculoso. Não deu outra: terceira casa invadida. Apareceu, então, o proprietário das casas, que denunciou Ir. Dulce à Secretaria de Saúde. A autoridade competente chamou-a e pediu-lhe explicações. A ordem foi dada: as casas deveriam ser desocupadas. Sem maiores detalhes, Ir. Dulce pediu aos doentes que rezassem. Quando voltou à noite, trazendo-lhes os medicamentos e a refeição, notou que já tinham sido alimentados. Quem lhes tinha trazido aquela provisão? O diretor do Centro de Saúde das redondezas, o mesmo que determinara a desocupação das casas. Ele fora ali, acompanhado de funcionários, e se comovera tão profundamente com tudo o que vira que decidiu fazer-se benfeitor daquela incipiente e desajeitada obra de misericórdia. Passados alguns dias, veio o proprietário, furioso, ameaçando mandar Ir. Dulce para a cadeia por invasão de domicílio. Quando se deparou com a situação, também ele se compadeceu. E prometeu esperar até que os doentes se restabelecessem ou viessem a falecer. Como círculos que se formam na superfície de um lago, a caridade invencível daquela frágil Irmã se difundia em proporções sempre mais amplas, alcançando a todos os que dela se aproximavam.

Sabendo, porém, que a generosidade não pode sufocar a justiça, Ir. Dulce se pôs a buscar outras soluções. Ajudada por

alunas e por filhos dos operários, fez com que os arcos da ladeira do Bonfim se tornassem habitáveis e alojou ali os doentes, trazendo-os da Ilha dos Ratos. O prefeito interveio e, sem mais, pôs fim ao que Ir. Dulce fizera. Disse-lhe não querer tornar a cidade repugnante aos turistas. Como não era possível continuar abrigando os pobres nos arcos da Colina Sagrada, ainda era preciso encontrar um lugar que lhes fosse propício. Levou-os, então, para o Mercado do Peixe, cujas dependências se encontravam ociosas. Para alimentar sua gente, Ir. Dulce solicitava donativos às estudantes do colégio e a outros conhecidos. Com o passar do tempo, o prefeito ordenou a desocupação do Mercado, ameaçando efetuá-la à força, caso Ir. Dulce não se mobilizasse. Com a anuência de suas Irmãs, levou os doentes para o espaço contíguo ao Convento Santo Antônio, onde fora instalado um galinheiro. E, mais uma vez, com a ajuda de alunos, amigos e benfeitores, providenciou o necessário para receber ali os doentes, muitos dos quais em fase terminal de câncer, tuberculose, meningite, gangrena, etc. Foram organizados dois pavilhões, um masculino e outro feminino, ambos primorosos pelo asseio e pela ordem. Naquele antigo galinheiro, estavam lançadas as bases do que viria a ser o monumental Hospital Santo Antônio, fundado em 1970.

Ir. Dulce se dedicava cada vez mais aos pobres. Ao notar que o Círculo Operário ia bem, decidiu voltar-se para os mais sofridos: doentes crônicos, menores de rua, idosos abandonados. Duas vezes por semana, saía com outras Irmãs recolhendo enfermos (muitas vezes cobertos de sujeira, feridas e insetos) nas ruas da capital baiana. Havia intuído que, para aproximar-se e cuidar dos que mais precisavam, era necessário sair à noite, renunciando a seu descanso ou às exigências de uma vida mais regular. Ela mesma contou em uma entrevista, concedida ao Jornal *O Globo* (21/9/1961): *"Fazemos esta ronda duas vezes por semana. Saímos eu, outras duas Irmãs e um guarda às 20h30 e retornamos às 23h30, fazendo quatro, cinco ou seis viagens, segundo o número de pobres que encontramos. Levamos todos para nosso albergue, onde quatro Irmãs trabalham comigo. Ali, damos-lhes sopa quente, um lugar para dormir e, às 5 da manhã, eles saem para tentar encontrar trabalho. Aos rapazes, damos frutas ou caixas de engraxate, a fim de que possam vender seus produtos e trabalhar um pouco"*.

A visão cristã de Ir. Dulce sustentava e aperfeiçoava sua inexaurível paciência para com os pobres e os doentes. Alguns episódios ultrapassavam os limites

da mera tolerância. Contam que, certa vez, Dulce servia sopa a um doente que havia recolhido na esquina de uma rua. Depois da primeira colherada, ele cuspiu a sopa em seu rosto. Sem perder a serenidade, deu-lhe outra colherada, dizendo: *"A primeira era minha, mas a segunda é sua. Coma, que vai fazer bem para você"*. De qualquer maneira, a caridade de Ir. Dulce não se estribava em atos heroicos ocasionais. Brotava, na realidade, de uma consistente experiência de fé, enraizava-se em convicções profundas e traduzia-se em uma entrega diuturna e sem regateios. De fato, Ir. Dulce sabia ver tudo a partir do pobre, mas, acima de tudo, sabia ver o pobre a partir de Cristo, como Cristo o via. E era o encontro com Cristo no pobre que a levava a compreender e perdoar a quem já não conseguia sequer compreender e perdoar a si mesmo.

6. As Obras Sociais Irmã Dulce

Vimos como as demandas se avolumavam e as estruturas se tornavam insuficientes. Ao mesmo tempo, novos voluntários se vinculavam à obra de Ir. Dulce: médicos, enfermeiros, educadores, pessoas de boa vontade... A finalidade era clara e inegociável: que ali ninguém deixasse de ser acolhido, atendido e ajudado de alguma maneira. Em suas palavras, *"que o Santo Antônio seja sempre para o indigente, o necessitado. Que nossa porta esteja sempre aberta para os doentes, para os pobres, para as crianças"*. Ir. Dulce havia transformado o então albergue em um hospital para doentes crônicos, portadores de múltiplas deficiências, indigentes sofredores, rejeitados por outras casas de saúde. As dívidas iam muito além das possibilidades imediatas. Era necessário, uma vez mais, pôr mãos à obra, com absoluta confiança na Providência de Deus, vivo desejo de cooperar com ela e apoio de benfeitores generosos. O amor gratuito e desinteressado pelos últimos tornava irresistível qualquer solicitação de Ir. Dulce, augurando-lhe ampla credibilidade social. Os colaboradores eram cativados por sua transparência e bondade. Em aproximadamente nove meses, conseguiu liquidar a dívida do Hospital, com aquela tenacidade que contrastava com sua debilidade física. E muitos melhoramentos e ampliações ainda se efetuariam. Incontáveis pobres doentes haveriam de ser recebidos, curados e restabelecidos no Hospital Santo Antônio. E tudo gratuitamente, como ditara o espírito evangélico de sua idealizadora.A preocupação central de Ir. Dulce era que o Hospital não perdesse seu rumo: *"Que Deus nunca permita que o Hospital Santo Antônio se transforme em fonte de renda sob*

qualquer pretexto, conservando sempre sua finalidade de atender aos pobres, aos doentes e aos necessitados, gratuitamente e com toda a dedicação" (Declaração de Vontade, de 22/9/1974). E a justificativa brotava de sua fé ardente: *"Nosso Hospital Santo Antônio é o único no estado que não recusa os doentes a qualquer hora do dia ou da noite. É um milagre da Divina Providência!"*. Só com o passar do tempo, Dulce aceitou fazer convênios que garantissem maior estabilidade e solidez à obra, sem, contudo, jamais desvirtuar sua exclusiva destinação aos desprovidos de recursos. Uma fundação também foi constituída para dar prosseguimento ao trabalho. Este, segundo sua iniciadora, deveria continuar *"com o mesmo espírito de amor aos mais necessitados"*, como dirá aos cooperadores e funcionários, acrescentando que, *"neste serviço de Deus e dos pobres, chega-se a um ponto em que não se vive mais a própria vida e, sim, a vida deles. Esquecemo-nos de nós mesmos para viver só para Deus e para eles. É preciso, é imprescindível, que se tenha esse espírito de doação total"*. De tudo o que Ir. Dulce comunicava, seu exemplo era o ensinamento mais eloquente. Estava sempre diretamente implicada no cuidado dos doentes. Jamais aceitou fechar-se em um gabinete e resumir-se a funções administrativas. Parecia atualizar em seu modo de proceder o que recomendara, muitos séculos antes, um santo franciscano: *"Quando vais ao hospital e não podes curar o sofrimento do doente, concede-lhe ao menos a esmola de teu coração e a oferta de tua presença"* (São Bernardino de Sena).

Os dados anuais das chamadas *Obras Sociais Irmã Dulce* são, no mínimo, impressionantes e falam por si só: 3,5 milhões de procedimentos ambulatoriais, 954 leitos para o atendimento de patologias clínicas e cirúrgicas, 18 mil internamentos e 12 mil cirurgias, 1,8 milhão de refeições, 11,5 mil atendimentos mensais para tratamento de câncer, mais de 4,3 mil profissionais.

7. A luta pelos menores abandonados

Em frente ao galinheiro convertido em albergue e, depois, em hospital, Ir. Dulce foi, pouco a pouco, construindo um espaço para abrigar menores em situação de rua. Estes, com efeito, eram muito numerosos. E, sabemos, não havia miséria ou sofrimento que não ressoasse naquele coração dilatado pelo amor de Cristo. Anos depois, Dulce recebeu a doação de um velho núcleo agrícola no município de Simões Filho, a 20 Km de Salvador. Com muito empenho, as instalações foram adaptadas

e os menores transferidos para lá. Ali, seria possível efetuar um trabalho sistemático de formação integral e capacitação profissional dos jovens, de modo a inseri-los na sociedade como cidadãos de bem e cristãos convictos.

Deixemos que a própria Ir. Dulce narre um pouco desta sua aventura: *"Para integrá-los à sociedade, procuramos transmitir-lhes valores. Eles aprendem um ofício, fazemos os documentos de que necessitam e eles saem da escola com um trabalho e um lugar decente para viver. Hoje, muitos deles são ótimos profissionais"*. Em outra ocasião, dirá ainda: *"Ao acompanhar de perto o processo de recuperação desses rapazes, vê-se que nada está perdido, que existe sempre um caminho para a salvação, desde que se lhes ofereça a devida oportunidade. É uma experiência única. E a melhor recompensa, recebo quando, transbordantes de alegria, ganham novas forças para superar as dificuldades futuras e esquecer as vicissitudes passadas"*. São muitos os que se orgulham de pertencer ao número dos *filhos de Ir. Dulce*. Ainda hoje, quase 800 crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social são atendidos no Centro Educacional Santo Antônio. Ali, pode-se escutar o palpitar do coração daquela mãe zelosa, cujo cansaço era o descanso dos filhos.

8. Relação com a Congregação

Ao longo dos anos, as superioras da Congregação observavam o trabalho de Ir. Dulce e o desenrolar das obras geridas por ela. Notaram sem dificuldade a complexidade sempre maior dos serviços prestados, sobretudo no que se refere à administração dos recursos. Algumas superioras a questionaram sobre a observância das Constituições, particularmente em relação à clausura e à regularidade dos horários e exercícios. Ir. Dulce e as Irmãs de sua comunidade asseguravam o essencial da oração e da fraternidade, mas não podiam abrir mão da assistência aos pobres em vista de muitas formalidades, algumas até desejáveis e confortáveis. Pediu, pois, conselho a pessoas sábias e prudentes, inclusive ao Arcebispo. Todos lhe diziam o mesmo: mantenha-se firme aí onde está, dócil à vontade de Deus e solícita para com os pobres. De alguma forma, Ir. Dulce podia sentir-se implicada naquele mandato que São Paulo recebeu dos apóstolos: *"Só nos devíamos lembrar dos pobres, o que, aliás, tenho procurado fazer com solicitude"* (Gl 2,10).

Diante da intransigência de uma Provincial, foi obrigada a pedir exclaustração. Quanto pesar lhe custou tal medida! A

comunidade do Convento Santo Antônio foi dissolvida, as Irmãs foram destinadas a outras casas e Dulce ficou sozinha. Em meio à sua desolação, sustentava-a a retidão de sua intenção: *"Quero morrer como religiosa, membro de nossa Congregação"*. Eco do que dissera em outra ocasião: "*Nada deverá dificultar nosso caminho em direção ao Céu. Tristeza, desconforto, dúvidas, problemas de qualquer espécie, nada disso deve contribuir para o enfraquecimento de nossa vocação"*. O então administrador apostólico, Dom Eugênio de Araújo Sales, encarregou-se de acompanhar o discernimento de Ir. Dulce. Ela, de fato, amava visceralmente a Congregação que a tinha formado. Assim se exprimirá, mais tarde: *"Quando a Madre retirou as Irmãs, vários sacerdotes e outras pessoas recomendaram que eu me filiasse a outra congregação ou fundasse uma. Não aceitei, renovando sempre, no íntimo de meu coração, minha primeira escolha"* (Carta à Provincial, de 16|5|1975). Jamais, porém, deu vazão a ressentimentos, como testemunhou uma de suas Irmãs mais próximas: *"Quando a Madre retirou as Irmãs do Hospital, Ir. Dulce sofreu muito, mas não alimentou nenhum rancor em relação a ela. E todos os dias rezava pela Madre. Quando a mesma passava pela obra, Dulce a tratava com toda atenção e afeto, como se nada tivesse acontecido"*. Vestida com o hábito da Congregação, continuou a observar integralmente sua vida religiosa, residindo no Convento Santo Antônio, junto aos pobres. Em 8 de maio de 1969, escreve à Superiora Geral, deixando transparecer a fortaleza inexpugnável de seu espírito de fé, alento em meio à solidão e à fadiga: *"Continuo, como sempre, com muito trabalho. Recebo a Santa Comunhão todos os dias e faço minhas orações* (...). *Estou sozinha; não só, porque estou com Deus. Às vezes, sinto saudades dos bons tempos do noviciado, dos primeiros anos. Agora, só tenho Deus e o trabalho, que é muito difícil e duro. Mas tudo aquilo que se faz por Deus na pessoa do pobre é pouco"*.

A 5 de setembro de 1975, o Cardeal Arcebispo, Dom Avelar Brandão Vilela, interveio em favor de Ir. Dulce, escrevendo à Madre Geral: *"Venho fazer-lhe um apelo com relação à readmissão de Ir. Dulce na Congregação. Acredito que tenha chegado o momento de dar-lhe esse conforto espiritual. Ela deseja, ardentemente, merecer essa graça. E, de fato, merece-a. O caso de Ir. Dulce deve ser enquadrado de maneira particular* (...). *Considero que a concessão solicitada seria uma obra de caridade e de justiça"*. No dia 2 de janeiro de 1976, a Congregação reintegra Ir. Dulce ao seu quadro. Assim, era reconhecida a singularidade do carisma pessoal que ela havia recebido do Espírito, agora

devidamente recolocado no panorama mais amplo do carisma da Congregação das Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, do qual Ir. Dulce jamais abrira mão. *"Um chamado dentro do chamado"*, para usar a expressão com que Madre Teresa de Calcutá costumava traduzir a especificidade de sua vocação de servidora incondicional dos pobres enxertada na comum vocação à VC.

Não resta dúvida de que Ir. Dulce sofreu com os revezes de seu vínculo com a Congregação. Contudo, jamais permitiu que o lamento prevalecesse sobre a confiança, a desolação superasse a entrega e a amargura esmagasse a alegria. Sabia encharcar de sonhos as areias do realismo e cultivar utopias que infundiam esperança. Assim, ensinava que apostar nos rebentos vale mais do que chorar as folhas que caem e comunicava a segurança de quem vê iluminar-se o horizonte com os primeiros raios do sol.

9. Fundadora

Em 1984, Ir. Dulce recebe algumas jovens desejosas de dedicar-se inteiramente ao serviço dos pobres. Depois de comunicar ao Arcebispo, reúne-as no educandário de Simões Filho. Sua intenção era fundar uma associação de mulheres consagradas que pudessem dar continuidade à sua obra, uma vez que nem o Arcebispo, nem a superiora de sua Congregação, nem Madre Teresa de Calcutá (com quem se encontrara em 1979, em Salvador) aceitaram assumir a empreitada. O pequeno grupo inicial, composto de 11 moças, era orientado por sacerdotes amigos de Ir. Dulce e apoiado economicamente por benfeitoras. Nascia, assim, a Associação das Filhas de Maria Servas dos Pobres.

10. No entardecer da vida

Em 1988, Ir. Dulce foi indicada pelas autoridades brasileiras para o Prêmio Nobel da Paz. Indicação aplaudida de pé pelo povo. Na ocasião, um parlamentar escreveu: "A fragilíssima santa baiana é merecedora desse reconhecimento pela grandiosidade de sua obra, por sua eloquente prática de amor ao próximo, por seu exemplo de abnegação e humildade". O Nobel não lhe foi outorgado, mas, para os brasileiros, o legado de Ir. Dulce continua sendo um dos mais belos prêmios concedidos aos pobres e à nossa inteira nação.

Com o avançar dos anos, a saúde de Ir. Dulce ia se deteriorando sempre mais. O enfisema pulmonar acarretava-lhe contínuos sofrimentos e, cada vez mais frequentemente, era obrigada a submeter-se a um balão de oxigênio. Já em 1990, seu quarto foi transformado em uma UTI para

que ela estivesse perto dos pobres e desfrutasse do afeto de seus familiares, Irmãs e colaboradores. No dia 20 de outubro de 1991, recebe, quase sem poder falar, mas plenamente lúcida, o Papa João Paulo II. Em julho de 1980, já o tinha recepcionado por ocasião de sua primeira passagem por Salvador, fortemente aclamada pela multidão. No dia 13 de março de 1992, às 16h45, aos 77 anos, visitada pela irmã morte, Ir. Dulce adormece na paz do Senhor.

Impulsos à Vida Consagrada

De acordo com o Magistério e a Teologia atual, três são os elementos que definem e estruturam a VC: experiência de Deus, comunidade fraterna e missão evangelizadora. Vejamos como esta tríade identitária se fez presente na trajetória de Ir. Dulce Lopes Pontes e deixemo-nos interpelar por sua maneira de responder às exigências dessa vocação específica que nos coloca em um mesmo caminho de santidade.

O primado de Deus em uma vida de doação e serviço

Em todos os tempos e lugares, a VC tem radical necessidade de sedimentar e aprofundar sua experiência de Deus como único absoluto, no seguimento de Jesus Cristo. Foi o que fizeram os discípulos da primeira hora, introduzidos na intimidade de Jesus com o Pai, eixo dinamizador de sua vida doada por amor (cf. Lc 11,1-13). Com limpidez ainda maior, adverte-se tal necessidade em tempos de crise de sentido e secularização. Sem o referencial fundante da experiência cristã de Deus, a VC languidesce, esvazia-se e fenece. Seu Deus é

seu tudo, diríamos parafraseando o Poverello de Assis. Nas palavras contundentes e acertadas de um teólogo contemporâneo, "quando falta a experiência de Deus ou o sabor evangélico, a VC se converte em uma farsa, que envergonha os de dentro e escandaliza os de fora" (Felicísimo Martínez Díez, OP).

Ir. Dulce parecia ter essa convicção gravada com letras de ouro em sua existência inteiramente consagrada ao Senhor e generosamente doada aos irmãos. Por isso, não hesitava em explicitar: "Minha vida é toda dedicada a Deus e aos pobres". Com efeito, o amor gratuito do Senhor era a fonte da qual hauria o sustento de sua fidelidade e o impulso de sua perseverança: "É tão bom amar a Deus e ser amada por ele!", escreverá à sua irmã, nos albores de sua juventude. Por ocasião de seu jubileu de prata de Profissão Religiosa (15|8|1959), fez que se imprimisse na lembrança distribuída aos presentes: "Tenho apenas um desejo: que Deus seja glorificado. Um único padecimento: vê-lo ignorado e ultrajado. Um único temor: ofendê-lo e contrariá-lo por qualquer infidelidade". Ressonância talvez do que aprendera na escola de São Francisco: "O Amor não é amado". A paixão por Deus era o centro vital de tudo o que Ir. Dulce empreendia em favor dos pobres. Ela se dizia tão somente um pequeno instrumento, do qual a Providência se servia para realizar seus desígnios de bondade: "Somos um simples e humilde instrumento de Deus. Tudo o que fazemos é apenas uma gota d'água no oceano da vida". Esta autopercepção dilatava sua liberdade e encorajava sua prontidão, preservando-a da soberba, da vaidade e do afã de protagonismo. Para Ir. Dulce, seguir a Cristo consistia em amá-lo como esposo, contemplá-lo na cruz, recebê-lo na Eucaristia e servi-lo nos menores dos irmãos. Dar-lhe tudo sem cálculos e dele tudo esperar, eis aí sua busca e sua recompensa, seu caminho e sua coroa: "Quando se ama a Jesus e se entrega a alma e o amor somente a ele, deixando tudo por ele, quanta ternura, amor, constância ele tem por nós!".

E onde Ir. Dulce revitalizava constantemente sua intimidade com Deus e sua identificação com Cristo? Ela mesma no-lo responde: *"Toda nossa força está na oração. Sem ela, não podemos fazer nada. É por intermédio da oração que obtemos de Deus as graças necessárias para executar bem nossa missão entre os pobres. Somos criaturas humanas, frágeis e sujeitas às tentações. Através da oração, Deus nos transmite todas as graças de que necessitamos para levar a cabo nosso trabalho de amor e dedicação sem reservas aos nossos irmãos sofredores, os pobres"*. E, com a autoridade de seu exemplo,

conclui: *"A oração é o alimento de nossa alma, não podemos viver sem rezar"*. Não obstante sua intensa e vasta ação caritativa, com todos os seus desdobramentos práticos e compromissos diários, não era raro encontrar Ir. Dulce de joelhos diante do sacrário, em silente recolhimento. Estava, pois, convencida daquela lapidar afirmação de Santa Teresa de Calcutá: *"Sem Deus, somos muito pobres para ajudar os pobres"*.

A experiência espiritual de Santa Dulce dos Pobres é mais uma demonstração da certeza que um autor sintetizou assim: *"Em termos de VC, o que nos nutre em profundidade não são as atividades desempenhadas em nome do carisma, por mais importantes e intransferíveis que sejam. Tampouco nos nutrem os conceitos intelectuais elaborados a partir da razão iluminista e suas argumentações, e tampouco os conceitos teológicos sobre a história da salvação. O que nutre, de fato, e mantém de pé a vocação à VC e, em última instância, a vocação de todo cristão batizado, é o encontro pessoal com Jesus. Encontro regular, perseverante, tanto nos momentos de alegria quanto nos momentos de tristeza e fracasso"* (Alfredo José Gonçalves, CS).

A audácia da caridade

A VC não existe para si mesma. Sua finalidade não se reduz à manutenção de suas estruturas e à preservação de seus membros. A VC existe para o Reino de Deus, para encarnar o Evangelho *"sine glosa"*, proclamando-o mais com a presença e a ação do que com a palavra (cf. 1Jo 3,18). De fato, lembrava o grande Santo Antônio, *"a palavra é viva quando são as obras que falam"*. Portanto, a missão não é um acessório ou uma alternativa. A missão pertence à essência mesma da VC, como irradiação de seu ser e elemento

"Toda nossa força está na oração. Sem ela, não podemos fazer nada. É por intermédio da oração que obtemos de Deus as graças necessárias para executar bem nossa missão entre os pobres."

constitutivo de sua identidade na Igreja e no mundo. Em outros termos, no terreno da VC, não se separa jamais ser e agir. Se somos, agimos. Quando agimos, somos.

Ir. Dulce soube traduzir em obras inspiradas pelo amor o que significa ser de Deus para os outros, especialmente para os esquecidos e espoliados. Não havia hora ou situação que a impedisse de acercar-se aos pobres e atender a quem lhe procurava. *"A caridade não pode ter as mãos amarradas"*, afirmava. E, em outra ocasião: *"Prefiro trabalhar em silêncio. O importante é praticar a caridade, não falar de caridade. Não me canso, esta é minha missão. Considero tudo o que foi conseguido até hoje como graça de Deus"*. Desde o começo de sua vida de religiosa, eram impressionantes a disposição e a coragem que demonstrava quando se tratava de sair ao encontro dos pobres, visitando-os em seus tugúrios, recolhendo-os das sarjetas, pensando suas feridas, sanando suas enfermidades, formando-os para a vida, transmitindo-lhes a fé, reivindicando seus direitos. Como Francisco de Assis, Ir. Dulce abraçou para sempre os mais sofridos e abandonados deste mundo. E o fez com gentileza e firmeza, ternura e vigor. Pelos pobres, vistos e amados como irmãos, não temia expor-se a incompreensões e perigos, ainda mais quando se tratava de defendê-los e promovê-los: *"Muitas pessoas afirmam que faço mal em proteger e defender os pobres. Só quem convive diariamente com eles pode avaliar o quanto sofrem, o quanto necessitam da Palavra de Deus, de uma mão amiga que se estenda em direção a eles. Muitos de vocês me criticam, dizendo que faço mal, que mimo os pobres. Quem de nós que se encontrasse na mesma situação não gostaria de receber tudo? A estes, ao contrário, digo-lhes: "Ajudem-me! Deem-me a possibilidade de ajudar esses pobres irmãos a saírem dos barracos cobertos de papelão ou de latas velhas, famintos, desempregados, doentes. Seus filhos, suas mulheres também têm fome. Eles hoje estão morrendo e não sabemos se estarão vivos amanhã, quando conseguirmos aquilo que é, sem dúvida, um sacrossanto objetivo"*.

O olhar transfigurado pela fé ampliava as fronteiras do coração de Ir. Dulce e incentivava suas ações, inclusive em face dos preconceitos e discriminações que pesavam sobre os pobres. O princípio cristão de ver a Cristo nos *menores dos irmãos* não se restringia a um exercício piedoso. Tratava-se, na verdade, da melhor maneira de compenetrar-se da dignidade dos pobres e da urgência de salvaguardá-la e fazê-la respeitar: *"Muita gente acredita que não devemos dar aos pobres a mesma atenção que damos às outras pessoas. Para mim, o pobre, o doente, aquele que sofre, o abandonado, é a imagem de Cristo* (...).

Se virmos o pobre com esses olhos, seu exterior, o estar sujo, cheio de parasitas, com grandes chagas, não nos incomodará, pois em sua pessoa está presente o Cristo sofredor. Somente quem convive com o pobre pode compreendê-lo. Muita gente pensa que faço muito, que concedo muita atenção aos pobres, e me criticam por isso. Cada um de nós não gostaria de ser bem recebido, de ser bem tratado? E o pobre não possui o direito de ser bem acolhido, de receber todas as atenções espirituais e materiais? (...). *Fazemos muito por eles? Eu pergunto: É muito o que fazemos por Deus? Ele não merece tudo de nós? Se o pobre representa a imagem de Deus "estava nu e me vestiste, doente e me visitaste, com fome e me deste de comer (cf. Mt 25,35-36) "então, pode ser demais aquilo que fazemos pelos pobres?*.

Ir. Dulce sabia colocar-se no lugar dos pobres e adaptar-se às circunstâncias para fazer-se mais eficaz no atendimento das demandas provenientes das situações com as quais se deparava. Não se perdia em considerações ingênuas e idealizadas a respeito dos pobres, muito menos em infrutíferos e ácidos discursos ideológicos. Seu realismo era carregado de esperança e sua pedagogia encharcada de amor. Era o que se podia inferir, por exemplo, em sua compreensão da situação dos menores que viviam pelas ruas: *"Esses jovens são muito violentos e agressivos. Desde pequenos, aos quatro, cinco anos, são muito violentos. Procuramos educá-los através do amor, sem castigos físicos. É necessário ter muita paciência e amor a Deus para trabalhar com esses jovens. Eles estão habituados a ser maltratados em casa, são perseguidos na rua, são espancados e revidam. Somente com muito amor conseguimos recuperar jovens como esses"*. A Ir. Dulce, o que mais lhe importava era recuperar o ser humano naquilo que ele tem de mais profundo, em sua dignidade de pessoa, de filho amado de Deus, por mais desfigurada que essa dignidade pudesse parecer.

A conclusão a que chegamos não pode ser outra: como Ir. Dulce, encontrar a orientação basilar de nossa consagração na missão, na caridade sem limites, no serviço desinteressado aos últimos. *"Nesses anos todos, tenho lutado e sofrido muito, mas sempre feliz, pois sei que estou servindo a Deus na pessoa do pobre"*. Aí se escondia a *"perfeita alegria"*, de que falava Francisco de Assis!

Uma missão compartilhada

Na estrada da VC, não caminhamos sozinhos. Recebemos do Senhor um chamado que nos irmana em comunidade e nos confere uma mesma missão. Em seu *Testamento*, São Francisco

escreveu: *"Depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrava o que deveria fazer, mas o próprio Altíssimo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do Santo Evangelho"*. Assim como a vida espiritual e o apostolado, também a fraternidade nasce e se nutre de uma visceral experiência de fé que nos confirma na vocação e nos pede viver em comunhão a aventura do Evangelho (cf. Mc 3,13-19).

Ir. Dulce estava muito consciente dessa verdade. Por isso, jamais quis apartar-se da Congregação a que pertencia e sofreu muito quando a exclaustração lhe foi imposta como condição para prosseguir em sua missão junto aos pobres. Sentia falta de suas Irmãs e ansiava pelo dia em que poderia voltar a viver em comunidade e compartilhar os serviços com suas companheiras de carisma. Curioso notar como nenhuma influência, nem mesmo as mais sinceras e abalizadas, conseguiu demovê-la do propósito de viver e morrer como membro de sua família religiosa. Em 6 de fevereiro de 1970, em pleno período de exclaustração, escreve à Superiora Geral: *"Sinto muitas saudades das Irmãs, da comunidade, mas enfrento até mesmo este sacrifício pelos pobres"*. E encerra sua missiva com estas palavras: *"Adeus, cara Madre! Abençoe a filha que lhe quer muito bem e que deseja morrer como Ir. Dulce, Missionária da Imaculada Conceição"*. À Madre Geral seguinte, assegurará: *"Serei Irmã da Imaculada Conceição até o fim, com a graça de Deus"* (3/1/1971). Este firme sentido de pertença era o fruto sazonado de seu discernimento iluminado pela fé.

Por outro lado, Ir. Dulce compartilhava sua vida e missão, suas convicções e seus esforços, sua oração e seu trabalho com voluntários e colaboradores. E estes eram muito numerosos. Sabia cativá-los, respeitando, valorizando e integrando as diferentes competências. Como jamais menosprezava as exigências da caridade, estava persuadida da necessidade de formar e capacitar, a fim de suscitar motivações mais consistentes naqueles que se colocavam a serviço dos pobres em suas obras. Deixará por escrito aos dirigentes: *"O mais difícil vai ser conseguir pessoas capazes para este trabalho. Mas não desanimem. De vez em quando, façam reuniões, procurem na medida do possível manter em suas mentes e despertar em seus corações a chama da caridade, da doação àqueles que nos estão confiados. Deus os recompense"* (15|2|1984). Outro traço característico da missão compartilhada de Ir. Dulce dizia respeito à confiança demonstrada na generosidade de seus benfeitores: *"Não existe gente melhor do que esta da Bahia. Cada dia que amanhece e em casa*

não temos nada, quando volto, encontro sempre o necessário para aquela jornada". Nas providências humanas, atua a Providência de Deus, revelando sua predileção pelos pobres e sofredores.

Em uma recente entrevista sobre o passado, o presente e o futuro da VC, assim se expressou o Papa Francisco, ao referir-se à partilha de nossa missão com os leigos: *"Quando falamos das obras, um sinal claro de que nelas há vitalidade é o fato de serem capazes de agrupar leigos comprometidos com a missão que ali se realiza. Sem dúvida, temos que animar e formar os leigos que trabalham com as diferentes congregações e com as pessoas consagradas, mas temos também de convocá-los a obras e instituições capazes de ser significativas. O cuidado pastoral que devemos ter com os leigos há de chegar ao ponto de não deixar nenhum deles tanto sem formação quanto sem uma clara pertença. Temos de criar instituições e obras capazes de provocar essa pertença carismática"* (*La fuerza de la vocación*, pp. 106-107). Belo retrato do empenho de Ir. Dulce Lopes Pontes!

O alentador testemunho de Santa Dulce dos Pobres pode despertar em todos nós, consagrados(as), o anseio inadiável de revitalizar nossa forma de vida desde seus fundamentos, passando da superficialidade à profundidade, do isolamento à fraternidade, das zonas de conforto às periferias. Resta-nos, pois, compartilhar daquela fé confiante e audaz que movia seus passos e fortalecia seus braços. Suas palavras são a melhor garantia de que vale a pena palmilhar o mesmo caminho que ela trilhou: *"Se fosse preciso, começaria tudo outra vez, do mesmo jeito, andando pelo mesmo caminho de dificuldades, pois a fé, que nunca me abandona, me daria forças para ir sempre em frente"*.

Para refletir

- Ir. Dulce encontrou o sentido de sua vida no dom total de si. Quais os aspectos de sua trajetória que mais nos impulsionam a integrar e a entregar nossa vida de consagrados(as)?

- A experiência de fé de Ir. Dulce foi o núcleo estruturante de sua doação. De que maneira a fé tem influenciado e dinamizado nossa conduta e ação?

- Ir. Dulce viveu exemplarmente o que a VC tem de mais essencial. Que inspiração colhemos de seu itinerário para aprimorar entre nós o vínculo entre a mística, a comunhão e a missão?

01. A ABUNDÂNCIA DE BENS COMO GAIOLA DE OURO

Pe. Alfredo J. Gonçalves, cs

A vida de um homem não consiste na abundância de bens, diz o texto do Evangelho escolhido para o 18º domingo do tempo comum do ano C (Lc 12, 13-21). Quem não a deseja com toda sofreguidão – essa "abundância de bens"? Bens, mais bens, sempre mais bens! O prazer de ir às compras como uma forma de lazer por excelência. O lucro a qualquer preço e a acumulação de renda e riqueza, combinados e entrelaçados, constituem a pedra angular do sistema político e econômica que emerge com a Revolução Industrial. O aumento sem precedentes da produção e da produtividade redobra o instinto de ganância ambição. Eleva o desejo a uma potência nunca antes experimentada. O *ser* cede o lugar ao *ter e aparentar*.

De acordo com os economistas clássicos, como Adam Smith e David Ricardo, nasce a noção de capital e de sistema capitalista de produção, em particular com a obra em cinco volumes sobre *A riqueza das nações*, de Smith. Aproximadamente um século mais tarde, semelhante dinamismo econômico ganharia uma nova compreensão com os escritos de Karl Marx e Friedrich Engels e com a publicação d'*A ética protestante e o espírito do capitalismo*, obra igualmente clássica de Max Weber. Este mesmo autor iria cunhar a expressão "gaiola de ouro" para designar o bem estar egocêntrico e individualista da vida moderna, recheada de inovações tecnológicas para todos os gostos e alguns bolsos.

As palavras do Evangelho não deixam de jogar viva luz sobre

essa "gaiola de ouro", tanto de ontem quanto de hoje. De fato, diz o homem rico da parábola contada por Jesus: "Já sei o que vou fazer. Vou derrubar meus celeiros e construir maiores; neles vou guardar todo meu trigo, junto com meus bens"! O homem teve uma safra surpreendentemente positiva. Produziu muito acima de suas necessidades. Qual a solução? Ampliar os armazéns, guardar, acumular! Em seguida, diz para si mesmo: "Descansa, come, bebe, aproveita"! Nos tempos atuais, a solução certamente se torna bem mais complexa. Talvez vender a produção excedente pelo melhor preço do mercado internacional, colocar o dinheiro no banco, investir nas ações da bolsa de valores, entrar no jogo financeiro do cassino mundial.

Entra em cena a voz silenciosa de Deus. Voz que mora na consciência de toda pessoa humana: "Louco, insensato"! O homem não se dá conta que, ao erguer celeiros maiores, está construindo a própria "gaiola de ouro". De que adiante toda essa riqueza acumulada, se ela traz embutida os germes da escravidão e da corrupção? Fartura estéril de um prisioneiro. Prisioneiro em dupla dimensão. Em primeiro lugar, porque os bens o manterão permanentemente acorrentado à preocupação do proprietário que, ao esconder a riqueza, atrai sobre si a cobiça dos vizinhos e a astúcia dos ladrões, sem falar da traça que a corrói. Como garantir a segurança? Depois, prisioneiro do próprio desejo. Riqueza chama riqueza, bens somente se satisfazem com novos bens. "Quem mais tem mais quer" – diz com razão o ditado popular.

O rato caiu na ratoeira, o homem caiu na cilada. A acumulação oculta armadilhas imprevistas.

Existe saída para essa gaiola revestida de ouro? O desafio está na superação do sentido de "viver bem" para o sentido bem mais profundo do "bem viver". No primeiro caso, trata-se de desfrutar de forma egoísta, predatória e inescrupulosa os bens que a natureza e a tecnologia colocaram à disposição dos seres humanos. No segundo caso, a fortaleza cerrada dos bens guardados se abre à partilha, à distribuição, à solidariedade. Descortina-se o horizonte da responsabilidade de toda pessoa, grupo, sociedade, povo, nação, enfim, da humanidade

> "Todos nos tornamos responsáveis em um tríplice rumo: com relação à preservação do meio ambiente, com relação aos pobres e excluídos do planeta, com relação às gerações futuras."

como um todo. Ou seja, todos nos tornamos responsáveis em um tríplice rumo: com relação à preservação do meio ambiente, com relação aos pobres e excluídos do planeta, com relação às gerações futuras. Enquanto a noção de "viver bem" tem o olhar preso ao próprio umbigo, e ao próprio prazer, o conceito de "bem viver" mira sua atenção para o cuidado com a vida em todas as suas formas (biodiversidade) e para a continuidade da história uma história justa, fraterna e solidária.

02. PRESENÇA DA CRB NO 4º CONGRESSO VOCACIONAL DO BRASIL

Ir. Clotilde Prates de Azevedo, ap

O 4º Congresso Vocacional do Brasil, com o tema: "Vocação e Discernimento", aconteceu de 05 a 08 de setembro no Centro de Eventos Padre Vitor Coelho de Almeida, no complexo do Santuário de Aparecida. O evento contou com a participação de mais de 600 pessoas ligadas diretamente à pastoral vocacional e representantes dos diversos organismos e vocações na Igreja do Brasil. Pela CRB participaram como delegados mais de 180 religiosos e religiosas de diversas Congregações e das 20 Regionais da CRB, 4 representantes da Vida Monástica, a presidente da Conferência ir. Maria Inês Ribeiro e ir. Clotilde P. Azevedo assessora do Setor Juventudes.

Dom Walmor Oliveira Azevedo, presidente da CNBB, na celebração de abertura insistiu sobre a importância do zelo pela fonte da consciência vocacional que não pode ser assoreada – "Promover a consciência vocacional na Igreja significa que antes de qualquer projeto precisamos olhar para nós.

O tema central do Congresso "Vocação e Discernimento", foi trabalhado pelo Padre Amedeo Cencini que salientou

a necessidade de buscar novos caminhos "o mundo que deixamos atrás não voltará, por isso, não se deve trazer coisas antigas para o hoje. Pois a fé é sempre nova e o Deus que ser revela hoje é sempre novo". Ao falar da realidade juvenil, Cencini destacou que se "há uma geração incrédula é porque não há figuras de referências próximas, os adultos são imaturos na fé; há comunidades sem senso de pertença e compromisso missionário". Ao falar da sensibilidade vocacional lembrou que a mesma "surge do desejo interior de buscar o sentido da vida. Trata-se de uma intervenção que visa formar nos jovens uma atitude/disponibilidade em várias áreas de sua vida. Não é algo isolado que surge espontaneamente". O assessor afirmou também que "se uma atividade pastoral não ativar um processo vocacional ela não é cristã".

"A caminhada da Pastoral Vocacional" foi o tema apresentado pelo Pe. Angelo Ademir Mezzari, que percorreu os últimos 30 anos da caminhada vocacional no Brasil. Em sua fala, o assessor destacou que "A pastoral vocacional se torna prioritária neste novo momento da história da evangelização, por meio do suscitar e acompanhar as vocações para o serviço da comunidade e para a atuação profético transformadora na sociedade".

Os dias do Congresso foram marcados pela alegria, descontração e busca conjunta de novos caminhos para a animação vocacional no Brasil, que podem ser sintetizadas por alguns elementos destacados pelos trabalhos de grupos e oficinas:

- Que a cultura vocacional contagie e anime todos na Igreja;
- Reforça-se a necessidade de que em cada comunidade eclesial exista uma equipe vocacional paroquial em sinergia com as demais pastorais, a partir de um agir sinodal e em rede;
- É urgente uma pastoral vocacional em saída que vá ao encontro dos jovens;
- Todos os animadores e animadoras vocacionais sejam apaixonados pelas vocações;
- Que o desafio do acompanhamento vocacional personalizado seja a metodologia para o discernimento de todas as vocações;
- Que todos na Igreja assumam o compromisso da oração pelas vocações;
- Que a partir do Sínodo da Amazônia se desenvolva e fortaleça uma pastoral vocacional com rosto Amazônico.

03. ASSEMBLEIA FORMATIVA REGIONAL BRASÍLIA

Realiza-se, nos dias 14 e 15 de setembro, na Casa de Retiro Assunção, em Brasília(DF), a Assembleia Formativa Regional Brasília, Formosa e Luziânia. Em pauta está sendo tratado: o Espaço geográfico de Brasília – nosso chão, o chão que pisamos (análise de conjuntura com a assessoria do Prof. Aldo Paviani. Análise de conjuntura política, social e econômica, pelo Pe. Thierry-Jean Linard de Guertechin, sj. Foi feita memória da realidade da Regional e a montagem dos paineis ontem e hoje, com os retratos das Congregações e sua missão em Brasília. Ir. Dionisia Duarte apresentou a Assembleia Geral Eletiva realizada de 10 a 14 de julho deste ano, o Horizonte e as Prioridades para o próximo Triênio 2019-2022.

O domingo foi introduzido com celebração eucarística presidida pelo Cardeal de Brasília, arcebispo Dom Sérgio da Rocha que, na homilia lembrou que nossa esperança vem da misericórdia de Deus. Que sejamos uma Igreja misericordiosa, de portas abertas.

A Assembleia está sendo concluída com escolhas de Projetos que respondem aos Horizontes e Prioridades da Assembleia Geral e aos Ecos do chão que pisamos na Regional de Brasília.

04. ASSEMBLEIA GERAL REGIONAL DE RECIFE

Realizou-se a 49ª Assembleia Geral Regional Eletiva, no auditório do Colégio Damas, com a presença do Ir. Jardelino Menegat, FSC, representante da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB Nacional), com 167 Irmãs e Irmãos presentes. Em torno do tema: A Vida Religiosa Consagrada em Processo de Transformação. O clima ainda ficou mais fraterno e sororal.

Eleita pela Assembleia, a Coordenação acolheu novos membros, para o triênio 2015-2018, ficando assim constituída:

Coordenador: Pe. Carlos Alberto da Costa, SCJ
Secretária: Ir. Paula Francinette da Silva, INSG
Tesoureiro: Fr. Tiago Santos da Silva, OFMCap
Conselheira: Ir. Maria Consuelo Tavares, OBS
Conselheira: Ir. Maria do Carmo Santos, ISDF

Agradecemos ao Pe. Robson Barros, SDB e Ir. Maria do Carmo Ferreira, RIC, pelo serviço fraterno que realizaram para animar a Vida Religiosa Consagrada da Regional Recife.

Ao Nosso Senhor que nos enche de amor, a nossa gratidão.

05. PERSPECTIVA DA CRB SOBRE O 4º CONGRESSO VOCACIONAL DO BRASIL

CONTRIBUIÇÃO DA CRB PARA A REVISTA ROGATE

Ir. Maria Inês Vieira Ribeiro, mad[1]

A Conferência dos Religiosos/as do Brasil marcou presença no 4º Congresso Vocacional do Brasil, com representantes das 20 Regionais. Há quase três anos estamos empenhados/as na motivação da Vida Religiosa Consagrada quando a animação vocacional. Assim, o Setor da CRB para as Novas Gerações, Juventudes e SAV tem fortalecido ou feito nascer Equipe de Animação Vocacional em todos as Regionais.

Participando do 4º Congresso Vocacional do Brasil temos como perspectiva:

– Formação dos/as participantes quanto ao crescimento da consciênciada cultura vocacional. Esta não tem meta de chegada. É um caminho longo e exige passos. Não dá mais para manter a centralidade do serviço de animação vocacional exclusivo para a vocação ao sacerdócio e a vida consagrada;
– Dinamização das Equipes das Regionais e Núcleos, não centralizada somente na CRB, mas buscando acompanhar as Equipes Regionais da CNBB e das Dioceses e Paróquias bem como colaborar e dar impulso onde não existe Equipe Vocacional.
– Animação da Vida Consagrada quanto ao empenho junto aos adolescentes e jovens, com mais atenção ao Itinerário Vocacional: Despertar, Discernir, Cultivar e Acompanhar. Existem muitos Institutos recuando, apáticos, deixando de viver e anunciar o próprio Carisma que é um grande dom para a Igreja.

1 Presidente Nacional da CRB

– Motivação para uma caminhada conjunta. Como CRB desejamos superar os centralismos e fortalecer a comunhão entre os diversos organismos, no testemunho de vida e na profecia.

Aparecida/SP, 7 de setembro de 2019

06. ASSEMBLEIA FORMATIVA E ELETIVA DA CRB REGIONAL CAMPO GRANDE/MS

Nos dias 13 e 14 de setembro aconteceu, em Campo Grande, a Assembleia formativa e eletiva da CRB – Regional CG/MS. Foram dias de ricas partilhas da caminhada de cada núcleo e GTs Indigenas, SAV, Juninter e Aspirinter. Tivemos também um tempo para fazermos memória das propostas do plano trienal que conseguimos vivenciar na regional e as ações concretas vividas até este momento.

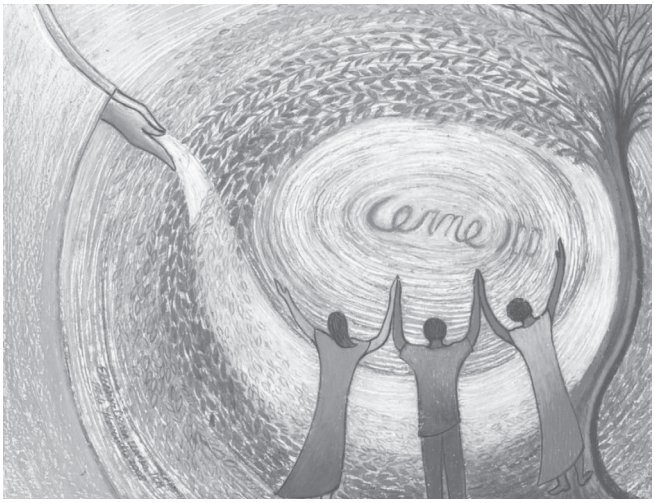
07. ASSEMBLEIA FORMATIVA E ELETIVA DA CRB REGIONAL PALMAS/TO

Com boa participação realizaram-se as Assembleias regionais de Palmas – Tocantins nos dias 20 e 22 de setembro, com assessoria da Ir. Ana Teresa e de Porto Velho (RO), nos dias 21 a 22/09, com assessoria da Ir. Eliene. Que os frutos sejam abundantes.

08. NOTA SOBRE O CERNE 120

O Centro de Renovação Espiritual (Cerne) faz parte do Programa de Formação Permanente que oferece a CRB Nacional. Este programa está orientado aos religiosos/as que já cumpriram 15 anos de vida consagrada ou mais. Tem uma duração de 40 dias, em sistema de semi-internato.

Este programa é mais que uma formação em sentido acadêmico,



é uma experiência vivencial. Embora, contemple momentos formativos. Em relação à formação, a "dinâmica global do Cerne destacam-se conteúdos que abrangem as dimensões psicológica, espiritual, teológica e social". Os temas trabalhos são os seguintes: Psicologia na VRC: Crescimento pessoal e comunitário, Análise de conjuntura – Desafios à VRC, Leitura Orante da Palavra de Deus, Jesus de Nazaré – Espiritualidade do Seguimento e Maria Discípula, Consagração e Conselhos Evangélicos, Itinerário Mistagógico e Fidelidade na VRC. O programa se conclui com um retiro espiritual de sete (7) dias. A Espiritualidade é um eixo transversal no processo de realização do Cerne.

O Cerne acontece duas vezes ao ano, em diferentes regiões do Brasil. E a preparação do mesmo, conta com a colaboração da CRB Regional. Este processo de preparação dura geralmente um ano. Enquanto se realiza o Cerne em curso, já estamos trabalhando em vista do próximo.

O Cerne de Petrópolis/RJ realizou-se entre os dias 15 de setembro a 24 de outubro de 2019, e contou com 41 inscritos, mas efetivamente, os participantes que chegaram até o final do processo, foram apenas 37 religiosos/as vindos de quatro (4) regiões do Brasil – Norte, Nordeste, Sul, Sudeste -, e também do exterior. Este ano tivemos a presença de 32 Congregações religiosas. Durante o Cerne forma-se uma verdadeira comunidade intercongregacional. É de uma riqueza imensa a partilha e a convivência de tantos Carismas e espiritualidades distintas.

Todos os participantes avaliam que esta experiência toca e transforma profundamente suas vidas. A renovação espiritual do Cerne gera novo entusiasmo na vida dos religiosos/as que têm o privilégio em participar do mesmo.

Coordenadores do Cerne
Pe. Toninho e Ir. Anna Christina

"FAZEI TUDO O QUE ELE VOS DISSER" (JO 2,5)

Frei Moacir casagrande, OFMcap.[1]

Este é o lema da 25ª Assembleia Geral Eletiva da Conferência dos Religiosos do Brasil, realizada em Brasília de 10 a 14 de julho de 2019, que iluminará a caminhada nestes próximos anos. Buscarei oferecer neste artigo, um aprofundamento.

Foco. O foco de nossa abordagem é o protagonismo corresponsável. Onde quer que a pessoa esteja, seja qual for o nível de participação oferecido ou permitido, ela precisa protagonizar o bem comum. Qualquer dificuldade surgida tem a ver com todos. A solução não está em fazer o que nos cabe, mas em dar o melhor de cada um para o bem de todos. Não basta constatar problemas, é necessário buscar a soluções.

Contexto. Nosso lema se encontra inserido na narrativa de uma festa de bodas em Caná da Galiléia que, por sua vez, está dentro do Evangelho segundo João, caracterizado como evangelista das festas. Cerca de 68% de sua narrativa está situada em ambiente de festas, descrevendo a participação de Jesus em todas elas, nas quais ele enfrenta as autoridades que desvirtuaram ou desviaram as festas de seu verdadeiro sentido. As festas foram criadas como espaço de leveza da vida, onde o peso do dia a dia é suavizado por uma

1 Fr. Moacir Casagrande é membro da equipe interdisciplinar da CRB.

experiência de transcendência, de eternidade. Elas surgiram como celebração da vida, mas acabaram cooptadas e transformadas em exploração da vida, pior ainda é isso ser feito em nome de Deus.

Bodas é a festa básica. Esta colocada como a primeira, pois a aliança que está na origem da vida precisa, corresponder ao desígnio de Deus. A aliança está comprometida por contratos unilaterais onde a decisão é só do homem: pai ou marido. A mulher tem que se submeter e pronto. O contrato, por melhor que seja, não garante aliança duradoura. Só o amor ancorado em Deus é capaz disso. No amor sempre há obrigação, assumida sem imposição. Na obrigação, porém, a maioria das vezes, impera a lei e não o amor.

Sinal e milagre. O milagre leva ao encantamento para com o milagreiro. O sinal convoca a pessoa servida ao engajamento na causa de quem lhe serviu. A causa é maior que a pessoa, vai além dela. O encantamento leva a propaganda. O engajamento leva a ação. O encantamento que não evolui para engajamento perde o sentido, fica vazio. Por isso, o evangelista João diz que a transformação da água em vinho é um sinal. O primeiro, o que está na base dos oito sinais que Jesus realizou, segundo sua narrativa.

As festas foram criadas como espaço de leveza da vida, onde o peso do dia a dia é suavizado por uma experiência de transcendência, de eternidade.

Palavra de Maria: "Fazei tudo o que ele vos disser" (Jo 2,5) é a última palavra pronunciada por Maria, segundo os evangelistas. É seu testamento. A primeira, dirigida ao anjo Gabriel, diante da absoluta novidade do anúncio é "Como isso vai acontecer se não conheço homem" (Lc 1,34)? Lá ela faz uma pergunta, aqui ela dá uma instrução. Entre uma e outra, Maria teve a oportunidade de percorrer um longo caminho. Pelo menos 30 anos (cf. Lc 3,23) separam a anunciação feita pelo anjo Gabriel a Maria, do início da missão de Jesus, nas bodas de Caná. Tendo ele iniciado a missão, Maria se calou, mas acompanhou os passos do Filho até o pé da cruz.

A orientação dela tem antecedentes na história da salvação. Quando no Egito, o povo sofrendo de fome foi ao faraó pedir socorro. Este lhe disse: "Ide a José e fazei o que ele vos disser" (Gn 41,55). O povo foi e José socorreu. Quando no deserto, Moisés reuniu o povo para transmitir a Palavra de Deus, o povo respondeu: "Faremos tudo o que disse o Senhor" (Ex 19,8).

Agora, na festa da aliança (bodas), em Caná da Galileia, é Maria, que depois de ter avisado seu filho sobre a falta de vinho diz aos serventes: "Fazei tudo o que ele vos disser" (Jo 2,5). Assim, na história da salvação, vamos de José no Egito para Jesus em Caná. Do pão nosso de cada dia para o vinho qualificado do sentido da vida: amor, alegria.

Texto. Observando, atentamente, vemos que a narrativa está composta em duas partes. A primeira (Jo 2,1-5), com destaque para a mãe de Jesus como protagonista, mencionada três vezes (2,1.3.5). A segunda (Jo 2,6-12), tendo como figura central o chefe dos serventes, todo atrapalhado, também mencionado três vezes (2,8.9.9). A mãe de Jesus é contraposta ao chefe dos serventes. Ela está lá como convidada, mas se antecipa na percepção da situação e da carência, leva a questão a Jesus e aponta Jesus aos serventes.

A ação de Maria indica novas relações e novos protagonistas. A mudança nas relações soluciona o problema. O chefe dos serventes, por sua vez, é surpreendido por não estar aberto aos sinais. O foco dele é o costume. Está fixado nele (cf. Jo 2,10). O novo não vem com coisas novas, mas com novas relações, novas atitudes. São elas que fazem a diferença. A solução não está na adequação de Deus à nós, mas na nossa adequação à Ele.

Falas. Nosso texto, embora narre uma festa de bodas, consta da fala de apenas três pessoas. Duas delas foram para lá na condição de convidadas. Maria é a primeira. Ela tem duas falas; uma para o Filho: "eles não têm vinho" (Jo 2,3), outra para os serventes: "Fazei tudo o que ele vos disser" (Jo 2,5).

Jesus é o segundo. Ele tem três falas, uma respondendo à mãe: "Mulher, que há entre mim e ti? A minha hora ainda não chegou" (Jo 2,4), e duas ordenando os servos: "Enchei as talhas de água" (Jo 2,7). "Tirai agora e levai ao mestre-sala" (Jo 2,8). Está aí atitude que o servidor de Jesus precisa exercitar.

A última fala é do administrador, que provocado pelos serventes, se dá conta de que algo escapou de seu controle (cf. Jo 2,10). Alguém inverteu a ordem do serviço. A tradição, costume, foi rompida. Ele, que na lógica, devia ser o primeiro, chega por último. Sua fala mostra o porquê. A falta de vinho ele não percebeu, mas a quebra do costume sim. Na tradição as bodas são organizadas e dirigidas por homens. Em Caná não é diferente. Mas é uma mulher que atua a realização de um final feliz. Veja a inversão. A mulher é a primeira, percebe o vazio. Ela aponta para Jesus que ocupa o centro. O administrador chega por último. As relações precisam ser mudadas.

Tempo. A narrativa das bodas não é um texto solto, está ligada às anteriores, desde o testemunho do Batista, diante das autoridades enviadas de Jerusalém para junto dele (cf. Jo 1,19-28). O testemunho dele constitui o primeiro dia da apresentação do Messias. Estamos agora no terceiro dia depois do quarto dia que, segundo Mateos e Barreto (O Evangelho de São João, 1989 p. 127), corresponde ao sexto dia da criação (cf. Gn 1,26-31).

Em João, o sexto dia é do recomeço ou do resgate da criação, que acontece exatamente no ponto em que se havia desvirtuado, isto é, na relação de aliança do homem com a mulher e de ambos com Deus (cf. Gn. 3,8-13). Lá, no sexto dia Deus criou o homem e a mulher (cf. Gn. 1,26-31). Aqui, no sexto dia, Jesus garante o sentido da relação dos nubentes, simbolizado na qualidade do vinho novo, de modo que o pecado não prevaleça sobre ela e o amor seja permanente. A expressão "terceiro dia", remete, porém, a uma senha: "a ressurreição de Jesus", com ela é inaugurada a nova humanidade.

Evento. Festa de bodas tem a ver com aliança. Não necessariamente conforme a compreensão messiânica de aliança. Nesse tempo, as bodas celebravam um contrato em que prevalecia a vontade do pai e do noivo. Em Caná, porém, a ação da mulher prevalece. A intenção das bodas era cumprir o mandamento de Deus: "Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a" (Gn 1,28). Mas o modo de cumprir o mandato não priorizava o amor de ambas as partes. Prevalecia a obrigação e não a gratuidade.

Possivelmente por isso, segundo João, Jesus começa sua missão numa festa de bodas. Estabelece aí a "Nova Aliança" selada no amor, com o protagonismo de sua própria mãe, a qual representa o povo da espera. Isso pode explicar porque Jesus não a chama de mãe, mas de "mulher". A mãe dele, ali, se torna símbolo de todo o povo que espera a ação do Messias. O livro do Apocalipse retoma o tema da aliança em forma de bodas (21,2.9-10), como pleno cumprimento dos desígnios de Deus sobre a criação.

Local: Uma pequena vila, sem maior expressão, situada entre Nazaré e Cafarnaum. Caná fica a 15 km de Nazaré a 31 km de Cafarnaum. Da capital, Jerusalém até Caná são cerca de 230 km. Caná vem da raiz do verbo comprar, adquirir. Ali se adquire, se resgata o sentido que o criador quis dar às bodas, não contrato, mas enlace, aliança nupcial.

Não importa tanto saber se a vila era significativa ou não,

importa a narrativa do que ali aconteceu. A festa de bodas em Caná segue o ritual de todos os outros lugares. Pela descrição interna da (des)organização, a festa não era tão simples assim. Era estruturada, cada qual na sua função. Na estrutura da festa está a explicação da carência. Maria interfere e, com Jesus, faz a diferença.

Presenças. "E a mãe de Jesus estava lá. Jesus e os discípulos também foram convidados" (Jo 2,1b-2). A narrativa não se interessa pelo nome, da mãe, mas pela relação com Jesus, tanto no início (2,1) quanto no final (2,12). Pela sequência da narrativa parece que a mãe de Jesus estava lá na condição de convidada. Sua atitude, porém, mostra bem mais do que isso.

Ali fica evidente o papel de Maria como mediadora. Só não vê quem não quer. Ela movimenta toda a narrativa. Para Jesus ela diz: "Eles não têm vinho" (Jo 2,3). Para os serventes ela diz: "Fazei tudo o que ele vos disser" (Jo 2,5). Mesmo depois da resposta estranha de seu Filho, ela continua firme na missão, que é de fazer convergir os servos e o Senhor, em favor de todos os convidados da festa, e por extensão, de toda a humanidade, de todas criaturas.

Problema. "Eles não têm vinho". Onde Maria viu que está faltando vinho se eles estão ainda com vinho à mesa? Eles não têm vinho no depósito, mas o que isso tem a ver, se o responsável por servir constata que os participantes da festa já estão embriagados (cf. Jo 2,10). Que diferença faz? A festa que tradicionalmente durava uma semana vai acabar antes da hora. O fracasso está se desenhando.

Por que eles não têm vinho? O texto não diz. Várias podem ser as razões: orçamento de consumo mal feito; excesso de participantes; administrador que não acompanha o desenrolar da festa. Vejo e arrisco uma resposta na palavra do administrador: "Todo mundo oferece primeiro o bom vinho e quando os convidados estão embriagados oferece o menos bom. Mas tu guardaste o bom vinho até agora" (Jo 2,10). Ora, para o administrador a partir daquele momento qualquer vinho serve. Não há mais preocupação com qualidade. Será que aí não está se desenhando uma corrupção? Pega o dinheiro para a festa completa e desvia parte dele para seus interesses.

O costume evocado por ele não tem interesse pela continuidade qualificada da festa. Quando os convidados perdem a consciência qualquer coisa serve, inclusive o que não presta. Com a embriagues a capacidade de discernimento acaba e a

manipulação começa. Cuidado com administrador espertalhão! Ele diz que é o costume. Parece estar programado para o mínimo. Talvez, por isso mesmo, não se importe com a falta de vinho. O foco no costume impede a criatividade.

Em nossas congregações há um clamor, uma murmuração que se recusa a calar: Não temos mais vocações. A Vida Consagrada não tem mais sentido. O animador vocacional não faz nada. Hoje ninguém mais quer esse tipo de vida. Estamos defasados mesmo. Melhor que morramos e nasça outra coisa mais significativa. Pensando assim, não se vai a Jesus e nem aos serventes.

Nossa falta de iniciativa não será por conta de nossa embriagues? Embriagues de nossas verdades, de falta de tempo, de atividades assoberbadas? O que nos causa tanta desorientação ou falta de responsabilidade? Percebemos a falta do vinho e ficamos procurando explicação em vez de criar solução. De quem estamos esperando solução?

Não será exatamente este o ponto em que nos encontramos? Gente embriagada, no meio da festa, que perde o sentido da própria festa e se faz dependente de qualquer coisa que venha a ser oferecida.

Solução. Em Caná participam convidados especiais. Maria sabe que o vinho é responsabilidade dos administradores da festa, mas não vai a eles. Ela vai a quem realmente pode fazer algo, não fica falando ou reclamando para as paredes ou botando a boca no trombone. Na Festa, além de Maria existem pessoas que podem reverter a situação, a principal é Jesus, mas há pessoas que estão aí contratadas para servir. Servir é sua missão ou profissão? Depende do mestre que seguem. É para elas que Maria se dirige. Ao filho (mestre) ela diz: "eles não têm vinho". Aos serventes ela diz: "fazei tudo o que ele vos disser". Por que faltou vinho? Esta não é hora de buscar culpados, mas de criar solução. O tempo urge e Maria age.

A constatação é da mãe de Jesus que se antecipa evitando o vexame. Vai aos que foram designados para servir e lhes ordena: "Fazei tudo o que ele vos disser". Nesta palavra, ela dá um novo rumo à obediência dos serventes. Eles foram chamados para obedecer ao mestre-sala (administrador), mas para resolver com qualidade a falta de vinho precisam obedecer a Jesus. A solução não está em fazer como sempre se fez. A situação mudou a solução é outra. Maria cultiva o protagonismo e a serenidade. Ela sabe a quem se entregou e se confia inteiramente. Há pouco tempo alguém descobriu que Maria passa à frente e apregoou mais esse título a ela.

Há quase dois mil anos ela está fazendo isso.

Jesus não veio para dar-nos uma vida mais o menos. Ele veio para que tenhamos vida em abundância (cf. Jo 10,10). Ele veio para que produzamos frutos em abundância (Jo 15,7-8.16). A abundância que ele traz não é para perder o sentido (embriagar), mas para ampliar, transbordar o sentido, criando e alimentando a vida. Esta é a que acontece em Caná quando os servos cumprem a ordem de Jesus: as talhas todas cheias, vinho em abundância.

Aliança. A festa, normalmente durava uma semana. O vinho tinha grande importância para sua continuidade, pois garantia a alegria que constituía a graça de festejar. Na verdade, o motivo da festa é a aliança, o motor aqui é o vinho. Nesta festa, porém, passa-se do vinho histórico para a um sentido simbólico de grande alcance.

Em Cântico dos Cânticos (1,2) o vinho simboliza o amor que gravita entre esposo e esposa, mas segundo o poeta, o amor supera o vinho. "Teus amores são melhores do que o vinho". Um casamento, no pleno sentido religioso cristão é uma aliança entre duas pessoas. Uma entrega acordada reciprocamente. O noivo se dá à noiva por inteiro e esta ao noivo também por inteira. Aliança não é contrato, nem obrigação, é livre oferenda. Eis o grande desafio na relação de pertença.

Bodas em Caná evoca a aliança de Deus com a humanidade, por meio de seu Filho Jesus, presente na história, em condição humana. Maria é a humanidade para Deus, enquanto Jesus é Deus para a humanidade. Maria, aquela que gerou Jesus, agora o impulsiona para superação do vazio da celebração, que é a falta do vinho. O vinho simboliza o amor. Maria está posicionada na origem, na fonte, porque a graça não pode parar de brotar e fluir.

Maria é a mãe que vigia e se antecipa à necessidade dos seus. Ela encaminha certeiramente para quem pode dar a solução. É Jesus, ele pode dar um jeito, mas ele não o faz sozinho. A participação de servidoras e servidores é necessária. Contando com a disposição de obedecer ao mandato de Jesus, a humanidade terá uma aliança que nunca se acaba. É sempre bom nos perguntar com que intenção aderimos a Jesus e de que qualidade é nossa adesão.

A mediadora estabelece e favorece laços de comunhão, de alcance mais amplos que a percepção dos envolvidos no momento, no caso, os serventes e Jesus. A ação conjunta, dos serventes e de Jesus, resulta em benefício para todos os convidados e vai além,

Bodas em Caná evoca a aliança de Deus com a humanidade, por meio de seu Filho Jesus, presente na história, em condição humana. Maria é a humanidade para Deus, enquanto Jesus é Deus para a humanidade. Maria, aquela que gerou Jesus, agora o impulsiona para superação do vazio da celebração, que é a falta do vinho. O vinho simboliza o amor. Maria está posicionada na origem, na fonte, porque a graça não pode parar de brotar e fluir.

pois o vinho em abundância (de sobra), quando já boa parte dos convidados está embriagada (cf. Jo 2,10), é para aqueles que ainda não chegaram ou ainda não foram convidados. A qualidade do vinho novo transborda as gerações através dos tempos.

O serviço realizado transborda da festa do momento presente e abraça o futuro que está em gestação. O vinho das bodas alcança também a nós hoje. Esta geração continua sendo beneficiada por aquele vinho, que nunca haverá de acabar. Quanto aos discípulos, são aqui figurantes, talvez aprendizes.

Quanta reclamação por falta de vocações! Quanta justificativa por falta de entusiasmo! Quanta tempo ocupado para mudar estruturas externas! Quanta omissão para cultivar o espírito! O dia das núpcias era celebrado com muita festa, o vinho não podia faltar. Mas no dia-a-dia da aliança só se persevera com muito amor. É o amor que está em causa, não o fruto da videira. O vinho é símbolo dele.

Talhas. "Estavam lá seis talhas de pedra destinadas à purificação dos judeus" (Jo 2,6a). Eram seis, símbolo da carência. Eram de pedra, símbolo da lei antiga, sem flexibilidade. Fazem lembrar a profecia de Ezequiel: "Tirarei de vosso corpo o coração de pedra e porei no lugar um coração de carne" (36,26b). Eram grandes, comportando de 80 a 120 litros. Eram desiguais, umas continham duas medidas, outras continham três. Estavam fixadas em um lugar especifico, a entrada da sala. Estavam determinadas a uma função especifica, a purificação dos judeus. Isto invoca a exigência legal, estabelecida pelas autoridades judaicas. Dentro das talhas existe o que se coloca. Elas ocupam o lugar que se estabelece.

A função de purificar/limpar não significa mudar, nem converter. João narra esta parte com detalhes para que não restem dúvidas de sua importância na festa que até agora predominava.

A purificação, porém, não é suficiente. Ela ameniza, mas não resolve. A conversão é a resposta.

As talhas ocupam exatamente o centro da narrativa. Com a atuação mediadora de Maria e ação transformadora de Jesus, as talhas são deslocadas. Começa um novo tempo e uma nova prática. Migramos do poder da talha-continente (lei) para o poder do vinho-conteúdo (amor). Passamos da frieza da lei para o calor do amor. A mãe de Jesus estava lá, atenta e ativa. As talhas de pedra estavam lá, inertes e vazias. Mas não é só isso, estavam lá também, o administrador e o noivo que nada perceberam. Maria, com grande ousadia, desloca os serventes da obediência ao seu chefe para a obediência a Jesus. A estrutura montada falhou. Maria agiu. Esse deslocamento deu o que falar.

A Lei, estabelecida para orientar a humanidade, tornou-se obstáculo. Em vez de indicar o caminho, tornou-se, ela própria, a razão do caminho, impedindo a progressão para a plenitude. O último instrumento não são as talhas de pedra, mas o lenho da cruz. As talhas da purificação estão vazias. Vazio também está o deposito do vinho. Desatento está o chefe dos serventes. Sem ação estão os encarregados de servir. Este momento exige observação e resposta criativa.

A água, colocada por obediência a Jesus, se converte em vinho, muda então, a qualidade e a função. O vinho, porém, torna-se sangue durante a ceia de Jesus. O sangue, por sua vez, derramado na cruz, possibilita a transformação total da humanidade. Agindo a partir de dentro de cada pessoa, garantindo uma nova humanidade, fiel à aliança, até a plenificação no amor. Não mais purificação, mas plenificação. Por isso se fala de sinal "arché", isto é, principio.

Jesus ordena. São duas as ordens aos serventes. A primeira é: "Encham de água as talhas" (Jo 2,7). Ordem que obteve deles uma recepção generosa, pois encheram até a borda, isto é, até não caber mais. Este ato expressa a prontidão e a generosidade do serviço. Não pensemos nós que tenha sido fácil essa tarefa. Providenciar cerca de 600 litros de água em um lugar onde geralmente só existe uma fonte para toda a comunidade e não fica ao lado da casa, dá o que fazer, mas os servos fazem jus ao encargo e cumprem o mandato.

A segunda ordem é "tirem e levem ao mestre-sala" (Jo 2,8). Entende-se em geral como levar uma amostra da água. Atenção, os servos colocaram água nas talhas, mas isso não basta, precisam levar ao administrador. Jesus faz o que o outro não pode

A mãe de Jesus estava lá, atenta e ativa. As talhas de pedra estavam lá, inertes e vazias. Mas não é só isso, estavam lá também, o administrador e o noivo que nada perceberam. Maria, com grande ousadia, desloca os serventes da obediência ao seu chefe para a obediência a Jesus. A estrutura montada falhou. Maria agiu. Esse deslocamento deu o que falar.

fazer e não o isenta da distribuição. Cumprindo a ordem de Jesus, ao chegar ao destino a água havia se tornado vinho. Quando e onde a água se torna vinho? No caminho. Quando as pessoas agem na obediência ao mestre, as coisas mudam. Jesus não faz o que outros podem fazer. Aqui, ele providencia o vinho, mas não o distribui. Diferentemente do que fez com os pães em João 6,11.

O responsável para servir os convidados não tinha ciência nem da falta de vinho, nem do que foi feito e nem de quem fez tal coisa. Ocupado com o ritual não enxerga o manancial. Está ocupado com a tarefa de servir, mas não percebe a necessidade dos destinatários de sua função. Degusta e percebe a mudança de qualidade no vinho apresentado pelos serventes, mas não consegue ir além disso. Pelo contrário, adverte o noivo para uma falha na etiqueta: "servir primeiro o bom vinho e depois servir o pior" (Jo 2,10). Onde Jesus e Maria estiverem presentes não será mais assim.

A ordem de Jesus mostra que, quanto mais se caminha, melhor é a qualidade do caminhar. No desígnio de Deus não se vai do melhor para o pior, como reclama o chefe dos serventes, que já tem prevista a decadência na qualidade da festa, vai-se sim, do pior para o melhor, como revela a ação de Jesus. O plano de Deus segue uma linha ascendente. Com Maria e Jesus a festa é progressivamente qualificada até o fim. Conforme podemos ver no texto, eles não buscam coisas novas, eles resinificam e qualificam as que existem. Não basta ser ou fazer diferente, é preciso ser e fazer melhor.

Mistério da hora ou hora do mistério. Jesus responde de modo estranho ao apelo da mãe: "minha hora ainda não chegou" (Jo 2,4). Mais adiante em 13,1, João esclarece. Trata-se da "Hora de passar deste mundo para o Pai". É a hora da entrega total de si mesmo, ao Pai, em favor de todos. Assim, o princípio dos sinais (cf. Jo 2,12) aponta para o fim (cf. Jo 19,18). O que o Jesus

A mãe intercede pela continuidade da festa. Ela percebe que o vinho está acabando e comunica ao filho. Este, chama atenção para a solução definitiva: doar a vida (cf. Jo 2,4). Quando se prioriza a doação a carência acaba.

veio fazer é muito mais que dar vinho, é dar a si mesmo. O exercício da missão esclarecerá.

Resolver uma carência é importante. Mais importante, porém, é exercitar um modo de vida no qual as carências não tenham mais lugar. A mãe intercede pela continuidade da festa. Ela percebe que o vinho está acabando e comunica ao filho. Este, chama atenção para a solução definitiva: doar a vida (cf. Jo 2,4). Quando se prioriza a doação a carência acaba.

Nas bodas, Maria assume e transcende o papel do mestre-sala, buscando a continuidade da festa. Com Jesus, ela inverte a ordem tradicional da festa, passando, ela mesma de convidada a corresponsável. Antes, cada um cuidava do seu lugar, agora começa um processo participativo onde cada pessoa não se limita a sua função especifica. O bem de todos é a meta. Não é suficiente cuidar só do que lhe cabe.

Não é a tradição, mas a criatividade que responde às surpresas da vida e aos novos desafios que se apresentam, com frequência, em nossa caminhada. O novo tempo começou. O que precisa prevalecer não é o costume, mas a justiça. Justiça é cada um contribuir, sem reservas, com o que tem e, receber com gratuidade, o que necessita para viver.

Na cruz, Jesus lhe entrega a continuidade da maternidade do Salvador e, consequentemente, da salvação. De agora em diante, a mãe de Jesus é mãe de todos os discípulos dele, que se colocam em missão pelos que ainda não chegaram, até o fim dos tempos. Do mesmo modo, todos alcancem ser discípulos dele, filhos de Maria, até o fim dos tempos. Assim, a mãe de Jesus passa a ser mãe de toda a humanidade.

Concluindo, na cruz, a própria missão, Jesus entrega a mãe à humanidade. Ele recebeu a humanidade da mãe, agora entrega-a à humanidade (cf. Jo 19,26). Isto, Jesus fez antes de morrer, mas depois de morto, ainda oferece, de seu lado aberto pela lança, sangue e água (cf. Jo 19,34).

Magistério de Maria. Com ela aprendemos que:

1. Nossa presença precisa ser corresponsável onde quer que estejamos, com quem quer que nos encontremos e no

que quer que façamos. Presença atenta, ativa e confiante. Atenta para se antecipar. Ativa para buscar solução. Confiante para não se deixar abater pelas contrariedades.

2. A solução está sempre perto do problema. A observação atenta leva às pessoas certas.
3. Para ser discípulo/a de Jesus não basta ir a Jesus, é preciso também aproximar de Jesus as pessoas. Ele tem a resposta, mas não faz sozinho. O engajamento da humanidade é essencial.
4. Discípulo/a é quem ouve e pratica o que ouviu, por isso ela ordena: "Façam". A identidade se confirma na prática.
5. A prática não pode ser parcial, fazer só a parte que nos é favorável, agradável ou desejável. Por isso Maria diz: façam "tudo". Veja que Jesus ordena duas ações: primeiro encher as talhas, depois levá-las ao administrador. Poderia ter ordenado mais. O fim da missão não é determinado por quem está cumprindo, mas por quem envia.
6. Maria não sabe o que Jesus vai dizer, mas o que quer que ele diga, quando ele quiser dizer, é a solução, missão e salvação. Por isso ela explicita: "o que ele vos disser".
7. Confiar é dar tudo de si e aguardar a hora de Deus.

Na cruz, Jesus lhe entrega a continuidade da maternidade do Salvador e, consequentemente, da salvação. De agora em diante, a mãe de Jesus é mãe de todos os discípulos dele, que se colocam em missão pelos que ainda não chegaram, até o fim dos tempos. Do mesmo modo, todos alcancem ser discípulos dele, filhos de Maria, até o fim dos tempos. Assim, a mãe de Jesus passa a ser mãe de toda a humanidade.

Para refletir:

a) Onde Maria estava que percebeu a falta do vinho antes de todos, inclusive dos responsáveis pela festa?

b) Em que lugar devo estar eu para não ser pego de surpresa na falta do vinho/amor para com as pessoas com as quais convivo e as que preciso servir?

c) O que significa hoje para nós esta ordem de Maria: Fazei tudo o que ele vos disser?

d) Quais são as talhas vazias de nossa instituição e de nossa vida que precisam de uma nova destinação?

A ORAÇÃO FRANCISCANA: PRECE DE AFETO, RELAÇÃO DE TERNURA

Frei Hércules de Vasconcelos Moreno, OFMCap.[1]

Introdução

Conforme o valioso relato do Frei Tomás de Celano, Francisco de Assis, no decurso de sua vida e de sua busca interior, foi configurando-se de tal maneira a Jesus Cristo, que estava "transformado não só em orante, mas em oração" (2 Celano, 94, 5). Na verdade, São Francisco a partir de sua íntima relação com Deus, mediante a contemplação, o silêncio, o recolhimento e os sublimes diálogos que teve com o "Altíssimo, Onipotente e Bom Senhor" (Cântico do Irmão Sol, 1), "dirigia toda a atenção e todo o afeto a uma única coisa que pedia ao Senhor" (2 Celano 94, 5).

A família franciscana recebeu em herança esse modo tão terno de dirigir-se ao Pai, espelhando-se no Seráfico Patriarca de Assis, o qual, "habitando no íntimo de si mesmo e, andando na largueza de seu coração, preparava em si uma digna habitação para Deus" (1 Celano 43, 4). Foi certamente na meditação da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo por meio da escuta do Evangelho, que Francisco aprendeu do Mestre Jesus a voltar-se confiantemente ao "Pai das Misericórdias e Deus de toda consolação" (2 Cor 1, 3), descobrindo na oração um íntimo toque do esposo (2 Celano 94, 10), pois, "enquanto reza, é visitado pelo Senhor" (2 Celano 99, 2). Era na oração que São Francisco "respondia ao juiz, suplicava ao Pai, conversava com o Amigo, divertia-se com o Esposo" (2 Celano, 94, 2).

Deste modo, Francisco fez ecoar com sua vida e seu exemplo de empenho na oração, que a intimidade com o Deus-Amor, é uma

---

1 Frei Hércules de Vasconcelos Moreno é frade Menor Capuchinho da Província Na. Sra. da Penha do Nordeste do Brasil. É bacharel em administração de empresas pela UFPB e graduado em Filosofia pela FAFICA. E-mail: herculesdevasconcelos@hotmail.com

esponsal relação de profundo carinho, doação, confiança, ternura, afeto: "Meu amado é meu e eu sou dele" (Ct 2, 16). Assim sendo, a oração presente na tradição franciscana, perpassando os séculos e plasmando tantos corações entregues ao Senhor, é uma prece que brota do coração, ou em outras palavras, "a oração franciscana é afetiva, isto é, oração do coração, que nos conduz à experiência íntima de Deus" (Constituições OFMCap. 46, 6).

Ao longo da história, muitos místicos de nossa família, ao experimentarem a suavidade do "Espírito do Senhor e seu santo modo de operar" (Regra Bulada X, 9) também nos legaram a partilha dos frutos dos singelos e sublimes encontros com "o Bem, todo o Bem, o Sumo Bem" (Louvores a Deus Altíssimo, 3). Desde suas origens, o franciscanismo apresenta-se como uma escola de oração, de intimidade com o Senhor, na qual tantos homens e mulheres, por meio da sincera doação de suas vidas a Deus e aos irmãos e irmãs, encontravam no terno relacionamento com o Senhor, a fonte de onde hauriam a força para seguir, a coragem para responder e a graça para serem fieis ao chamado de Deus, sempre com generosidade e alegria, no intento de tornarem-se reflexo da bondade divina, a qual experimentavam profusamente na oração.

A oração: repouso e afeto em Deus

O Doutor Seráfico – São Boaventura – em sua célebre obra "Itinerário da mente para Deus", recordando dentre outros elementos, as seis asas do Serafim que apareceu a São Francisco no Monte Alverne, retrata assim, de maneira ascendente acerca dos degraus místicos que devem ser escalados para se chegar a Deus, tal como Francisco chegou. Nessa íntima união com Deus, "o homem pacífico descansa na mente pacífica, como na Jerusalém interior"(SÃO BOAVENTURA, 2012, p. 95).

Na contemplação do Redentor crucificado, o qual é o "mediador entre Deus e os homens" (1 Tm 2,5), "o Caminho, a Verdade e a Vida", (Jo 14, 6), chega-se a este doce e suave encontro com Deus: "quem volta totalmente sua face para esse propiciatório e olha com fé, esperança e caridade, com devoção, admiração e gozo, com veneração, louvor e júbilo, a Jesus Cristo suspenso na cruz, este celebra a Páscoa com Ele, isto é, a passagem" (SÃO BOAVENTURA, 2012, p. 96). Entretanto, "para que esta passagem seja perfeita, é mister abandonar todas as operações intelectuais, e que todo o

ápice do afeto seja transferido e transformado em Deus" (SÃO BOAVENTURA, 2012, p. 98).

Aqui se observa a sumidade e a profundidade deste dulcíssimo encontro com Deus, o qual é ansiosa e apaixonadamente buscado e esperado por quem o ama e o deseja: "Procurei o amado de meu coração; encontrei o amado da minha alma. Agarrei-o e não o soltarei" (Ct 3, 1.4). Nesse místico encontro, nesse espiritual recolhimento, goza-se da inefável paz que só de Deus provém: "Só em Deus a minha alma repousa" (Sl 61, 2). Contudo, todo o afeto, toda a ternura e todo o amor não somente se dirigem para Deus, mas em Deus transformam-se, pois, mediante a própria experiência pessoal com a adorável Trindade, sente-se e descobre-se "como é glorioso, santo e sublime ter nos céus um Pai! Como é santo, consolador, belo e admirável ter tal esposo! Como é santo e dileto, mui aprazível, humilde pacífico, doce, amável e acima de tudo desejável ter tal irmão e tal filho: Nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Carta aos fieis, 11-13).

Outro insigne escritor místico da família seráfica é o espanhol São Pedro de Alcântara, o qual destaca com expressões dotadas de uma singular fineza e candura, acerca dos frutos da piedosa oração e da meditação por meio da devoção, a qual "é uma refeição espiritual, um refresco e rocio do céu, um sopro e alento do Espírito Santo e um afeto sobrenatural" (SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA, 2013, p. 31). É por meio da oração, a qual nos une progressivamente a Deus, que se chega à intimidade com Deus. Nesse sentido, o próprio Pedro de Alcântara, faz menção do que já havia sido exposto por Boaventura ao elucidar que: "se queres subir à altura da contemplação e gozar dos doces abraços do Esposo, exercita-te na oração, porque este é o caminho por onde a alma sobe à contemplação e gosto das coisas celestiais" (SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA, 2013, p. 33).

O Seráfico Pai São Francisco, conforme o relato de São Boaventura, em sua Legenda Maior, trazia fortemente gravado em seu coração um especial afeto de piedade, pela qual ascendia o espírito a Deus: "Ela [a piedade] é aquela virtude que pela devoção o elevava a Deus, pela compaixão o transformava em Cristo, pela condescendência o inclinava ao próximo e pela reconciliação universal com cada um dos seres o tornava nova imagem do estado da inocência" (Legenda Maior, VIII, 2).

Entretanto, como pode ser observado no supracitado, não se intenta afirmar que a oração gera um comodismo, mas, muito

longe disso, afirma-se que é por meio da terna relação com o Amado que se obtém a candura e misericórdia nas relações interpessoais e a fortaleza necessária para, conforme disse Santa Clara de Assis "seguir confiante e alegre pelo caminho da bem-aventurança" (2ª Carta a Santa Inês de Praga, 13), ou ainda, fazendo menção ao profeta Elias, a oração é este alimento que, junto à Santíssima Eucaristia, sustenta e encoraja a alma fiel: "Levantou-se, comeu e bebeu e, depois, sustentado por aquela comida, caminhou quarenta dias e quarenta noites até à montanha de Deus, o Horeb" (I Reis 19, 8).

Ademais, a oração é um caminho no qual, paulatina e concomitantemente se experimenta da doçura do Senhor, mas também ingressa-se constantemente no discipulado do Mestre Jesus, no intuito de configurar-se a Ele, conforme o dizer do Apóstolo São Paulo, "até que Cristo seja formado em vós" (Gálatas 4, 19). Nesse sentido, Clara de Assis é precisa ao recordar a Inês de Praga sobre a suavidade que é revelada e doada àquele (a) que, pela contemplação, busca ardentemente ao Senhor:

Ponha a mente no espelho da eternidade, coloque a alma no esplendor da glória. Ponha o coração na figura da substância divina e transforme-se inteira, pela contemplação, na imagem da divindade. Desse modo, também você vai experimentar o que sentem os amigos, quando saboreiam a doçura escondida, que o próprio Deus reservou desde o início para os que o amam (3ª Carta a Santa Inês de Praga, 12-14).

A experiência com Deus, embora tratada por uma vastidão de escritores místicos, os quais foram experientes em espiritualidade e direção espiritual, é algo que apenas na própria experiência pessoal se pode sentir, pois é assim "o que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, e o coração do homem não percebeu, tudo o que Deus preparou para os que o amam" (1 Cor 2, 9). E além disso, com base no que acaba-se de citar, é crivo destacar que a oração e o que se vivencia na oração é ainda um prenúncio do que será vislumbrado e saboreado no sagrado festim da eternidade, onde a intimidade com o Senhor terá seu cume num encontro pleno de ternura e amor que jamais terá fim: "Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele e ele comigo" (Ap 3, 20).

O texto mensurado, além de apresentar a amigável e amorosa relação com Deus, o qual toma a refeição com quem o ama, expressa a docilidade do convite, a candura da espera, a

ânsia do desejo de ser um com os seus. Acerca desse amor que, dinamicamente perpassa, envolve e preenche nosso trato com o Senhor, o espanhol Francisco de Osuna, em seu clássico e famoso livro "Terceiro Abecedário Espiritual" faz elucubrações bastante pontuais e belas: "Esse amor consiste em um endereçamento da vontade afetuosamente ordenada àquele sumo bem, e seguindo esta vontade, que é uma afetiva consideração a Deus, vá todo o coração e as entranhas" (OSUNA, p. 357 – Tradução minha).

A oração: inefável encontro com o Amado

Prosseguindo na observação do que foi abordado por Francisco de Osuna, rememora-se agora, por meio de uma linguagem amplamente singela, poética e simbólica, o que ele descreveu no tocante à vida interior, isto é, a experiência da oração, do suave e sincero colóquio com Deus, ao que ele diz:

Amo uma luz e uma voz, um odor e um manjar, um abraço de meu homem interior, onde resplandece à minha alma o que não cabe em lugar nenhum, onde soa o que não passa pelo tempo, onde cheira o que não é espalhado pelo vento, onde tem sabor o que não diminui o apetite e onde se une o que não é afastado pela fartura (OSUNA, p. 355 – Tradução minha).

Realmente, a experiência com Deus não é plausível de ser plenamente explicada ou demonstrada em nossa limitada linguagem e limitado conhecimento (cf. 1 Cor 13, 9), pois, como se haveria de esclarecer tão sublime mistério? Como se poderia elucidar com total propriedade acerca do que se passa na intimidade e no silêncio do coração? Como seria possível transcrever os gemidos inefáveis do Espírito Santo (cf. Rom 8, 26) que habita (cf. 1 Cor 6, 19) e age no coração amante?

Destarte, por meio de um vocabulário metafórico, muitos místicos, quicá franciscanos e franciscanas, externaram sua vivência interior, seus diálogos com o Deus, Senhor e Rei, sejam nos momentos de júbilo e exultação, sejam nas horas obscuras da tristeza ou do desânimo, quando se caminha apenas na penumbra da fé. Entretanto, como a espiritualidade Franciscana trata a realidade da aspereza espiritual, mesmo diante da relação com a ternura divina?

O Ofício da Paixão, composto por São Francisco de Assis apresenta nas nuances do texto uma inquebrantável confiança em Deus, o qual é fiel, justo e misericordioso. Em sua criativa

devoção, Francisco elaborou com fragmentos bíblicos e com inspirações pessoais a referida oração que, numa profunda contemplação do mistério de Jesus Crucificado, aponta para um terno e confiante abandono filial nos braços amorosos do Pai que está nos céus, ao qual Francisco assim o invoca carinhosamente (cf. 2 Celano 12, 5). Destacam-se abaixo, alguns trechos deste saltério organizado por Francisco no Ofício da Paixão, que tão vivamente expressam esta ardente fé e piedoso afeto dele para com Deus em quaisquer circunstâncias:

"Vós sois meu pai santíssimo, meu rei e meu Deus" (Sl II, 11); "Pois fostes vós que me tirastes do ventre [materno], sois vós minha esperança desde o seio de minha mãe, desde o útero fui entregue a vós. Vós sois o meu Deus desde o ventre de minha mãe, não vos afasteis de mim" (Sl II 4-5); "Clamarei ao meu santíssimo pai, altíssimo Senhor que me fez o bem" (Sl III, 3); "Com minha voz clamei ao Senhor, com minha voz ao Senhor supliquei" (Sl V, 1); "Pai santo, tomastes minha mão direita e em vossa vontade me conduzistes e me acolhestes com glória" (Sl VI, 12); "Clamei a ele com minha boca e exaltei-o com a minha língua. E de seu templo santo ele ouviu a minha voz, e meu clamor chegou à sua presença" (Sl X, 5-6); "A vós salmodiarei, ó meu auxílio, pois sois o Deus que me acolhe, meu Deus, minha misericórdia" (Sl XI, 9); "Vós sois o Deus meu salvador, agirei com confiança e não temerei" (Sl XIV, 2).

Nos entremeios deste piedoso exercício espiritual do Ofício da Paixão, o Pobrezinho de Assis expressa sua intimidade na relação com Deus, certamente permeada por suspiros, lágrimas e outras expressões que demonstrassem o quão intensamente ele era movido e tocado pelo Amor de Deus, ou melhor, pelo Deus que é Amor (cf. 1 Jo 4, 8). Deste modo, mesmo abismado entre tribulações, angústias e sequidão espiritual, o Poverello d'Assisi, permanece a esperar confiadamente em Deus, o qual o ama infinitamente, incondicionalmente, eternamente, e mesmo ao transpor por vales escuros, brilha em seu peito a constante lembrança, presença e ternura do Amado, pois "as águas da torrente jamais poderão apagar o amor, nem os rios afogá-lo" (Ct 8, 7).

É neste peito ferido de amor por Cristo que Francisco traz também as marcas dos sagrados estigmas, bem como nas mãos e nos pés, gravando-se-lhe assim um indelével e inefável amor pelo Senhor, como é relatado no escrito "Dos sacrossantos estigmas de São Francisco e de suas considerações", ao tratar das impressões ou sensações que ficaram em Francisco após a visão

que ele teve no Monte Alverne: "Desaparecendo, pois, aquela visão admirável, depois de grande espaço de tempo e de secreto falar, deixou no coração de São Francisco um ardor excessivo e flama de amor divino, e em sua carne deixou uma imagem maravilhosa e vestígio da paixão de Cristo" (I Fioretti, p. 1603).

Francisco, por meio da oração, permanece em Deus e Deus permanece nele: "Ficar com o Pai quer dizer estabelecer uma corrente atencional e afetiva com ele, uma abertura mental na fé e no amor" (LARRAÑAGA, 2015, p. 291). Aparentemente solitário nos momentos de intensa súplica e louvor a Deus, na verdade "aquela solidão estava ocupada por um habitante: o Pai" (LARRAÑAGA, 2015, p. 291). Era o encontro de duas intimidades, a de Francisco e a de Deus, onde Francisco era perpassado e envolvido por Deus, através dessa íntima comunhão na qual Francisco mergulhava profundamente no mistério divino.

A experiência pessoal de São Francisco na oração era tão forte e profunda, que toda a sua vida era plasmada pela suavidade do Senhor, a ponto de ser sentida e percebida pela fraternidade: "Os irmãos que conviveram com eles sabiam quão cotidiana e contínua fora na boca dele a conversa sobre Jesus, quão doce e suave a sua maneira de falar e quão benigna e cheia de amor a maneira de conversar sobre ele" (1 Celano 115, 3). Deste modo, a exemplo do Pai e fundador, tantos homens e tantas mulheres ao longo dos séculos, fizeram sua experiência pessoal com a bondade afetuosa e amorosa de Deus, por meio da qual tornaram-se efetivamente luzeiros de ternura.

A experiência pessoal de São Francisco na oração era tão forte e profunda, que toda a sua vida era plasmada pela suavidade do Senhor, a ponto de ser sentida e percebida pela fraternidade.

Considerações finais

Como falar de uma oração afetiva para os contemporâneos deste século, tão imerso num frenético ritmo que mal permite pausas? Como tratar de uma oração plena de amorosidade, na qual sobressai a livre intimidade com o Senhor? Como fazer com que, mesmo as orações já dispostas em textos sejam cada vez mais uma expressão de ternura para com Deus, por meio da agradável leveza e sinceridade do colóquio com este divino amigo que ama a cada um com generosíssimo e carinhoso amor?

Os Santos foram homens e mulheres dotados de uma incrível sensibilidade para perceber a presença de Deus, dar-lhe gentil acesso ao coração, devotar-lhe atenta escuta. Porém, foram também capazes, sob a moção do Espírito Santo, de desenvolverem um autêntico diálogo repleto de singeleza e ternura para com o Senhor, fazendo da oração um fecundo encontro, de onde brotava o necessário impulso para serem reflexo da face gloriosa e misericordiosa de Deus junto aos irmãos e irmãs, em cujos rostos também enxergavam a presença de Cristo.

Por receber a preciosa herança de São Francisco de Assis, a família franciscana desde suas origens expressou pela contemplação e a recitação, pela oração individual e em fraternidade, um modo especialmente afetuoso de dirigir-se a Deus, razão pela qual a oração franciscana é também norteada pela vigorosa ternura que se experimenta na experiência da íntima relação com o Senhor.

Em suma, a progressiva transformação espiritual e humana que tem seu ponto alto na oração e que se desdobra na espiritualidade de todos os momentos e circunstâncias, bem mais do que uma relação formal, deve ser uma relação de ternura, afeto, confiança, entrega, carinho e amor, a fim de que a oração, o encontro com Deus, a liturgia que se dá no altar do coração, o sublime diálogo com o Mestre Jesus seja sempre mais fecundo, frutuoso e renovador, confirmando a cada um na fé e na caridade, com o intento de, como Francisco, Clara, Antônio, Inês, Boaventura, Pio e tantos outros, testemunhar o amor de Deus, sendo instrumentos de paz e bem.

Questões para reflexão

1. Diante do frenesi que nos envolve por conta das muitas atividades, temos procurado priorizar a vida de oração, ou estamos deixando-a em segundo plano? Temos dado espaço para ouvirmos a voz do Senhor na contemplação (a oração silenciosa) ou apenas cumprimos apressadamente a um "dever que nos é imposto"? Nos alegramos na presença do Senhor?
2. Atentos ao exemplo dos santos e santas, especialmente São Francisco de Assis que "rezava as horas canônicas com devoção e não menos reverência" (2 Celano 96, 1), buscamos em nossas comunidades religiosas rezar com atenção, fervor e afeto as orações que permeiam e

consagram o nosso dia a dia? O que podemos fazer para que os momentos orantes (individual e comunitário) sejam mais frutuosos?

3. Como fruto de nossa intimidade com o Senhor, somos reflexo da ternura e da bondade divina para os nossos irmãos e irmãs, seja na comunidade religiosa, seja nas atividades pastorais (sobretudo entre os mais pobres)?

Referências Bibliográficas

BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém. Português. 4. imp. São Paulo: Paulus, 2006.

FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LARRAÑAGA, Inácio. Mostra-me o teu rosto. 29 ed. 3 reimpressão. S.Paulo: Paulinas, 2015.

OSUNA, Francisco de. Tercer Abecedario Espiritual. [s.l.]:NBL Editores, [s.d.].

SÃO BOAVENTURA. Itinerário da mente para Deus. Petrópolis: Vozes, 2012.

SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA. Tratado da Oração e da Meditação. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

A MISSIONARIEDADE ESTIGMATINA – "MONGES EM CASA E APÓSTOLOS FORA"

Pe. Toninho, css[1]

Introdução

A recém-concluída XXV AGE/2019 (Assembleia Geral Eletiva da CRB) teve como Tema: "Consagradas e Consagrados em Missão", e como Lema: "Fazei tudo o que ele vos disser" (Jo 2,5). Este tema tem tudo a ver com o nosso Carisma Estigmatino, pois vai de encontro ao desejo mais profundo de nosso Fundador São Gaspar Bertoni, devido à sua sensibilidade e ardor missionário, em momento tão difícil para sua terra natal, Verona, norte da Itália.

O Carisma missionário Estigmatino surge em resposta num contexto político, social e religioso de grande confusão, raiz do conflito entre o exército francês, de Napoleão, e o exército austríaco, que lutavam para tomar posse daquela região, ao norte da Itália.

O nosso carisma tem como título: "Missionários Apostólicos em Auxilio aos Bispos"; este é o nosso lema, que nos motiva a estar em uma permanente atitude de missão e que está em plena sintonia com o tema da CRB, "Consagradas e Consagrados em Missão" e o Horizonte do triênio (2019-2022) da CRB, que ficou definido desta maneira: "Nós, consagradas e consagrados em missão, movidos por uma mística profético-sapiencial e articulados institucionalmente, procuramos estar presentes onde a vida está ameaçada, responder aos desafios de cada tempo, tecendo relações humanizadoras e interculturais, ouvindo o clamor dos pobres e da terra, para que o vinho novo do Reino, anime a festa da vida". Este horizonte iluminador, manifesta o espírito de comunhão eclesial entre a nossa Congregação e os religiosos do Brasil, para servir, generosamente, à causa do Evangelho e da Igreja neste momento de grandes desafios.

1 Pe. Antonio Alves Dias, css (Toninho): Assessor do Setor de Formação Permanente da CRB Nacional, em Brasília. Pertence à Congregação dos Padres Estigmatinos da Província Santa Cruz, com sede em Rio Claro, SP.

O Carisma missionário Estigmatino surge em resposta num contexto político, social e religioso de grande confusão, raiz do conflito entre o exército francês, de Napoleão, e o exército austríaco, que lutavam para tomar posse daquela região, ao norte da Itália.

A questão da missionariedade, vive hoje o desafio provocativo do Papa Francisco, que nos convoca a ser uma "Igreja em saída", lembrando-nos que a natureza da Igreja, é essencialmente missionária. Em palavras do Papa, "A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. 1 Jo 4, 10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos"[2] (EG n. 24). Assim a vida e a ação da Igreja giram em torno do amor e se tornam "fonte da ação evangelizadora. Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros"? (EG n. 8).

Veremos a seguir, o contexto em que nasce nossa Congregação, porém, será apenas uma menção do aspecto histórico vivido por ele, sem a pretensão de aprofundar as consequências da guerra napoleônica pela disputa do território veronês.

2 Papa Francisco, Exortação Apostólica - Evangelii Gaudium – São Paulo: Paulinas, 2013.

Contexto Histórico do Fundador - Surgimento da Congregação

Nosso fundador, São Gaspar Bertoni nasce em Verona, Itália (9/10/1777 – século XVIII) e falece santamente em 12/06/1853; ele funda a Congregação em (04/11/1816 – século XIX), em um período, chamado pelos historiadores, de Época Contemporânea (1789 até os dias atuais).

A Idade Contemporânea é uma época da História que tem início em 1789 (começo da Revolução Francesa) e que se estende até os dias atuais.

Principais características no mundo ocidental

- Consolidação do capitalismo como sistema econômico.
- Desenvolvimento industrial.
- Ascensão política e econômica da burguesia industrial, principalmente nos países europeus.
- Consolidação do regime democrático após meados do século XIX.

– Neocolonialismo e Imperialismo: disputa de territórios, mercados consumidores e fontes de matérias-primas pelas potências europeias.

Temos neste contexto histórico, que vivemos desde o final da era moderna (1789), período em que se dá a "emancipação das ciências e o surgimento de correntes filosófico-ideológicas, que combatem abertamente as propostas da Igreja, ou, ao menos, se distanciam muito de seu pensar, como o idealismo, o absolutismo, o racionalismo, o positivismo..." Aqui, a fé quase não tem espaço. A revolução francesa (1789...) talvez seja a expressão mais eloquente desta autonomia rebelde das ciências em relação à teologia cristã. O mundo, começa a se organizar em torno da ciência e não mais a partir e em função da religião e da fé.

"No interior da Igreja, movidos pela ação do Espírito Santo, desencadeia-se um verdadeiro surto de surgimento de Congregações Religiosas de caráter missionário. Em 150 anos (1800-1954) surgem 1254 congregações de direito pontifício".

Na Idade Contemporânea, em especial no final do século XIX e início do século XX, a Igreja atravessa um período difícil, em especial, por causa dos novos contextos sociais que afastavam a Igreja da vida cotidiana das pessoas e dos centros dos debates sociais. O processo de secularização, cresce rapidamente, especialmente após a Revolução Francesa e a Revolução Industrial"[3]. Alguns historiadores chamam, esse período, de término da Era Constantiniana, com o fim da aliança (ou separação) entre Estado e Igreja. A religião passa a ser desprezada, em nome do "progresso cultural"[4]. A sociedade fica marcada pelo racionalismo, priorizando a razão em detrimento da fé e dos valores transcendentais; em resumo podemos dizer que a era da fé agora dá espaço à era da razão.

Os Mosteiros, assim como as Congregações, nascem como uma resposta concreta aos problemas surgidos dentro e fora da Igreja, em diferentes períodos da história.

Por tanto, é neste contexto que surge a nossa Congregação. Na época em que viveu São Gaspar Bertoni, entre final o século XVIII e meados do século XIX, a cidade de Verona era palco de constantes conflitos entre os exércitos francês, de Napoleão Bonaparte, e austríaco, que ocuparam a cidade e disputavam a sua posse.

Tal situação provocou um clima de desordem e libertinagem, que atingiu principalmente a

3 Fr. Aldir Crocoli, capuchinho, História da Espiritualidade, apostila p. 20ss.

4 http://www.Maxwell.vrac.Puc-rio.br

juventude, totalmente desamparada e cheia de ideias revolucionárias, e o próprio clero, que também, por causa das guerras, havia mudado sua mentalidade. Eram inúmeros os feridos de guerra, e não havia escolas para os meninos pobres[5]. Consideramos ser este o resultado mais grave em consequência desta guerra e todas as guerras: a destruição dos valores morais e da espiritualidade de um povo. Aqui se dá a grande contribuição dos Padres Estigmatinos, como Missionários Apostólicos, do ponto de vista social e eclesial, já que a nova Congregação procurou assistir especialmente a juventude pobre com a criação dos Oratórios Marianos, com formação técnica para que pudessem aprender uma profissão, e também se preocupou da formação no seminário e o aconselhamento espiritual do clero que estava desorientado.

O lema: "Missionários Apostólicos em auxílio aos Bispos":

(Inspiração bíblica: Mt 28,16-20 – "Ide e ensinai".)

Em nosso brasão, estão gravadas estas duas palavras (Euntes Docete = Ide e Ensinai) que aparecem nos vv. 19 e 20 do citado evangelho. É uma afirmação categórica do mandato evangélico, com o qual Jesus define claramente o caráter missionário dos seus discípulos. Este mandato fundamenta e ao mesmo tempo revela o objetivo da missão. A missão é: que todos conheçam a Deus por meio do Batismo, e façam também a experiência do discipulado, na vivência da comunhão trinitária.

Diz o Papa Francisco, "a Igreja, que é discípula missionária, tem necessidade de crescer na sua interpretação da Palavra revelada e na sua compreensão da verdade" (EG n. 40). E, para São Gaspar, grande estudioso da Escritura, este texto se constitui na chave de compreensão e inspiração para que a Congregação possa levar adiante a sua missão, que consiste em transmitir, aos outros, as verdades contempladas (Constituição do Fundador: CF n. 49).

Este fragmento do evangelho de Mateus mostra o caráter universal da missão dos discípulos. Portanto, esta passagem oferece uma série de elementos que permitem entender o restante do evangelho. Aqui, tem lugar a manifestação de Jesus ressuscitado, no qual se revela o mistério profundo de sua pessoa e o envio dos discípulos, cuja missão consistirá em: reunir todos os povos, para torná-los discípulos de Jesus.

O encontro com Jesus dissipa todas as dúvidas e recupera

5 http://estigmatinos.com/congregacao/carisma

a confiança do seguimento, e posteriormente o compromisso da missão, com a certeza de que Ele os acompanhará até o fim dos tempos. A superação do medo, dá aos discípulos a capacidade de levar adiante a missão de ir e transmitir o Evangelho à luz do Espírito Santo. Entendemos, a partir destes poucos versículos, que a Igreja é desde sempre missionária, e sua finalidade, é anunciar a salvação universal, que vem do próprio Jesus.

a) Missionários Apostólicos: O nosso lema, constitui a essência e a finalidade do Carisma Estigmatino. Então nos perguntamos: o que é Carisma?

A diversidade de modos de viver os ensinamentos de Cristo, que surgiram ao longo dos séculos, dentro da unidade da Igreja cristã, foi denominada "Carismas".

Segundo o Catecismo da Igreja, no n. 799, os Carismas são definidos como "graças do Espírito Santo que, diretamente ou indiretamente, têm uma utilidade eclesial, pois são ordenados à edificação da Igreja, ao bem dos homens e às necessidades do mundo".

"Para a Igreja, Carisma assume também, o sinônimo de vivência do Evangelho segundo uma Congregação ou movimento eclesial. Assim, além de designar um dom espiritual pessoal, tornou-se referência para diversos grupos que surgiram ao longo da história, em que homens e mulheres, geralmente em torno de um líder e/ou fundador, passam a viver o seguimento a Cristo de modo comunitário, a partir de regras e do testemunho de um fundador a quem foi manifestado o carisma"[6].

Quando falamos de Carisma congregacional, nos remetemos à expressão ´carisma dos fundadores` que começou a ser usada depois do Concílio Vaticano II. O papa Paulo VI, em 1971, inaugura a terminologia na Exortação Apostólica "Evangélica Testificatio. No mesmo documento, consta também a expressão "Carisma da Vida Religiosa" o qual entende-se como, antes de tudo, "o fruto do Espírito Santo que age continuamente na Igreja"[7].

Ampliando um pouco mais esta visão do Carisma fundacional, a Ir. Veronice Weber em sua tese cita o seguinte pensamento de Yan Paulinus Olla a respeito de Carisma: "Estando na origem da experiência da fundação, o carisma do/a fundador/a apresenta as principais linhas espirituais que caracterizam a identidade própria do instituto, sua missão na Igreja, sua espiritualidade".[8]

---

6 www.maxwell.vrac.Puc-Rio.br

7 Papa Paulo VI, ET - Exortação Apostólica - Evangélica Testificatio, n. 11.

8 Ir. Veronice Weber, Carisma, Instituição e Pessoa . CRB, ESTEF. Porto Alegre, 2012, p. 17.

O Carisma está a serviço da missão da Igreja, por isso, é fundamental ter presente a seguinte recomendação de São Gaspar: "disponibilidade para ir a qualquer lugar do mundo, levando o Evangelho a todos os povos". O Pe. Inácio Bonetti, em seu livro "Na escola de Deus com São Gaspar Bertoni"[9], citando a CF do fundador, nos diz que ele exigia isso para os seus missionários: "Cada um se proponha, o exemplo dos Apóstolos, dos quais sabemos que se fizeram tudo para todos a fim de ganhar todos para Cristo". O religioso Estigmatino, como todo cristão batizado, deve por vocação, estender a missão que é a mesma do próprio Jesus.

São Gaspar se empenhou, e também a sua Congregação, em todas as formas de evangelização; a expressão, "Verbi Dei quodcumque ministérium: O ministério da Palavra de Deus sob todas as suas formas (CF 163), prescreve nas Constituições a seguinte finalidade, tendo presente as maiores necessidades do Reino de Deus (Cf. Mc 1, 15), nos diversos tempos e lugares, conforme os pedidos dos Pastores da Igreja".[10] A mobilidade no processo de evangelização é imprescindível, pois deixa de manifesto o nosso desapego e afeição por lugares e pessoas, para desta maneira cumprir cabalmente nossa vocação de anunciadores da Boa Notícia.

No projeto missionário proposto por São Gaspar, devemos considerar três elementos fundamentais para alcançar este objetivo:

1º Disponibilidade: Como já foi mencionado anteriormente, na CF n. 5 diz: "Dispostos a ir a qualquer lugar, na diocese e no mundo"; Não concorda com o espírito de missionário apostólico um voto de estabilidade.

2º Gratuidade: Na CF n. 3 diz o seguinte: Servir a Deus e a Igreja "gratuitamente". São Gaspar, diz o Pe. Inácio Bonetti, parece ter escolhido como sua norma imutável o que S. Paulo havia aprendido de Cristo: "Há mais alegria em dar que em receber" (At 20,35); e Também o Pe. Giacobbe evidência um aspecto fundamental do espírito missionário, que são Gaspar tirou do Evangelho: "Vocês receberam de graça, de graça devem dar" (Mt 10,8). Portanto, "servir a Deus e à Igreja "grátis omnino", estabelecido logo no começo das Constituições, se torna o princípio fundamento, do espírito missionário da obra iniciada por São Gaspar[11];

3º Formação (excelência espiritual, intelectual e vida comum):

9 Pe. Inácio Bonetti, Na escola de Deus com São Gaspar Bertoni, Gráfica e Editora regional, Brasília/DF, 1993, p. 103.

10 Idem, p. 103.

11 Idem, p. 104.

Nos primeiros números das CF 6 e a Constituição atual n. 5, o nosso Fundador deixam indicado como uma carta magna os meios para alcançar este objetivo. Textualmente a CF 6 faz esta relação dos "meios para conseguir a finalidade de Missionários Apostólicos: a própria perfeição espiritual; a perfeita posse das ciências eclesiásticas; a vida comum; o exercício perpétuo e contínuo da obediência, da castidade e da pobreza; o estilo de vida (alimentação, vestuário e habitação), conforme o uso dos eclesiásticos perfeitos, entre os quais vivem, e que sirva de edificação para os fiéis pela sobriedade cristã e pobreza evangélica".

Diz o Pe. Inácio Bonetti, que existe uma insistência a respeito da ideia de "perfeição", da parte de São Gaspar, referida tanto quanto no esforço espiritual, como na aquisição da cultura teológica. "A Parte IV das CF no Capítulo II, e a Constituição atual n. 5, é dedicada inteiramente, como já vimos, ao tema do constante progresso, tanto em nível espiritual quanto em nível cultural, que deve marcar a vida do Missionário Apostólico"[12].

À raiz do que foi dito anteriormente pelo próprio São Gaspar a respeito da característica e finalidade do Carisma Estigmatino, percebemos que o próprio título da Congregação, "Missionários Apostólicos em auxílio aos Bispos", já aponta para um estilo de vida e espiritualidade que têm sua raiz na experiência e vivência dos primeiros cristãos. Uma espiritualidade centrada na pessoa de Jesus, em seus gestos e palavras, tudo isso alimentado por uma intensa vida de oração. Esta espiritualidade adquiriu um rosto que marcou a história da espiritualidade cristã no monaquismo antigo e que exerce valiosa influência até os dias atuais.

12 Idem p. 105.

b) A espiritualidade Estigmatina - "Monges em casa e apóstolos fora":

A missionariedade está relacionada com um fazer eminentemente pastoral ("apóstolos fora"), enquanto a espiritualidade tem a ver com a essência mesma do ser religioso orante ("monges em casa"); a expressão "monges em casa e apóstolos fora" nos remetem a uma característica propriamente monástica, de uma vida marcada por uma espiritualidade profunda centrada na oração íntima com o Senhor, que os leva a uma ação, iluminada pela oração.

"Monges em casa, Apóstolos fora": a expressão do nosso fundador, São Gaspar Bertoni, revela toda a ascese e mística do

Estigmatino. O ser monge remete à mística, a uma espiritualidade profunda, um abandono, humildade, vivendo essa ação sobrenatural, configurando-se na sabedoria da cruz, projetando-se no amor esponsal, dentro de uma comunhão fraterna, que cria um diálogo, que faz despertar o aspecto missionário apostólico que vai, partindo desse treino e embebedado nessa mística profunda de oração anunciar a boa notícia, cumprindo o lema do brasão, de "ide e ensinai", ir e pôr à disposição de Deus os dons que ele nos deu, vivenciando assim o carisma. Para se evangelizar, é preciso primeiramente da fé, e de suas sustentações: conhecer, aceitar, comprometer-se e testemunhar"[13].

Era o lema dos monges, nos primeiros quatro séculos da era cristã: "ora et labora". Esta célebre frase de São Bento, fundador da Ordem dos Beneditinos, é a característica da espiritualidade monacal beneditina: oração e trabalho. Primeiro a oração e depois o trabalho. Enquanto a espiritualidade inaciana, da qual o Fundador vivenciou profundamente, se trabalha orando, isto é, não existe separação entre uma coisa e outra.

A respeito do binômio oração e trabalho, o Papa Francisco diz o seguinte: "Evangelizadores com espírito, quer dizer, evangelizadores que rezam e trabalham. Do ponto de vista da evangelização, não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração" (EG n. 262). Uma das nossas prioridades é cultivar uma vida interior a exemplo do Mestre, que nos permita viver a nossa vida missionária com sentido, fazendo com que a nossa ação esteja inspirada e iluminada por uma permanente atitude contemplativa.

O ser monge remete à mística, a uma espiritualidade profunda, um abandono, humildade, vivendo essa ação sobrenatural, configurando-se na sabedoria da cruz, projetando-se no amor esponsal, dentro de uma comunhão fraterna, que cria um diálogo, que faz despertar o aspecto missionário apostólico que vai, partindo desse treino e embebedado nessa mística profunda de oração anunciar a boa notícia, cumprindo o lema do brasão, de "ide e ensinai", ir e pôr à disposição de Deus os dons que ele nos deu, vivenciando assim o carisma.

13 http://www.estigmatinos.com/congregacao/espiritualidade

Segundo o Fr. Aldir Crocoli14, "o monacato passa a ser visto como uma 'sociedade perfeita`, uma verdadeira 'civitas Dei`, onde o tempo é dividido em duas partes iguais: uma dedicada à oração e outra a todas às demais atividades como: comer, trabalhar, dormir, etc. Nesta atitude, pode-se desempenhar bem a missão de 'contemplare et contemplata aliis tradere` (Contemplar e levar aos outros as coisas contempladas na meditação).

Esta célebre frase da São Tomás de Aquino, Dominicano, foi plenamente considerada por São Gaspar dentro de suas regras fundamentais e é parte do estilo de vida de todo Estigmatino. Encontramos na CF n. 49 e na C. atual n. 4 a citação e a interpretação da mesma. Este princípio cunhado pelo ilustre Santo Tomás é um dos lemas mais destacados dos frades dominicanos, foi considerado por São Gaspar como um ideal para os seus filhos, no "crescimento das ciências eclesiásticas" e também no crescimento da vida espiritual e pastoral. Vejamos o que diz nosso fundador na referida Constituição: "Nesta Congregação clerical, cuja finalidade é não apenas contemplar para si, mas também transmitir aos outros as verdades contempladas, requer-se uma ciência não comum, perfeita em tudo o que se refere à Fé e à Moral. Portanto, é necessário que os religiosos clérigos deste Instituto se apliquem em adquirir perfeitamente tal ciência". A excelência no conhecimento das ciências, é um dos meios para conseguir a finalidade de Missionários Apostólicos.

O Papa Francisco nos entusiasma dizendo que "a primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-Lo cada vez mais"; e citando a 1 Jo 1,3, ele afirma que "a melhor motivação para se decidir a comunicar o Evangelho é contemplá-lo com amor, é deter-se nas suas palavras e lê-lo com o coração" (EG n. 264).

São Gaspar soube fazer uma síntese muito importante da riqueza da espiritualidade monacal e de toda a riqueza de conhecimento teológico e espiritual, com grande destaque em outras ordens religiosas, como a Dominicana e a Jesuíta. Essa preocupação com o saber ele a transmitiu como exigência para os membros de sua congregação, dizendo que "é imperioso que cada um tenha profundo conhecimento em uma e outra teologia, positiva e escolástica, especulativa e moral" (CF n. 50), de tal maneira que estejamos em condições de iluminar a vida daqueles que se encontram desorientados.

14 Fr. Aldir Crocoli, História da Espiritualidade, apostila p. 8.

"a primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-Lo cada vez mais"; e citando a 1 Jo 1,3, ele afirma que "a melhor motivação para se decidir a comunicar o Evangelho é contemplá-lo com amor, é deter-se nas suas palavras e lê-lo com o coração" (EG n. 264).

Lembramos uma vez mais "o missionário apostólico: feito tudo para todos" testemunhado por Pe. Giacobbe em que se dizia que São Gaspar "em qualquer lugar onde chegasse "era tudo para todos", seguindo as palavras de São Paulo 1 Cor 9,22: "Com os fracos me fiz fraco, para ganhar os fracos. Para todos eu me fiz tudo, para certamente salvar alguns".15 Estas palavras de São Paulo, se aplicam perfeitamente ao estilo missionário de São Gaspar Bertoni.

Em palavras do Papa Francisco, "é urgente recuperar um espírito contemplativo, que nos permita redescobrir, cada dia, que somos depositários de um bem que humaniza, que ajuda a levar uma vida nova. Não há nada de melhor para transmitir aos outros" (EG n. 264).

15 Pe. Inácio Bonetti, Na escola de São Gaspar, p. 102.

Conclusão:

Vivemos novos desafios neste momento de evangelização da Igreja universal. E como bem diz o Papa Francisco, "não digamos que hoje é mais difícil; é diferente" (EG n.263). Considerando estes desafios da nossa época, a CRB Nacional em sua terceira prioridade, diz que é preciso "Fomentar a intercongregacionalidade, a interculturalidade e a partilha dos carismas com leigas/os. Somos interpelados/as a constituir alianças interinstitucionais, conviver na diversidade cultural e incluir o laicato na nossa espiritualidade e ação, abrindo novos caminhos na missão". No encontro e comunhão dos Carismas, podemos vislumbrar o novo ardor missionário no seio da Igreja do Brasil e, quem sabe, do mundo. Precisamos acreditar e fortalecer nossa esperança nesta ideia inspiradora que nos leva a ser "uma Igreja em saída" como deseja o Papa Francisco. Assim "a Igreja ´em saída` é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido" (EG n. 46). É sair para favorecer o encontro em realidades pessoais, comunitárias e também sociais, marcadas pelos des-encontros. Em relação ao nosso carisma Estigmatino, "o Espírito característico dos

Missionários Apostólicos se manifesta em cinco aspectos:

Em ser um só coração e uma só alma, na concórdia e união recíproca das vontades.

Na contemplação que vivifica a caridade pastoral sempre pronta para tudo: Contemplari et contemplata aliis tradere.

Na mobilidade para ir quocumque in diocesi et mundo, livres de dignidades, moradias fixas, benefícios e da orientação perpétua e particular das almas.

Em disponibilidade ampla de doação, servindo a Deus e à Igreja grátis omnino, sem interesses econômicos.

Na opção preferencial pelos pobres, de acordo com as urgentes necessidades do Reino de Deus.

Sem perder as particularidades de nossos carismas, devemos colocar em comum a riqueza de nossa espiritualidade, em benefício da integração intercongregacional e intercultural, dessa missionariedade apostólica que herdamos do próprio Jesus.

A nossa espiritualidade tem uma caraterística toda especial. A experiência mística de São Gaspar foi fazer em tudo a vontade de Deus. Para tanto é necessário ABANDONAR-SE NELE (e confiar como a criança nos braços da mãe). SER TODO DE DEUS.

Para refletir:

- Quais são as características próprias de nossa Congregação?
- Em nossa ação pastoral, evangelizamos com o coração e autêntico ardor missionário?
- Estamos dispostos a ser uma verdadeira "Igreja em saída", como pretende o Papa Francisco?

Referências Bibliográficas

Papa Francisco. Exortação Apostólica - Evangelii Gaudium –, São Paulo: Paulinas, 2013.

Crocoli, Fr. Aldir, capuchinho. História da Espiritualidade, apostila p. 20ss.

https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27302/27302_4.PDF

http://estigmatinos.com/congregacao/carisma

Papa Paulo VI. ET - Exortação Apostólica- "Evangélica Testificatio, n. 11

Weber, Ir. Veronice. Carisma, Instituição e Pessoa - CRB – ESTEF, Porto Alegre, 2012, p. 17.

Bonetti, Pe. Inácio. Na escola de Deus com São Gaspar Bertoni, Gráfica e Editora regional, Brasília/DF, 1993, p. 103.

O VOTO DE POBREZA

Reflexões a partir do Magistério do Papa Francisco

Frei Vanildo Luiz Zugno[1]

A *Lumen Gentium* (43-44), ao tratar dos conselhos evangélicos de castidade, de pobreza e de obediência, consagrados a Deus, apresenta-os como: a) um Dom de Deus; b) um serviço a Deus; c) um dom à Igreja; d) um serviço ao Reino; e) um sinal escatológico na Igreja; f) um sinal escatológico para o mundo.

Seguindo a perspectiva conciliar, a Exortação Apostólica *Vita Consecrata* apresenta o "ser sinal escatológico" como a dimensão profética "inerente à vida consagrada enquanto tal" (VC 84). Para João Paulo II, "devido ao radicalismo do seguimento de Cristo e da consequente dedicação à missão que o caracteriza", para a/o religiosa/o, "nada pode ser preferido ao amor pessoal por Cristo e pelos pobres, nos quais ele vive" (VC 84).

1 Frade Menor Capuchinho. Licenciado em Filosofia (UCPEL, 1987) e Doutor em Teologia (EST, 2016). Professor na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (Porto Alegre). Membro da Comissão de Religiosos Irmãos da CLAR e da CRB. E-mail: zugno1965@hotmail.com

Para viver a dimensão profética, há um pressuposto necessário: estar a serviço do desígnio de Deus sobre os homens e estar atento aos sinais da ação providente de Deus na história. Ou, nas palavras de João Paulo II, "para cumprirem convenientemente tal serviço, as pessoas consagradas devem ter uma profunda experiência de Deus e tomar consciência dos desafios do seu tempo, identificando o sentido teológico profundo deles por meio do discernimento realizado com a ajuda do Espírito" (VC 73).

Com estes dois pressupostos cumpridos, será possível "trabalharmos segundo os seus planos com uma inserção ativa e fecunda nos acontecimentos do nosso tempo" (VC 73).

Neste trabalho em que reunimos elementos do magistério do Papa Francisco para reler o voto de pobreza no mundo de hoje, seguiremos metodologicamente os passos apontados pela VC. Num primeiro momento assinalaremos

"para cumprirem convenientemente tal serviço, as pessoas consagradas devem ter uma profunda experiência de Deus e tomar consciência dos desafios do seu tempo, identificando o sentido teológico profundo deles por meio do discernimento realizado com a ajuda do Espírito" (VC 73).

os "sinais dos tempos" relacionados à temática da pobreza apontados pelo Papa Francisco, em seguida veremos como ele os reflete a partir do desígnio de Deus sobre a humanidade e, para finalizar, como podemos trabalhar para que o plano de Deus seja realizado ativa e fecundamente em nosso tempo.

Por que ser pobre?

Segundo o Papa Francisco, o primeiro "sinal dos tempos" ao qual a VRC responde com a profissão da pobreza evangélica é o "*materialismo ávido de riqueza*, sem qualquer atenção pelas exigências e sofrimentos dos mais débeis, nem consideração pelo próprio equilíbrio dos recursos naturais" (EG 89).

Materialismo, que não se expressa como proposição filosófica ou anti-religiosa, mas como um sistema econômico que transforma as pessoas e as outras criaturas de Deus em mercadoria. A economia, em vez de "preocupar-se com o justo nível da produção, uma melhor distribuição da riqueza, um cuidado responsável do meio ambiente ou os direitos das gerações futuras" (LS 109), tornou-se "uma economia da exclusão e da desigualdade social" (EG 53).

A primeira e mais nefasta consequência são relações econômicas que, ao invés de produzir e sustentar a vida, geram "esta economia que mata" e gera "exclusão" (EG 53). Morte e exclusão constatadas tanto no quotidiano das relações quanto em fenômenos de caráter nacional ou global em que "grandes massas da população veem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas, num beco sem saída." (EG 53).

Nessa economia, os seres humanos não são mais tratados como um valor em si mesmos. Eles são vistos como bens de consumo que, depois de usados, são lançados fora como sobras com as quais ninguém mais se importa. Esta cultura do descarte "afeta tanto os seres humanos excluídos como as coisas que se convertem rapidamente em lixo" (LS 22).

Economia e ecologia estão intimamente unidos e a solução de uma passa necessariamente pela solução da outra questão.

No nível macroeconômico, vivemos a "globalização da indiferença" (EG 54) onde os excluídos do sistema econômico pouco ou nada importam. (EG 54). Se preocupante no âmbito global, a indiferença também o é à medida que se estabelece em cada pessoa, quando "quase sem nos dar conta, tornamo-nos incapazes de nos compadecer ao ouvir os clamores alheios, já não choramos à vista do drama dos outros, nem nos interessamos por cuidar deles, como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem, que não nos incumbe" (EG 54).

Além de gerar indiferença para com os que sofrem - pessoas humanas e os outros seres da criação - a lógica da economia do mercado, "que não garante o desenvolvimento humano integral nem a inclusão social" (LS 109) e leva as pessoas ao consumismo, também afeta os que se pensam como sujeitos de consumo. Conforme o Papa Francisco, "o grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada" (EG 2). Ou, como diz ele, na *Gaudete et Exsultate*, essa lógica acaba "por nos transformar em pobres insatisfeitos que tudo querem ter e provar" (GE 108).

Desejo de consumo que não se resume aos bens materiais. No atual contexto econômico, a compra e a venda não são apenas de bens palpáveis. O capitalismo apropriou-se da cultura, e tudo aquilo que é simbólico se transforma em bem de mercado. Inclusive a religião. As novas tecnologias de comunicação possibilitam a disponibilização, venda e consumo de bens simbólicos em um mercado que não tem limitação física. O perigo, para o religioso e a religiosa, assim como para toda pessoa, é que o "consumo de informação

o grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada" (EG 2). Ou, como diz ele, na Gaudete et Exsultate, essa lógica acaba "por nos transformar em pobres insatisfeitos que tudo querem ter e provar" (GE 108).

superficial e as formas de comunicação rápida e virtual podem ser um fator de estonteamento que ocupa todo o nosso tempo e nos afasta da carne sofredora dos irmãos" (GE 108).

O perigo, para o religioso e a religiosa, assim como para toda pessoa, é que o "consumo de informação superficial e as formas de comunicação rápida e virtual podem ser um fator de estonteamento que ocupa todo o nosso tempo e nos afasta da carne sofredora dos irmãos" (GE 108).

A consequência, além da indiferença para com os pobres, é a superficialidade nas relações: "Na cultura dominante, ocupa o primeiro lugar aquilo que é exterior, imediato, visível, rápido, superficial, provisório" (EG 62). O real deixa de ser importante e todas as preocupações se voltam para as aparências e acabamos condenados a viver como "pessoas ressentidas, queixosas, sem vida" (EG 2). Além de matar muitas pessoas pela miséria e pela fome, a atual estrutura econômica acaba matando as pessoas por dentro, em seu ânimo, em sua alma.

A face externa desta estrutura econômica é aquilo que o Papa Francisco chama de "nova idolatria do dinheiro". Nela, "aceitamos pacificamente o seu domínio [do dinheiro] sobre nós e as nossas sociedades" (EG 55). Domínio que começa com a negação da primazia do ser humano e se expressa numa economia baseada na autonomia das finanças, na especulação financeira, na destruição do Estado e das políticas públicas que zelam pelo bem comum, no "sistema da dívida" que retira dinheiro dos pobres para entregá-lo aos ricos, nas políticas de juros que só beneficiam os bancos e banqueiros, na evasão fiscal legalizada e na corrupção como forma de governo a serviço dos poderosos (EG 55-56).

O dinheiro, ao invés de servir, tornou-se o senhor das vidas humanas. Para o cristão, esta realidade não diz respeito apenas à economia. Ela diz respeito ao mais profundo da fé, pois, ao erigir-se o dinheiro como novo senhor, deixa-se de lado o Senhorio do verdadeiro Deus. Consequentemente, é um problema também ético, pois a defesa da vida, que está no centro da experiência cristã de Deus, é substituída pela adoração da morte (EG 57).

A necrofilia que nasce da idolatria do dinheiro, com suas raízes no materialismo prático, que coloca os bens materiais acima

da vida humana, se expressa diariamente na violência que assola a humanidade, seja nas guerras intermináveis que consomem milhões de vidas ou no terror cotidiano a que são condenados a viver as populações pobres, tanto no campo como na cidade. A violência, com efeito, "não acontece apenas porque a desigualdade social provoca a reação violenta de quantos são excluídos do sistema, mas porque o sistema social e econômico é injusto na sua raiz" (EG 59).

Se pode haver um terrorismo provocado por grupos que buscam mudar o sistema ou já não têm nada a perder dentro do sistema, há, por outro lado, a violência organizada daqueles que querem manter o sistema tal qual está. Estes agem, às vezes, através de forças paramilitares e, quando logram apropriar-se do Estado, utilizam as forças policiais e militares para exercer um terrorismo de Estado. Mas não será, conforme o Papa, com a força das armas que se alcançará a paz: "a desigualdade social gera uma violência que as corridas armamentistas não resolvem nem poderão resolver jamais" (EG 60).

Para superar este sistema econômico, é necessária uma vida contracultural. É preciso fazer uma opção radical em que Deus e os pobres (EG 2) ocupem a primazia nas opções de cada pessoa cristã e, de modo exemplar e profético, de cada consagrado e de cada consagrada.

A violência, com efeito, "não acontece apenas porque a desigualdade social provoca a reação violenta de quantos são excluídos do sistema, mas porque o sistema social e econômico é injusto na sua raiz" (EG 59).

A pobreza cristã

O que vem antes: o esquecimento de Deus ou o amor às riquezas? Difícil saber... A constatação, no entanto, parece segura: "quando o coração se sente rico, fica tão satisfeito de si mesmo que não tem espaço para a Palavra de Deus, para amar os irmãos, nem para gozar das coisas mais importantes da vida" (GE 68). Tal realidade é exemplificada por Jesus na parábola do rico insensato (Lc 12, 16-21) que colocava a segurança de sua vida no aumento de sua riqueza e, ao sentir-se ameaçado em sua posse, experimenta a perda de sentido da vida (GE 67).

Colocar toda a confiança nos bens materiais não é privilégio dos que possuem muitos bens. Pode acontecer também com pessoas que, tendo poucos bens,

> "quando o coração se sente rico, fica tão satisfeito de si mesmo que não tem espaço para a Palavra de Deus, para amar os irmãos, nem para gozar das coisas mais importantes da vida" (GE 68).

tiveram sua mente e seu coração tomado pela ideologia do materialismo e do consumismo. Toda pessoa, seja pobre, seja rica, precisa viver a "pobreza de espírito" proclamada por Jesus nas "bem-aventuranças" (Mt 5, 3-12; Lc 6, 20-23). A pobreza de espírito, que o Papa Francisco, a partir da tradição de Inácio de Loyola, chama de "santa indiferença", possibilita viver a liberdade interior diante de todas as coisas criadas de modo que, independentemente da quantidade dos bens possuídos, possamos ter o nosso coração aberto para Deus (GE 69).

Ao lado da "pobreza de espírito", tal qual aparece no Evangelho de Mateus, é necessário segundo o Papa Francisco, viver também a "pobreza material" proposta no Evangelho de Lucas. Diferentemente de algumas interpretações limitadoras, pobreza espiritual e pobreza material não se opõem. Elas se exigem mutuamente. Aquele que sabe colocar toda a sua segurança em Deus não tem medo de "compartilhar a vida dos mais necessitados, a vida que levaram os Apóstolos e, em última análise, a configurar-se a Jesus, que, 'sendo rico, se fez pobre' (2Cor 8,9)" (GE 69). Em consequência, a vivência da pobreza espiritual leva necessariamente a um desapego das riquezas e "a uma vida austera e essencial" (GE 69).

Da capacidade de colocar a sua segurança apenas em Deus e, por isso, de desapegar-se dos bens materiais compartilhando-os com os outros, brota outra grande "bem-aventurança": a mansidão. Para o Papa Francisco, "a mansidão é outra expressão da pobreza interior, de quem deposita a sua confiança apenas em Deus" (GE 71). Num mundo marcado pela

> Aquele que sabe colocar toda a sua segurança em Deus não tem medo de "compartilhar a vida dos mais necessitados, a vida que levaram os Apóstolos e, em última análise, a configurar-se a Jesus, que, 'sendo rico, se fez pobre' (2Cor 8,9)" (GE 69). Em consequência, a vivência da pobreza espiritual leva necessariamente a um desapego das riquezas e "a uma vida austera e essencial" (GE 69).

violência prepotente e pela disputa constante para ver quem é o mais rico e poderoso, apresentar-se como manso pode ser visto como insensatez, estupidez ou fragilidade. No entanto, tanto a tradição bíblica (Sl 37/36, 9.11; Is 66,2) como a experiência de Mahatma Ghandi, de Nelson Mandela, das Mães da Praça de Maio, dos povos indígenas e afrodescendentes, mostram que a mansidão é o caminho para a real superação das desigualdades e das violências que lhe são consequentes.

Se, como vimos na primeira parte desta reflexão, o acúmulo de riquezas encontra sua expressão teológica na idolatria, a partilha dos bens e a consciência de que tudo o que existe faz parte de uma herança comum e que os frutos da criação devem beneficiar a todos, "para os crentes, torna-se uma questão de fidelidade ao Criador, porque Deus criou o mundo para todos" (LS 93).

O Papa Francisco, retomando um dos temas clássicos do ensino social cristão, lembra que "o princípio da subordinação da propriedade privada ao destino universal dos bens e, consequentemente, o direito universal ao seu uso é uma 'regra de ouro' do comportamento social e o 'primeiro princípio de toda a ordem ético-social' [pois] a tradição cristã nunca reconheceu como absoluto ou intocável o direito à propriedade privada, e salientou a função social de qualquer forma de propriedade privada" (LS 93). Em uma simples frase, podemos dizer que, se acreditamos que tudo é Deus, estamos dispostos a fazer com que tudo seja de todos.

Com efeito, a afirmação de que todos os seres humanos são filhos e filhas de Deus e que, por isso, carregam em si a mesma dignidade, tem como consequência econômica a necessidade de que todas as pessoas tenham acesso aos bens necessários para uma vida com dignidade (LS 93). Na mensagem aos participantes do Primeiro Encontro Mundial dos Movimentos Populares, o Papa Francisco lembrava a necessidade de suprir as três necessidades básicas do ser humano: terra, teto e trabalho (FRANCISCO, 2014).

Se a dinâmica do sistema econômico é seletiva e faz com que a pobreza, para a maioria das pessoas, não seja uma opção, mas uma condenação, o Papa Francisco, retomando a tradição da Igreja latino-americana, lembra que "a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica" (EG 198).

Nas palavras do Papa Francisco, a busca do bem comum e a opção preferencial pelos pobres estão intimamente ligadas:

Nas condições atuais da sociedade mundial, onde há tantas desigualdades e são cada vez mais numerosas as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais, o princípio do bem comum torna-se imediatamente, como consequência lógica e inevitável, um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres. Esta opção implica tirar as consequências do destino comum dos bens da terra, mas – como procurei mostrar na exortação apostólica Evangelii gaudium – exige acima de tudo contemplar a imensa dignidade do pobre à luz das mais profundas convicções de fé. Basta observar a realidade para compreender que, hoje, esta opção é uma exigência ética fundamental para a efetiva realização do bem comum. (EG 158)

E, em sendo fundadas no jeito de ser de Deus, ela se torna vinculante e "tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuírem 'os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus' (Fl 2, 5)" (EG 198).

A primeira consequência se dá no âmbito prático-pastoral. Todo cristão, independentemente de sua condição pessoal, diante de pessoas empobrecidas, é chamado a "emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas" (EG 198) e ajudar a "acompanhá-los adequadamente no seu caminho de libertação" (EG 199). É a dimensão política da vivência da pobreza cristã. Quando vivida nesta perspectiva, "a política, tão sombria [torna-se] uma sublime vocação, uma das formas mais preciosas da caridade, porque busca o bem comum" (EG 205).

A segunda consequência da consciência do bem comum e da opção preferencial pelos pobres se manifesta em nível existencial. Os pobres, nos lembra o Papa, não são apenas uma categoria política ou social. Eles são pessoas e exigem que os tratemos com a dignidade que carregam. Mais do que beneficiários de nossas ações, os pobres devem ser sentidos como amigos. Em primeiro lugar, porque "nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor" (EG 198). Por isso, "é necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles" e que sejamos capazes de "reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja" (EG 198).

Só a aproximação aos pobres desprovida de qualquer interesse possibilita ver neles o rosto de Cristo e levar a uma verdadeira preocupação por sua pessoa e pela superação de sua situação de pobreza. Diante do pobre, é necessário o olhar contemplativo que permite "servir o outro não por necessidade ou vaidade, mas porque ele é belo, independentemente da sua aparência" (EG 199). É esta atitude contemplativa que permite ver o pobre em seu real valor que "diferencia a autêntica opção pelos pobres de

Os pobres, nos lembra o Papa, não são apenas uma categoria política ou social. Eles são pessoas e exigem que os tratemos com a dignidade que carregam. Mais do que beneficiários de nossas ações, os pobres devem ser sentidos como amigos. Em primeiro lugar, porque "nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor" (EG 198).

qualquer ideologia, de qualquer tentativa de utilizar os pobres ao serviço de interesses pessoais ou políticos" (EG 199).

Como ser pobre

Neste terceiro momento de nossa reflexão, queremos nos perguntar sobre as consequências, no mundo atual, da opção pela pobreza evangélica na VRC. Isso é fundamental para que a nossa opção de vida seja conforme o Evangelho, ou seja, uma boa notícia para aqueles e aquelas que a vivem e também uma boa notícia para aqueles que conosco convivem. O fundamental, como lembra o Papa Francisco, é que "no meio deste turbilhão atual, volte a ressoar o Evangelho para nos oferecer uma vida diferente, mais saudável e mais feliz" (GE 108). O que fazer para alcançar esta condição em nossa vida pessoal e comunitária de modo que seja um sinal para todo cristão e todas as pessoas de boa vontade?

Um primeiro passo é viver a proximidade evangélica, "ir ao encontro" de todos aqueles e aquelas que são vítimas do sistema que produz a pobreza. Diante de uma economia em que o dinheiro, ao invés de servir, governa e massacra pessoas e nações, o Papa Francisco nos exorta "a uma solidariedade desinteressada e a um regresso da economia e das finanças a uma ética propícia ao ser humano" (EG 58).

A solidariedade para com os pobres é vinculante, pois nasce da própria experiência do Deus de Israel que se faz presente para libertar o seu povo e do Filho de Deus que se faz humano para libertar a humanidade. Segundo o Papa, "ficar surdo a este clamor, quando somos os instrumentos de Deus para ouvir o pobre, coloca-nos fora da vontade do Pai e do seu projeto, porque esse pobre 'clamaria ao Senhor contra ti, e aquilo tornar-se-ia para ti um pecado' (Dt 15, 9). E a falta de solidariedade, nas suas necessidades, influi diretamente sobre a nossa relação com Deus: 'Se te amaldiçoa na amargura da sua

alma, Aquele que o criou ouvirá a sua oração' (Sir 4, 6)." (EG 187).

No âmbito econômico, a solidariedade enquanto expressão do voto de pobreza age em dois níveis. O primeiro, é o da resposta à necessidade imediata do pobre. Nesse nível, "a solidariedade é uma reação espontânea de quem reconhece a função social da propriedade e o destino universal dos bens como realidades anteriores à propriedade privada. A posse privada dos bens justifica-se para cuidar deles e aumentá-los de modo a servirem melhor o bem comum, pelo que a solidariedade deve ser vivida como a decisão de devolver ao pobre o que lhe corresponde" (EG 189).

As comunidades religiosas, assim como "qualquer comunidade da Igreja, na medida em que pretendem subsistir tranquilas sem se ocupar criativamente nem cooperar de forma eficaz para que os pobres vivam com dignidade e haja a inclusão de todos, correrão também o risco da sua dissolução, mesmo que falem de temas sociais ou critiquem os Governos" (EG 207). Se não o fizerem, "facilmente acabarão submersas pelo mundanismo espiritual, dissimulado em práticas religiosas, reuniões infecundas ou discursos vazios" (EG 207).

A VRC consagrada, desde as suas origens até as suas novas configurações, foi e é especialista em dar respostas às necessidades imediatas que se apresentam nas diferentes circunstâncias. Hospitais, escolas, obras assistências são exemplos de ações de religiosos e religiosas que deram e dão "uma sensível contribuição para a humanização do mundo" (EG 89).

Mas há um segundo nível em que o voto de pobreza pode expressar toda a sua potencialidade no mundo de hoje. Ele acontece quando as convicções e práticas de solidariedade abrem caminho a transformações estruturais que tornam possível não apenas a atenção aos empobrecidos que a sociedade produz, mas são capazes de criar uma sociedade que não mais produza pobres (EG 189).

De fato, "embora um pouco desgastada e, por vezes, até mal interpretada, a palavra 'solidariedade' significa muito mais do que alguns atos esporádicos de generosidade; supõe a criação duma nova mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns" (EG 188). É a dimensão cidadã do voto de pobreza que também não é opcional, mas faz parte da própria vivência da fé:

Em cada nação, os habitantes desenvolvem a dimensão social da sua

vida, configurando-se como cidadãos responsáveis dentro de um povo e não como massa arrastada pelas forças dominantes. Lembremo-nos que ser cidadão fiel é uma virtude, e a participação na vida política é uma obrigação moral. Mas, tornar-se um povo é algo mais, exigindo um processo constante no qual cada nova geração está envolvida. É um trabalho lento e árduo que exige querer integrar-se e aprender a fazê-lo até se desenvolver uma cultura do encontro numa harmonia pluriforme (EG 220).

Com efeito, a economia não pode ser relegada à simples lógica do mercado que, "por si mesmo, não garante o desenvolvimento humano integral nem a inclusão social" (LS 109). No contexto em que vivemos, onde se afirma que o paradigma tecnocrático tem a capacidade de gerir a economia, é preciso lembrar que a atividade econômica precisa ser orientada por uma lógica política, ou seja, pelas necessidades da sociedade e não apenas pelo interesse do lucro ou da autorreprodução do capital.

Cabe mais uma vez lembrar: isso vale para *todos* os cristãos, incluídos os religiosos e religiosas, pois "todos os cristãos, incluindo os Pastores, são chamados a preocupar-se com a construção dum mundo melhor" (EG 183).

No contexto de globalização, a solidariedade, tanto no nível da assistência como no da transformação das estruturas que geram pobreza, adquire um sentido ainda mais amplo e abrange espaços cada vez mais complexos. Há casos em que países inteiros ou regiões inteiras de continentes passam por situações de calamidade ou sofrem as consequências de um sistema que relega povos inteiros à morte (EG 150). É o caso, por exemplo, de regiões inteiras da Ásia, da África ou da própria América Latina e Caribe. Ou, então, dos setenta milhões de refugiados e dos milhares de migrantes que morrem ao tentar cruzar o Mediterrâneo para entrar na Europa ou o Rio Grande e os muros da fronteira entre México e Estados Unidos. "Respeitando a independência e a cultura de cada nação, é preciso recordar-se sempre de que o planeta é de toda a humanidade e para toda a humanidade, e que o simples fato de ter nascido num lugar com menores recursos ou menor desenvolvimento não justifica que algumas pessoas vivam menos dignamente" (EG 190), nos lembra o Papa. Estar solidário e presente com estes povos é um modo de viver o voto de pobreza (EG 190).

Num mundo pluricultural e multirreligioso, são a solidariedade e a preocupação pelos mais indigentes que dão credibilidade à Igreja e, nela, à VRC, tanto nos países onde o cristianismo é minoritário como nos países onde a religião não é mais referência cultural para as pessoas (EG 65).

Com efeito, a solidariedade, mesmo naqueles espaços onde a fé cristã não é explicitada, é um efeito do Evangelho que um dia aí foi vivido ou é uma semente do Evangelho já presente no coração humano. Por isso, a solidariedade presente na cultura popular possui a capacidade de "provocar o desenvolvimento duma sociedade mais justa e crente, e possui uma sabedoria peculiar que devemos saber reconhecer com olhar agradecido" (EG 68).

Praticar a solidariedade é um desafio para religiosos e religiosas adultas. Mas é um desafio sobretudo para as novas gerações da VRC. Num tempo em que se escasseiam as vocações, a preocupação não pode ser apenas numérica. Ela tem de ser qualitativa. Não basta encher os conventos e as casas de formação, se essas entradas "estão relacionadas com insegurança afetiva, busca de formas de poder, glória humana ou bem-estar econômico" (EG 108). A vocação só é autêntica quando se fundamenta na experiência de Jesus de dar a sua própria vida pela salvação dos outros.

Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*, o Papa destaca a solidariedade como algo inerente e significativo nas gerações jovens atuais:

O Sínodo reconheceu que, embora sob forma diferente relativamente às gerações passadas, o compromisso social é um traço caraterístico dos jovens de hoje. Ao lado de alguns indiferentes, há muitos outros disponíveis para se comprometerem em iniciativas de voluntariado, cidadania ativa e solidariedade social, o que é preciso acompanhar e encorajar para fazer surgir os talentos, as competências e a criatividade dos jovens e estimular a assunção de responsabilidades por parte deles. O empenho social e o contato direto com os pobres continuam a ser uma oportunidade fundamental para descobrir ou aprofundar a fé e para discernir a própria vocação. (…) Assinalou-se também a disponibilidade a empenhar-se em campo político para a construção do bem comum. (CV 170).

A formação para a VRC não pode apagar este traço. Pelo contrário, deve potencializá-lo para que, através do voto de pobreza, torne-se ainda mais expressivo e significativo nas novas gerações da VRC.

Novas gerações que devem estar presentes não apenas nas preocupações do hoje, mas também nas preocupações futuras. Com efeito, quando falamos em economia – e o voto de pobreza se baseia nesta realidade humana, precisamos nos perguntar: "Que tipo de mundo queremos deixar a quem vai nos suceder"? (LS 159). Essa preocupação com o futuro deve estar presente no modo como

gerenciamos as economias institucionais na VRC. Cabe perguntar-mo-nos: qual o legado econômico que deixamos para os futuros irmãos e as futuras irmãs? Cada decisão econômica de hoje implica consequências para as futuras gerações. As estruturas econômicas que construímos hoje facilitarão ou dificultarão a vivência concreta do voto de pobreza daqueles e daquelas que irão nos suceder? Será que o acúmulo de bens não os impedirá na liberdade para a ação missionária e profética?

Esta reflexão é importante também porque nos faz pensar sobre o sentido do trabalho. Com efeito, ele não pode ser visto apenas como um modo de produzir e acumular riquezas. No sentido cristão, "o trabalho deveria ser o âmbito deste multiforme desenvolvimento pessoal, onde estão em jogo muitas dimensões da vida: a criatividade, a projetação do futuro, o desenvolvimento das capacidades, a exercitação dos valores, a comunicação com os outros, uma atitude de adoração" (LS 127).

Por uma série de fatores, tanto culturais como sociais, muitas vezes, tanto na sociedade como na VRC, o trabalho se tornou um fim em si mesmo e a capacidade de produção uma medida para classificar a pessoa que passa a ser vista pelo que produz e não como um valor em si mesmo. Em outras palavras, o produto passa a ser mais importante que o seu produtor. O suporte religioso para este tipo de pensamento é o difuso pelagianismo, que insiste em seguir o caminho "da justificação pelas suas próprias forças, o da adoração da vontade humana e da própria capacidade, que se traduz numa autocomplacência egocêntrica e elitista, desprovida do verdadeiro amor" (GE 57). Segundo o Papa, preocupar-se excessivamente com a capacidade de produzir, sem perguntar-se sobre a finalidade da produção, é uma atitude de autorreferencialidade que afasta os religiosos e religiosas do caminho do Evangelho.

Na raiz de todas estas atitudes, está a necessidade de se recuperar uma das virtudes tradicionais da espiritualidade cristã: a austeridade. Na sociedade de consumo em que vivemos, é uma virtude que não goza de boa fama. Mas ela precisa ser redescoberta como um caminho para a vivência da pobreza na VRC:

O consumismo hedonista pode-nos enganar, porque, na obsessão de divertir-nos, acabamos por estar excessivamente concentrados em nós mesmos, nos nossos direitos e na exacerbação de ter tempo livre para gozar a vida. Será difícil que nos comprometamos e dediquemos

energias a dar uma mão a quem está mal, se não cultivarmos uma certa austeridade, se não lutarmos contra esta febre que a sociedade de consumo nos impõe para nos vender coisas, acabando por nos transformar em pobres insatisfeitos que tudo querem ter e provar (GE 108).

A primeira razão da opção pela austeridade é que ela nos afasta de um dos pilares do sistema econômico que hoje devora as pessoas: o consumismo. Com efeito, "o mercado tende a criar um mecanismo consumista compulsivo para vender os seus produtos, [e] as pessoas acabam por ser arrastadas pelo turbilhão das compras e gastos supérfluos" que "faz crer a todos que são livres pois conservam uma suposta liberdade de consumir, quando na realidade apenas possui a liberdade a minoria que detém o poder econômico e financeiro" (LS 203). Na realidade, a pessoa se torna escrava do consumo e uma peça no mecanismo econômico que produz pobres. Deixar de consumir, ou consumir apenas o necessário, é uma forma profética de viver o voto de pobreza nos dias de hoje.

Mas a negativa ao consumismo, além da dimensão econômica, tem também uma perspectiva espiritual. Com efeito, segundo o Papa Francisco,

A espiritualidade cristã propõe uma forma alternativa de entender a qualidade de vida, encorajando um estilo de vida profético e contemplativo, capaz de gerar profunda alegria sem estar obcecado pelo consumo. [...] ... a acumulação constante de possibilidades para consumir distrai o coração e impede de dar o devido apreço a cada coisa e a cada momento. Pelo contrário, tornar-se serenamente presente diante de cada realidade, por mais pequena que seja, abre-nos muitas mais possibilidades de compreensão e realização pessoal. A espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco. É um regresso à simplicidade que nos permite parar a saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem entristecermos por aquilo que não possuímos. Isto exige evitar a dinâmica do domínio e da mera acumulação de prazeres (LS 222).

Para viver a sobriedade com convicção, é preciso superar o conceito apresentado pelo sistema capitalista de que a qualidade de vida se mede pela capacidade de consumo. Consumir menos não implica menos vida e nem vida de baixa intensidade. Pelo contrário:

as pessoas que saboreiam mais e vivem melhor cada momento são aquelas que deixam de debicar aqui e ali, sempre à procura do que não têm, e experimentam o que significa dar apreço a cada pessoa e a cada coisa, aprendem a familiarizar com as coisas mais simples e sabem alegrar-se com elas. (LS 233).

Por fim, mas não por isso menos importante, evocamos o convite do Papa Francisco de ampliar o horizonte do voto de pobreza e vê-lo associado ao grande desafio do mundo atual: a proteção da Casa Comum. A solidariedade, segundo o Papa, deve ultrapassar o âmbito da pobreza conjuntural e da necessidade das transformações estruturais e derramar-se através das relações entre os seres humanos e as outras criaturas.

Na *Laudato Sì*, o Papa lembra que a raiz da atual crise ecológica reside no fato de nos pensarmos como *donos* da Terra e de seus recursos: "Esta irmã clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la" (LS 2. Grifos nossos).

É preciso superar a interpretação equivocada de Gn 1,28 e compreender o mandato de Deus não como a autorização da exploração selvagem da natureza por parte do ser humano, mas como o convite a construir "uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza" (LS 67) e ir além de um "antropocentrismo despótico, que se desinteressa das outras criaturas" (LS 68) até chegar a reconhecer que os outros seres vivos têm um valor próprio diante de Deus e, pelo simples facto de existirem, eles O bendizem e Lhe dão glória, porque 'o Senhor Se alegra em suas obras' (Sl 104/103, 31)" (LS 68).

Concluindo

Na Exortação Apostólica *Vita Consecrata* (n. 87), o Papa João Paulo II nos lembrava que os votos não podem ser vistos como "um empobrecimento de valores autenticamente humanos"; no caso da pobreza, do "legítimo desejo de usufruir dos bens materiais". A verdadeira teologia dos votos compreende-os como "uma transfiguração" que aponta para "Deus como bem absoluto" tornando-se um caminho não apenas para a salvação pessoal da/o religiosa/o, mas "uma 'terapia espiritual' para a humanidade, porque recusam a idolatria da criatura e tornam de algum modo

É preciso superar a interpretação equivocada de Gn 1,28 e compreender o mandato de Deus não como a autorização da exploração selvagem da natureza por parte do ser humano, mas como o convite a construir "uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza" (LS 67)

Questões para dialogar

– Os bens de que dispomos para uso pessoal ou em nossas comunidades são realmente necessárias ou são dispensáveis?
– Os bens materiais que nossa instituição detém, favorecem ou dificultam a vivência do carisma fundacional e a execução da missão que nos foi confiada?
– Como expressamos, concretamente, nossa solidariedade com os pobres e o engajamento na transformação da sociedade para que não haja mais empobrecidos?

visível o Deus vivo" (PC 87).

Como vimos acima, o Papa Francisco faz um diagnóstico da sociedade em que aparecem inúmeras doenças que precisam de terapia econômica e espiritual. Precisamos superar as estruturas que geram a pobreza e a idolatria que converteu o que era um meio – o dinheiro e os bens materiais – em fins em si mesmos.

O desapego, a austeridade e a dedicação aos pobres – seja na solidariedade imediata ou na transformação política da sociedade – são os caminhos através dos quais podemos trilhar os caminhos de uma pobreza que tenha sentido para nós e para os que nos veem, dentro da Igreja e na sociedade, como sinais proféticos do Reino de Deus.

Referências Bibliográficas

LUMEN GENTIUM. Constituição Dogmática sobre a Igreja. Roma, 21 de novembro de 1964. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html Acesso em: 16 de agosto de 2019.

JOÃO PAULO II, Papa. Vita Consecrata. Exortação Apostólica sobre a Vida Consagrada e sua missão na Igreja e no mundo. Roma, 25 de março de 1996. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031996_vita-consecrata.html Acesso em: 16 de agosto de 2019.

PERFECTA CARITATIS. Decreto sobre a conveniente renovação da Vida Religiosa. Roma, 28 de outubro de 1965. Disponível

em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_perfectae-caritatis_po.html Acesso em: 20 de agosto de 2019.

FRANCISCO, Papa. Laudato Sì. Exortação Apostólica sobre o cuidado da Casa Comum. Roma, 24 de maio de 2015. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html Acesso em 20 de agosto de 2019.

FRANCISCO, Papa. Evangelii Gaudium. Exortação Apostólica sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo Atual. Roma, 24 de novembro de 2013. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html Acesso em 20 de agosto de 2019.

FRANCISCO, Papa. Gaudete et Exsultate. Exortação Apostólica sobre a chamada à Santidade no Mundo Atual. Roma, Roma, 19 de março de 2018. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html Acesso em: 20 de agosto de 2019.

FRANCISCO, Papa. Discurso aos participantes no Encontro Mundial dos movimentos populares. Doma, 28 de outubro de 2014. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141028_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html Acesso em: 23 de agosto de 2019.

FRANCISCO, Papa. Christus Vivit. Exortação Apostólica Pós-Sinodal aos jovens e a todo o povo de Deus. Roma, 25 de março de 2019. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html Acesso em: 23 de agosto de 2019.

"VIU, SENTIU COMPAIXÃO E CUIDOU DELE" (LC 10, 33-34)

Uma igreja samaritana para um mundo que não vê a vida caída à beira do caminho

Rodinei Balbinot[1]

"Mestre, que devo fazer?" (Lc 10,25)

Neste breve texto, pretendemos lançar alguns olhares a respeito da missão da Igreja no mundo, desde o lema da CF 2020, a saber, "viu, sentiu compaixão, cuidou dele" (Lc 10,33-34). O texto bíblico do bom samaritano será nosso referencial de reflexão.

Organizamos a abordagem em três partes. Na primeira, pautamos a situação proposta por Jesus ao especialista em leis e algumas situações do mundo atual, que não vê a vida caída à beira do caminho. Na segunda, desde a atitude do sacerdote e do levita, refletimos sobre um modelo de igreja que se autorreferencia e finge não ver a vida caída à beira do caminho. Por fim, na terceira e última parte, analisamos um modo de ser igreja samaritana, que vê, sente compaixão e cuida da vida que clama nas periferias dos caminhos. Escrevemos de modo coloquial e narrativo, propondo ao final algumas questões para reflexão. Desejamos ótima jornada formativa.

A CF 2020 apresenta a vida como eixo central de reflexão. É o que propõe o evangelho: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10,10). É, também, no fundo, o propósito da Igreja com a Evangelização: "atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação" (EN, n. 19).

1 Rodinei Balbinot é professor de Filosofia da Educação na UPF, Passo Fundo, escritor e mestre em educação, filosofia e pedagogia.

Um mundo assalta a vida e a deixa semimorta à beira do caminho

"... após havê-lo despojado e espancado, foram-se, deixando-o semimorto" (Lc 10, 30).

O lema da CF 2020 é síntese da atitude missionária do bom samaritano. A situação proposta por Jesus ao especialista em leis é a seguinte: "Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se, deixando-o semimorto" (Lc 10, 30).

É interessante retomarmos brevemente o contexto do capítulo 10 de Lucas. Os 72 discípulos retornaram alegres da missão. Jesus "exultou de alegria sob a ação do Espírito Santo" e proclamou uma bela oração: "Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado" (Lc 10,21). Voltando-se em seguida aos discípulos, Jesus proclama a bem-aventurança do ver: "Felizes os olhos que veem o que vós vedes!" (Lc 10,23). A bem-aventurança consiste em ver as maravilhas de Deus acontecendo neste mundo e pôr-se a serviço do seu Reino.

Estava por perto uma pessoa versada nas Escrituras que, naquele tempo, se chamava, especialista em leis. Alguém, portanto, que dedicava a sua vida para estudar a Torá Judaica e discernir a partir dela a vontade de Deus. A oração de Jesus lhe soou irônica: seria mesmo possível que em todos os seus anos de estudo algo ainda lhe tivesse ficado oculto, que trabalhadores comuns e pessoas sem estudo pudessem ver?

Aquele especialista sentiu-se atingido por Jesus e resolveu experimentá-lo. "Mestre, que farei para herdar a vida eterna?" (Lc 10, 25). Jesus responde com pergunta: "Que está escrito na Lei? Como lês?" (Lc 10,27). Provavelmente Jesus sabia que o especialista responderia assertivamente. Foi o que aconteceu. O especialista, recorrendo a dois livros da Torá judaica, Deuteronômio (Dt 6,5) e Levítico (Lv 18,5; 19,18), crava a resposta: "Amarás ao Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e de todo o teu entendimento; e a teu próximo como a ti mesmo".

O amor a Deus e ao próximo deve ser integral, envolvendo todas as dimensões da vida: a física, a intelectual, a emocional e a espiritual. O especialista sabia o que versavam as escrituras. Ele passou na prova intelectual.

Então, resta a Jesus aprovar o saber e sugerir sabedoria, por isso responde: "Faze isso e viverás" (Lc 10, 28). O especialista sabe o que Deus quer que ele faça. Deve, portanto, mobilizar todas as suas intencionalidades para fazê-lo.

A vida cristã, a vida da Igreja e, de modo especial, a vida religiosa consagrada, consiste em fazer a vontade de Deus. O fazer supõe o saber; este, porém, não supõe necessariamente aquele. O especialista sabia, mas não fazia. Era mestre do "deveriaqueísmo", que dá instrução ficando de fora (EG, n. 96). Haveria, pois, razão para que ele, o especialista, buscasse se justificar.

Como a discussão parecia se encerrar, o especialista, tentou usar da boa retórica para se justificar, e perguntou a Jesus: "E quem é o meu próximo?" (Lc 10, 29). Muitas vezes, aplicamos mais as nossas forças para arranjar justificativas do que para discernir meios de fazer com que a vontade de Deus se realize. É então que Jesus propõe a situação do homem caído semimorto à beira do caminho.

Observemos que o homem não é identificado com nome, cultura, religião, status social. Naquela situação, isso realmente não importa. O senso de humanidade clama cuidado ao caído, independentemente de quem seja ele. Há uma ênfase na humanidade, no respeito à vida humana, na dignidade de toda a pessoa, princípios caros à Doutrina Social da Igreja.

A situação deste homem assemelha-se à condição da vida em nossa época. O atual paradigma que sustenta as ações humanas a nível mundial esgota as forças da vida e a deixa caída, semimorta à beira do caminho. É interessante perceber que, mesmo sabendo que a morte do planeta significa também a morte do ser humano, a destruição dos recursos naturais e das condições de vida na terra não dá sinais de recuo. Ao contrário, chefes de estado têm negado esta situação perigosa, à desdém das conclusões da ciência, impondo a sua autoverdade e, acreditemos ou não, proclamando-se cristãos fervorosos e arautos da ética.

Talvez, se, hoje, nos encontrássemos com Jesus na mesma situação que o especialista em leis e perguntássemos: quem é o meu próximo?, Ele poderia nos sugerir situações como as que seguem.

Enquanto 1% da população mundial goza de 99% das riquezas do planeta, a Unicef estima que a cada 4 segundos uma pessoa morre de fome e são desperdiçadas 1,3 bilhões de

toneladas de alimentos por ano. A cada 1.000 litros de água que utilizamos poluímos 10.000, sabendo que 40% da população do planeta já sofre com a escassez de água. A forma atual de desenvolvimento já comprometeu 58% da vida do planeta; 150 espécies são extintas por dia; o aquecimento global ameaça destruir a vida na terra. Jogamos, no planeta, 30 bilhões de toneladas de lixo todos os anos. Mais de 70% dos alimentos produzidos já estão contaminados por agrotóxicos. Para manter o nível atual de consumo já precisamos, hoje, quase dois planetas como o nosso.

No Brasil, segundo a Caritas Brasileira, cerca de 13 milhões de pessoas passam fome. O país está entre os 10 mais violentos do mundo e entre os 10 com a maior desigualdade social – cerca de 50% dos trabalhadores brasileiros recebem menos de 1 salário mínimo. Quase 60% dos homicídios no Brasil são de jovens, na maioria negros ou pardos. A cada 9 minutos uma mulher é vítima de estupro. Três mulheres são mortas por dia. Uma mulher registra agressão sob a Lei Maria da Penha a cada 2 minutos. A maior causa de morte entre mulheres de 15 a 29 anos é o suicídio, que tem crescido assustadoramente entre adolescentes e jovens. A maioria dos casos de violência sexual contra crianças acontece em casa. Cerca de 50% da população brasileira não tem saneamento básico. 35 milhões de brasileiros não têm água tratada. Cada brasileiro, produz em

A maioria dos casos de violência sexual contra crianças acontece em casa. Cerca de 50% da população brasileira não tem saneamento básico. 35 milhões de brasileiros não têm água tratada. Cada brasileiro, produz em média 1kg de resíduos/dia, 580 gramas são restos de alimentos.

média 1kg de resíduos/dia, 580 gramas são restos de alimentos.

Diante de situações assim, o que fazemos? Quem é o nosso próximo? Jesus continua a história indicando três atitudes, que analisaremos a seguir, sabendo, como São Paulo, que "os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós. (...) Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente. E não somente ela. Mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente, suspirando pela redenção do nosso corpo. Pois a salvação é objeto de esperança; e ver o que se espera, não é esperar" (Rm 8, 18.22-24).

Uma igreja que se autorreferencia, vê a vida caída à beira do caminho e segue

"viu-o e passou adiante. Viu e prosseguiu" (Lc 10, 31.32).

Assim como no episódio do bom samaritano, diante das situações da vida assaltada, despojada e caída à beira do caminho, podemos tomar diferentes atitudes. Após expor a situação àquele que conhecia bem as escrituras, Jesus propõe o seu desenrolar.

Três pessoas passaram pelo caído: um sacerdote, um levita e um viajante samaritano. O texto diz, expressamente, que os três viram.

O sacerdote vê e passa adiante. O levita vê e prossegue. Estes pertencem ao grupo que tramou a morte de Jesus, mas é claro, tudo em nome de Deus. Entre os motivos que viam para condená-lo: curava em dia de sábado (Mt 12, 9-14); dizia que Deus era seu Pai (Jo 5,18); fazia o bem entre o povo e, por isso, as pessoas comentavam e acreditavam (Jo 7,32). Fariseus, saduceus e levitas enraiveciam-se com Jesus porque questionava a ordem vigente, mesmo que só fizesse o bem; mas não conseguiam compadecer-se com a vida desfalecida. Símbolo de uma organização religiosa que se fechou em si mesma e toma-se como fim. O que eles viram naquela situação?

O que mais choca é o fato de terem visto a situação daquele homem e seguido adiante sem nada fazer. Não lhes pareceu oportunidade de exercício do amor ao próximo, embora conhecessem bem o que diz as escrituras a respeito. Certamente recitavam o mandamento do amor em liturgias solenes, o ensinavam nas suas escolas e o tinham mesmo entre seus lemas favoritos. Já dizia Willian Shakespeare, que até o diabo cita as escrituras quando isso lhe convém (possivelmente referindo-se a Mt 4,6).

O código de santidade do Levítico imputava impureza ao sacerdote que tocasse num cadáver e lembremos que o caído aparenta estar morto (Lv 21,1-5; Ez 44,25-26). Daí a importância da segunda parte da pergunta de Jesus ao especialista em leis: "Como lês?". Uma leitura literal das escrituras serve-se somente dos textos que convêm e encontra muitos motivos para passar

Fariseus, saduceus e levitas enraiveciam-se com Jesus porque questionava a ordem vigente, mesmo que só fizesse o bem; mas não conseguiam compadecer-se com a vida desfalecida.

adiante, sem nada fazer pelo desfalecido: tornar-se impuro, ser também assaltado, não poder realizar os rituais sem oferecer um sacrifício de expiação... Enfim, são tantas as desculpas que arrumamos para não fazer a vontade de Deus! Eis que eles veem e se vão. Entre as críticas mais severas a este comportamento está a da primeira carta de João, que chama de mentiroso àquele que diz que ama a Deus a quem não vê, mas odeia ao seu irmão a quem vê (1Jo 5, 20).

Sacerdote e levita representam uma igreja que se autorreferencia – só tem olhos para si mesma e finge não ver a vida caída, proclama sua autoverdade; uma igreja anfândega, que sente-se no direito de cobrar e controlar a graça (EG, n.47); enferma pelo fechamento e comodidade, preocupada em ser o centro, encerrada nas estruturas que oferecem falsa proteção (EG, n. 49); que se fecha quase que exclusivamente no cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio (EG, n. 95); uma igreja de contenda, para este ou aquele grupinho (EG, n. 98). Este modelo de igreja, certamente, não está de acordo com o evangelho. Enquanto vive de suas próprias preocupações, a vida desfalece. "Senhor, quando é que te vimos com fome ou com sede, forasteiro ou nu, doente ou preso e não te socorremos? (...) Em verdade vos digo: todas as vezes que o deixastes de fazer a um desse pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer" (Mt 25, 44-45).

Quando a igreja se fecha sobre si mesma, não vê nada além do que possa ferir as suas próprias regras e leis, distanciando-se da Palavra de Deus e, por isso, também dos pobres. Acaba, segundo o Papa Francisco, num obscuro mundanismo (EG, n. 95). Então, passa a ser mais importante a veste, a pompa, a rubrica, o poder, a aparência, que levantar a vida que jaz à beira do caminho. Não é fato, que também nós, inúmeras vezes, vemos a vida semimorta e passamos adiante? "O que é que é feito, em nossos dias, daquela energia escondida da Boa Nova, suscetível de impressionar profundamente a consciência dos homens? Até que ponto e como é que essa força evangélica está em condições de transformar verdadeiramente o homem deste nosso século?" (EN, n. 4).

Este modo de entender e fazer a igreja produz os seus frutos, que São Paulo chama de obras da

Quando a igreja se fecha sobre si mesma, não vê nada além do que possa ferir as suas próprias regras e leis, distanciando-se da Palavra de Deus e, por isso, também dos pobres.

carne, quais sejam: "fornicação, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, rixas, ciúmes, ira, discussões, discórdia, divisões, inveja, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas" (Gl 5, 19-21).

Entende-se, pois, o apelo do Papa Francisco à conversão da Igreja, que aparece já em sua primeira exortação apostólica e perpassa praticamente todas as suas manifestações. Como humilde serva do Reino de Deus, a Igreja precisa assumir, primeiramente e para servir de testemunho, a conversão constante de si mesma. "Espero que todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma 'simples administração'(DA, n. 201). Constituamo-nos em "estado permanente de missão' (DA, n. 551), em todas as regiões da terra" (EG, n. 25). Esta insistência do Papa está de acordo com o sentido da evangelização proposto por Paulo VI, que pretende atingir e modificar aquilo que está em desacordo com o evangelho e os desígnios da salvação. Como não incluir aí também aquilo que na Igreja precisa ser modificado pela força do evangelho?

Na Bíblia, o termo utilizado é metanoia, mudança de mentalidade. Embora a situação era a mesma – um homem despojado, espancado, caído semimorto à beira do caminho –, os passantes não viram a mesma coisa. Não vemos como são as coisas são, vemos a partir do que nós somos. Sacerdote e levita viram o caído desde o que eram, por isso, não tocaram nele. Sabiam que tocar no sangue os tornaria impuros e isso exigiria uma série de rituais de purificação.

Boa parte da dificuldade em aceitar radicalmente Jesus Cristo e seu evangelho, está na nossa indisponibilidade em deixar os próprios interesses e nas inconveniências que esta aceitação provocaria na sociedade. Já advertia Jesus: "A lâmpada do corpo é o olho. Portanto, se teu olho estiver são, todo teu corpo ficará iluminado, mas se teu olho estiver doente, todo teu corpo ficará escuro. Pois se a luz que há em ti são trevas, quão grande serão as trevas" (Mt 6, 22-23). Lembremos ainda dos discípulos de Emaús que estavam como que cegos, pois tinham uma visão distorcida do messias (Lc 24, 21).

Uma conversão, neste caso, exigiria que sacerdote e levita transformassem a visão de mundo e ser humano que fundamentava seus comportamentos e práticas. Toda a conversão, embora na boca (discurso), possa ser doce como o mel (Ez 3,2), acaba por amargar o estômago (Ap 10,8), pois exige a

Boa parte da dificuldade em aceitar radicalmente Jesus Cristo e seu evangelho, está na nossa indisponibilidade em deixar os próprios interesses e nas inconveniências que esta aceitação provocaria na sociedade.

capacidade de desaprender, que, por sua vez, só é possível aos humildes de coração (Mt 5,8).

É sempre mais cômodo, assim, falar de Jesus Cristo, mas não fazer o que ele pede, deixando as coisas como estão. Queremos a doçura na boca, não o amargor no estômago. Não há Jesus só com doçura. Ele também é amargor. O caminho de Jesus é fazer a vontade de Deus, mesmo que ela contrarie o próprio interesse e as conveniências (Mc 14, 36). É preciso que, na missão, consigamos que as coisas de Deus sejam bem-feitas.

Uma igreja samaritana: vê, sente compaixão e cuida

> *"ver o que se espera, não é esperar"* (Rm 8,24)

Há um terceiro, que passa e vê. É um samaritano. Provavelmente viajava a trabalho. É intrigante que, os dois anteriores têm funções religiosas e deveriam, por força das Escrituras, ser os primeiros a terem compaixão do caído. Contudo, foi uma pessoa de outra cultura, que a religião judaica daquele tempo considerava idólatra, quem reteve-se para cuidar dele. A religião, quando tomada como fim, causa cegueira e indiferença até mesmo às questões que qualquer ser humano com um pouco de senso de humanidade poderia se compadecer.

Vejamos que, o samaritano faz um processo de elevação da dignidade humana: chega perto, vê, move-se de compaixão, aproxima-se, cuida dos ferimentos, coloca-o em seu próprio animal, o conduz para uma hospedaria aonde permanece à noite cuidando dele, paga o hospedeiro e solicita que este também o cuide, dispondo-se a pagar os gastos extras. Este é sinal de uma Igreja samaritana, missionária, próxima e de portas abertas; cuidadora e misericordiosa; pobre e para os pobres.

Os três viram, mas somente um se compadeceu, se aproximou e cuidou. Aproximar-se para cuidar exige saída, que não se faz somente com pena. A pena pode até gerar certa aflição, mais no sentido de ver-se como superior do que de comiserar-se. Compaixão é uma dor interior

A religião, quando tomada como fim, causa cegueira e indiferença até mesmo às questões que qualquer ser humano com um pouco de senso de humanidade poderia se compadecer.

oriunda do bem, que não passa até que nos mobilizemos para fazer algo pela dignidade do outro. Talvez sacerdote e levita tenham sentido pena do caído e até mesmo lamentado a situação daquele "coitado". A pena nada faz pelos outros, somente amaina o peso na consciente de si mesmo.

É possível que o samaritano tivesse uma programação para a viagem e, certamente, uma interrupção inesperada lhe trouxesse complicações. Seria muito mais conveniente seguir adiante também, fingindo nada ver, alimentando um sentimento de pena. Ele precisou tomar uma decisão. Toda a decisão pesa possibilidades, consequências e, no final das contas, opta-se pelo que realmente importa, "pois onde está teu tesouro aí estará também teu coração" (Mt 6, 21). O peso das possibilidades se dá a partir de critérios. Quais foram os critérios do sacerdote e do levita? Quais terão sido o do samaritano? Quais critérios utilizamos para tomar decisões importantes na Congregação religiosa e na Igreja? Para a Igreja, a dignidade da pessoa, a justiça, a solidariedade, a subsidiariedade, a colaboração, a participação, a destinação universal dos bens, embora possam ser deduzidos do direito natural, são princípios inspirados pelo evento gratuito da salvação, assim como atesta a sua Doutrina Social. Estes princípios estão implicados com a fé e servem de critérios de discernimento. "Por que me chamais 'Senhor! Senhor!', mas não fazeis o que eu digo?" (Lc 6, 46).

Inegável que a atitude do sacerdote e do levita gera menos trabalho e menos incômodo. Eles viram e seguiram, cada um preocupado com os seus próprios afazeres. A vontade de Deus dá o que pensar e o que fazer. Além disso, as coisas de Deus merecem ser bem-feitas. Portanto, desde logo, é necessário dizer que uma igreja samaritana, dá mais trabalho, exige conhecimento e prática, entrega, serviço, sabedoria. Há uma missão que se estende além das estruturas e, por isso, ela deve aprender a deixar-se e pôr-se em saída.

Somente quem sabe deixar-se consegue uma verdadeira proximidade com a alteridade, de modo especial, àquela que está ameaçada. O especialista em leis esqueceu com facilidade a

segunda parte do mandamento: amar ao próximo. Uma igreja que se autorreferencia entra em si mesma em vez de sair e, assim, tem imensa dificuldade de se aproximar da vida que clama. Está preocupada com os próprios interesses.

Precisamos de uma Igreja samaritana, na qual os discípulos missionários testemunham a alegria do evangelho, vivem o dinamismo da saída apostólica, aproximam-se, têm compaixão e cuidam. Uma Igreja que primeireia, envolve-se, acompanha, frutifica, festeja (EG, n. 24).

Igreja que primeireia, toma iniciativa. Esta característica vem da própria essência da revelação. Deus toma iniciativa e "sempre dá o primeiro passo" (Papa Francisco). A Igreja, neste ponto, configura-se em Deus e a Deus. Aonde está a vida caída, lá está

> Somente quem sabe deixar-se consegue uma verdadeira proximidade com a alteridade, de modo especial, àquela que está ameaçada.

Deus e lá estará a Igreja. No primeirear também entra o primado dos pobres, que é amplamente atestado pela Palavra de Deus e pela Tradição da Igreja. "Por

> Como mãe, a Igreja está sempre vigilante e vê que o filho não está bem antes mesmo dele próprio se dar conta.
> A vida religiosa consagrada experiencia este primeirar-se na ressignificação do carisma.

isso, desejo uma Igreja pobre e para os pobres" (EG, n. 198). Como mãe, a Igreja está sempre vigilante e vê que o filho não está bem antes mesmo dele próprio se dar conta. Não aguarda na sacristia para que as pessoas a procurem; ela busca, pois é movida pela vontade de Deus que a põe em movimento para potencializar a vida. Quando alguém vai até ela, encontra as portas abertas, ou seja, é acolhedora, misericordiosa, não exclui, nem julga, ama, respeita, quer bem. Não espera a desgraça acontecer para depois correr para apenas consolar, como fazem os judeus com Marta e Maria (Jo 11, 19). Está atenta às necessidades do povo e, por isso, também, envolve-se. A vida religiosa consagrada experiencia este primeirar-se na ressignificação do carisma. Deus não se revelou no passado originário da congregação e depois se afastou e escondeu. Ele continua se revelando hoje, pois, como diz o Papa Francisco,

"Deus é sempre jovem". Trata-se, pois, de atualizar a vitalidade do carisma.

Igreja que envolve e se envolve. Abraça, cativa, encanta, participa, compromete. Assim como Jesus, sente compaixão, comove-se e deixa-se atingir pelas necessidades do povo e modificar pela força do evangelho. É uma Igreja que está aberta a ser evangelizada, pois entende que a evangelização é um movimento da graça, no qual ela própria deixa-se envolver e transformar pela dinâmica trinitária (EG, n. 174). Por esta razão, é necessário saída constante. Antes de um porto de certezas, a Igreja cultiva o encontro com o mistério salvífico de Jesus Cristo e está sempre a caminho. No caminho, aproxima-se, cuida, acompanha, promove. A Igreja não se envolverá com a vida do povo, principalmente dos pobres, permanecendo fechada em suas estruturas e certezas. O "ide" de Jesus precisa ser testemunhado sempre. A lugar privilegiado da vida religiosa consagrada é entre os pobres, em cujo grito de vida clama aos céus.

Igreja que acompanha. O samaritano não largou o caído na estrada após tratar das feridas, achando que já teria feito bastante. Ele o acompanhou até a hospedaria, permaneceu com ele durante a noite e envolveu a outros para garantir alguém ao seu lado até que pudesse seguir sozinho. O processo realizado promove a autonomia da pessoa. O samaritano é, no dizer do Papa Francisco, um "santo ao pé da porta" (GE, n. 7). Acompanhar exige um ver marcado pela fé no Deus que é e deseja a vida; saber aonde se quer chegar e escolher caminhos que possibilitem atingir o horizonte. Todo este processo pede entrega, doação, paciência e suportação apostólica (EG, n. 24). Há caminhos mais longos a serem feitos pela humanidade, que o imediatismo hedonista e o consumismo individualista não conseguem suportar. A Igreja e de modo especial a vida religiosa, neste aspecto, sabe lidar com a esperança, vê o que espera e trabalha profeticamente, esperançando a vida.

Igreja que frutifica. No evangelho de João, Jesus diz explicitamente que a Glória do Pai está em que produzamos muitos frutos (Jo 15, 8). Revela, além disso, que nos escolheu e destinou para irmos e produzirmos frutos que permaneçam. Aponta, portanto, para a necessária fecundidade missionária. Horizontes, frutos, resultados são aglutinadores das intencionalidades evangelizadoras. Hoje não é mais tempo de lançar-se como quem fere o vento. Necessário planejar, sistematizar, organizar, gerir com espiritualidade.

Discípulos missionários comprometidos com a Igreja samaritana preocupam-se em desenvolver-se pessoalmente e gerar processos de formação desde a CHAVE: Competências, Habilidades, Atitudes, Valores e Espiritualidade. Ao trabalhar com ciência e fé, inspirada nos sete dons do Espírito Santo, a missão da Igreja samaritana tem o propósito de produzir os frutos a que anseia a vontade de Deus, contra os quais não existe lei: "amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio" (Gl 5, 22-23).

Igreja que festeja. A festa é integrante da vida. Está presente em todas as culturas e, por isso, marca também a religiosidade popular e a vida eclesial. Parte significativa dos rituais se desenvolvem em torno de festas, que celebram eventos significativos da vida do povo. Jesus foi convidado para uma festa, em Caná da Galileia (Jo 2). A festa corria solta quando Maria, sua mãe, atenta à essência, percebe que o vinho acabara. O vinho representa o amor que gera a alegria. Quando se perde o amor, já não se tem nada. Falta o essencial. O núcleo da festa cristã é o amor que frutifica. Alegrai-vos e exultai (Mt 5,12), diz Jesus aos que são injuriados e perseguidos por causa do seguimento. Aquele amor que o especialista em leis bem sabia citar de acordo com as escrituras, precisa ser transformado em processos de evangelização. O que faz da evangelização uma festa é a experiência do amor, sua prática cotidiana, que supõe doação, entrega, dedicação, compromisso.

A festa corria solta quando Maria, sua mãe, atenta à essência, percebe que o vinho acabara. O vinho representa o amor que gera a alegria. Quando se perde o amor, já não se tem nada. Falta o essencial.

Questões para reflexão

– Tomemos parte do convite do Papa Francisco para renovar o nosso encontro com Jesus Cristo (EG, n. 3) e "unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral" (LS, n.13).
– Quais clamores vêm das beiras dos caminhos e do interior das "sarcas-ardentes" do tempo presente, desde o contexto aonde atuamos? Que respostas o carisma vitalizado inspira?
– Como temos acompanhado a vida que clama, caída à beira do

caminho? Qual a qualidade profética do nosso acompanhamento?

– Quais frutos a vida religiosa consagrada tem oferecido ao mundo? Estes frutos contêm sementes da Palavra?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica Evangelli Gaudium. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em 30.07.2019.

PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica Gaudete Et Exsultate. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html. Acesso em 30.07.2019.

PAPA FRANCISCO. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em 30.07.2019.

PAPA PAULO VI. http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em 30.07.2019.

PONTIFÍCIO CONSELHO 'JUSTIÇA E PAZ'. Compêndio da Doutrina Social da Igreja. http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html. Acesso em 30.07.2019.

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO E DO CARIBE. Documento de Aparecida. CNBB, Paulus, Paulinas. 2007.

GUIA DE LEITURA DA CRISTO VIVE

Pe. Giacomo Costa, sj e
Pe. Rossano Sala, sdb [1]

INTRODUÇÃO

No dia 25 de março de 2019, o Papa Francisco deixou o Vaticano para uma breve visita ao Santuário de Loreto. Dentro da Santa Casa – um lugar muito simbólico – ele assinou a Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christus Vivit* (Cristo Vive - CV) destinada aos jovens cristãos de todo o mundo e para todo o Povo de Deus (CV,3). Este documento representa um passo avante num processo que começou em 2016 com o qual a Igreja foi interrogada sobre o tema "Os jovens, a fé e o discernimento vocacional". Um caminho longo, que contou com a contribuição de todas as Conferências Episcopais e ofereceu várias oportunidades de escuta diretamente dos jovens, no mês de outubro de 2018 e durante a celebração da 15ª. Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos. Na ocasião, a Assembleia ofereceu um documento final apresentado ao Papa que, por sua vez, o tornou público, tendo em vista o envolvimento de todas as igrejas particulares.

Numa Igreja que entende a "realização do Sínodo", ou numa palavra mais accessível, o "caminhar juntos", sua própria identidade, o texto se coloca de forma expressiva no seguimento de todos os passos anteriores do processo sinodal e abre novas perspectivas. De forma muito particular, é possível entender a exortação como uma releitura meditada e dialógica, de particular significado, dos trabalhos da Assembleia, na qual o Papa esteve presente. Isso é afirmado com clareza do início ao fim em sintonia com o documento final que foi assumido e assimilado além dos parágrafos e reflexões com amplas citações, tonando a *Christus Vivit* um eco e uma

1 Secretários especiais do Sínodo dos bispos sobre a juventude: "Os jovens, a fé e o discernimento vocacional".

avaliação de todo o processo.

***Deixei-me inspirar da riqueza das reflexões e dos diálogos do Sínodo do ano passado. Não poderei recolher aqui todas as contribuições, que podem ser lidas no documento final, mas procurei retratar, no conteúdo desta carta, as propostas que me pareceram mais significativas. Deste modo, a minha palavra será enriquecida pelas milhares de vozes de fieis de todo o mundo, que quiseram participar com suas reflexões e propostas que fizeram brotar em mim novas perguntas* (CV, 4).**

A tudo isso, Papa Francisco une também os estímulos das Conferenças Episcopais de todo o mundo e alguns tópicos mais pessoais, que chegaram da América Letina e de personalidades da Companhia de Jesus, como Pedro Arrupe e Alberto Hurtado. Nas páginas que seguem, oferecemos uma primeira apresentação do conteúdo da CV.

Um diálogo entre gerações

CV começa exprimindo a intenção de abrir um diálogo com os jovens e, no seu interior, acrescenta outros atores com discurso indireto. Papa Francisco não separa os jovens do restante da Igreja, por meio deles pretende envolver todos os cristãos. Como a Assmebleia Sinodal ressaltou, os jovens são protagonistas do nosso tempo e membros ativos da Igreja, não objetos de discursos que falam sobre eles. Fundamentalmente se instaura uma relação intergeracional, a partir de uma profecia de Joel e dos trabalhos da Assembleia Sinodal (CV, 192-201).

Papa Francisco não separa os jovens do restante da Igreja, por meio deles pretende envolver todos os cristãos. Como os jovens são protagonistas do nosso tempo e membros ativos da Igreja, não objetos de discursos que falam sobre eles.

Na profecia de Joel, encontramos um anúncio que nos permite entender isto duma maneira admirável. Diz assim: «Depois disto, derramarei o meu espírito sobre toda a humanidade. Os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos anciãos terão sonhos e os vossos jovens terão visões» (Jl 3, 1; cf. At 2, 17). Se os jovens e os idosos se abrirem ao Espírito Santo, juntos produzem uma combinação maravilhosa: os idosos sonham e os jovens têm visões. Como se completam reciprocamente as duas coisas? (CV, 192).

Segundo a modalidade expressiva e comunicativa típica do nosso mundo, o texto da CV não se apresenta como um discurso estruturado, anunciado no início e depois desenvolvido de forma geométrica, mas alterna gêneros e modalidades de interlocução e argumentações. Mesmo assim, lendo-a, nós nos perguntamos se o formato textual clássico no qual é formado não esteja, de qualquer forma, distante ainda das novas tecnologias da comunicação hoje disponíveis, que favorecem articular uma pluralidade de linguagens, inclusive aquela das imagens de video, permintindo ao jovem mover-se também ao longo do texto sem ficar limitado, graças a rede de *links.* Trata-se de utilizar melhor as formas de comunicação que até agora o magistério da Igreja não utiliza, mas seria interessante começar a explorar esses meios para conseguir chegar com maior eficácia às novas gerações, que utilizam cada vez mais uma cultura multimídia e não apenas aquela escrita. Contudo, o texto é poliédrico, pois articula uma pluralidade de argumentos e de processos no seu interior. No entanto, uma segunda leitura mais atenta ajuda a emergir uma estrutura que permanece delicadamente subentendida e que não se impõe ao leitor.

Os nove capítulos do texto podem ser agrupados de três em três. É justo reconhecer nesses três blocos a preocupação com os passos do processo de discernimento – reconhecer, interpretar, escolher – sobre os quais foram articulados o trabalho da Assembleia sinodal e que serviu de estrutura do documento final com o qual CV se coloca coerentemente em diálogo.

Na escuta da realidade

O primeiro bloco (cap. 1-3) recupera o trabalho de escuta da realidade desenvolvido na Assembleia sinodal a partir dos materiais perparatorios pelo discernimento compartilhado. O objetivo é deixar espaço para que possa emergir a Palavra de Deus no encontro com os jovens e haja interação com as relações que eles têm entre si, ao interno das famílias, das comunidades e da sociedade. Somente assim os fatos revelarão seu próprio significado e oferecerão estímulo ao discernimento para saber reconhecer a vontade de Deus não de forma abstrata, mas na vida concreta e no cotidiano.

O ponto de partida, portanto, é a Palavra de Deus, em particular os diversos encontros dos jovens com o Senhor, narrados nela (cap. 1). Todavia, não é somente nos relatos da Escritura que Jesus encontra os jovens; ele é Palavra viva, aquele que faz nova todas as

coisas, o eternamente jovem (CV, 13); enquanto "ser jovem, mais que uma idade, é um estado do coração" (CV, 34).

O segundo capítulo entrelaça esta Palavra com as nossas vidas: em cada época, compreendida a nossa, é próprio do encontro com Jesus iluminar a vida dos jovens e a de toda a Igreja, chamada a renovar-se continuamente para retornar ao "seu primeiro amor" (CV, 34) e assim conseguir entrar em contato com os jovens num tempo em que muitos "não tem sentido para a própria existencia" e pedem para ser deixados em paz (CV 40), recupera-se aqui o documento final 53 e o *Instrumentum Laboris* 66.

Por outro lado, são os próprios jovens que podem evangelizar e ajudar a se manterem jovens, a não caírem na corrupção e nem se transformarem numa seita, mas ser testemunha pobre e humilde:

São precisamente os jovens que a podem ajudar a permanecer jovem, não cair na corrupção, não parar, não se orgulhar, não se transformar numa seita, ser mais pobre e testemunhal, estar perto dos últimos e descartados, lutar pela justiça, deixar-se interpelar com humildade (CV, 37).

A juventude de Jesus e a perene novidade do Evangelho manifestam-se com força na vida de Maria e na de tantos jovens capazes de chegar à santidade; assim são recordados jovens santos que

São precisamente os jovens que a podem ajudar a permanecer jovem, não cair na corrupção, não parar, não se orgulhar, não se transformar numa seita, ser mais pobre e testemunhal, estar perto dos últimos e descartados, lutar pela justiça, deixar-se interpelar com humildade (CV, 37).

viveram em todas as épocas da história, em todos os continentes e em todas as culturas.

Neste sentido, o texto revela a situação dos jovens no mundo contemporâneo (cap. 3): com um olhar de confiança e esperança, deixando também transparecer as sombras e dificuldades. O objetivo do capítulo é saber conjugar o modo de pensar dos jovens de forma abstrata ou esteriotipada (tanto de forma positiva como negativa), para colocar no centro de toda atenção a vida real deles (CV, 71), a partir da enorme variedade das condições nas quais se encontram:

A juventude não é algo que se possa analisar de forma abstrata. Na realidade, «a juventude» não existe; o que há são jovens com as suas vidas concretas. No mundo atual, cheio de progresso, muitas destas vidas estão sujeitas ao sofrimento e à manipulação (CV, 71).

De resto, a própria Assembleia sinodal indicou como particularmente apropriado ao nosso mundo a possibilidade de que, em alguns idiomas, falar jovens no plural – juventudes – (documento final 10 e CV, 68), é mais de acordo com a realidade atual.

Do documento final a exortação assume, quase na integra, a questão de três situações que emergem da condição dos jovens (e não apenas) no mundo de hoje. A primeira é *a crescente permessividade do ambiente digital*, com todas as suas potencialidades como ocasião de encontro e diálogo, mas também de suas sombras e seus riscos de manipulação e desfrute (CV 86-90). A segunda é a *condição dos migrantes*, autênticos paradigmas do nosso tempo e da condição dos fiéis, que a carta aos Hebreus define "estrangeiros e pelegrinos" (CV, 91-94). O terceiro nó refletido são *os abusos sexuais*, sobre os quais se discute também sobre a condição de encontro e a "proteção dos menores na Igreja" (21-24/02/2019), a necessidade de transparência, impossibilidade de dar marcha à ré em matéria de prevenção e a possibilidade dos jovens colaborarem para a transformação desta crise com a oportuna reforma da Igreja (CV 95-102).

Mesmo com o esforço de analisar esta realidade sócio-cultural, a intenção desta primeira seção ficou profundamente espiritual: o objetivo não é de acumular dados, mas fazer o chamado à capacidade de chorar, ou seja, a disponibilidade dos cristãos, da Igreja e da sociedade de provar no encontro com os jovens, vitimas daquela violência e injustiça, sentimentos de autentica maternidade (CV, 75-76). Igualmente espiritual é a conclusão do terceiro capítulo, que convida a esperança: os jovens – apresenta o exemplo do venerável Carlos Acutis (CV 104-106) – em vista de uma retomada criativa para não cairmos nas contradições, eis o apelo do papa Francisco. Compete as igrejas particulares aprofundar a análise do mundo juvenil de cada território para projetar a linha pastoral mais apropriada (CV, 103).

No coração do texto

A juventude não é algo que se possa analisar de forma abstrata. Na realidade, «a juventude» não existe; o que há são jovens com as suas vidas concretas. No mundo atual, cheio de progresso, muitas destas vidas estão sujeitas ao sofrimento e à manipulação (CV, 71).

O segundo bloco de três capítulos (4-6) representa o coração e o miolo da exortação, que faz juz ao seu título. A cada jovem, nas circunstâncias concretas na qual se encontra, a Igreja não tem outra coisa a oferecer se não o encontro com o Deus vivo que ela continua a apresentar como amor, salvação e como fonte de vida, sabendo que será este encontro a possibilidade de orientar na vida de cada um, isto é, a tornar possível o chamado vocacional. O objetivo desses três capítulos é fazer emergir – este é o coração de um verdadeiro e próprio caminho de discernimento – qual seja o dinamismo que coloca em ato uma resposta autêntica ao desejo de vida que os jovens levam consigo e que o Senhor não quer descartar, ou que possa ser um engano manipular e escravizar.

Papa Francisco começa, no quarto capítulo, dirigindo-se diretamente, em segunda pessoa, a cada jovem, o anúncio que vem da fé: *Deus te ama; Jesus Cristo te salva, ele está vivo e desja que tu vivas; Ele está sempre contigo e não te abandona*. Dando formato, simplicidade e profundidade a estas frases, ele mostra na prática o que significa concretizar o número 133 do documento final, que calcava a centralidade do anúncio de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, que revelou o Pai e deu o Espírito Santo como dom inrrenunciável para ser oferecido aos jovens e como isto é intrinsecamente um chamado que convida a colocar em jogo a própria liberdade.

Este chamado apaixonado a entrar numa autêntica relação de salvação e de amizade oferece a perspectiva na qual os jovens precisam considerar como intinerário para a decisão de assumir, desde o empenho professional, social e político, a configuração complexa da própria existência (cap. 5):

Como se vive a juventude, quando nos deixamos iluminar e transformar pelo grande anúncio do Evangelho? Trata-se duma pergunta importante que nos devemos colocar, pois a juventude não é motivo de que possamos vangloriar-nos, mas um dom de Deus: «ser jovem é uma graça, uma ventura» [71]. É um dom que podemos malbaratar

A cada jovem, nas circunstâncias concretas na qual se encontra, a Igreja não tem outra coisa a oferecer se não o encontro com o Deus vivo que ela continua a apresentar como amor, salvação e como fonte de vida, sabendo que será este encontro a possibilidade de orientar na vida de cada um, isto é, a tornar possível o chamado vocacional.

inutilmente ou recebê-lo agradecidos e vivê-lo em plenitude (CV. 134).

Essas páginas expressam o carinho que o papa tem quando fala aos jovens. A importância de ousar e fazer barulho, de agir mesmo quando se corre o risco de errar. É melhor do que permanecer do balcão ou no sofá. Os jovens que estão na mente do papa Fransico são aqueles capazes de pisar no chão para fazer o mundo mais justo e serem protagonistas da mudança:

Os jovens nas ruas; são jovens que querem ser protagonistas da mudança. Por favor, não deixeis para outros o ser protagonista da mudança! Vós sois aqueles que detêm o futuro! Através de vós, entra o futuro no mundo. Também a vós, eu peço para serdes protagonistas desta mudança. Continuai a vencer a apatia, dando uma resposta cristã às inquietações sociais e políticas que estão surgindo em várias partes do mundo. Peço-vos para serdes construtores do futuro, trabalhai por um mundo melhor (CV. 174).

Esse convite reforça o desejo de que os jovens não caiam numa armadilha que o mundo propõe para eles: *romper com a herança das próprias raízes e com a experiencia dos antigos* (cap. 6). Isso os tornariam frágeis, muito mais expostos a massificação e a manipulação. Por isso, a proposta do papa é aquela da reciprocidade e do diálogo entre as gerações, projetando em nível universal a experiência dos padres sinodais: "neste sínodo experimentamos que coresponsabilidade vivida com os jovens cristãos é fonte de profundidade e alegria também para os bispos. Reconhecemos nessa experiência um fruto do Espírito Santo que renova continuamente a Igreja" (documento final 119). O convite a arriscar é dirigido não apenas aos jovens, mas a todas as gerações. Aflora com força e determinação a perspectiva "sinodal": somente se jovens e adultos caminharem juntos poderemos fortalecer o presente e voltar ao passado para sanar as feridas e projetar o futuro. A imagem é aquela dita por um jovem das Ilhas Samoa: "a Igreja é uma canoa, na qual

Como se vive a juventude, quando nos deixamos iluminar e transformar pelo grande anúncio do Evangelho? Trata-se duma pergunta importante que nos devemos colocar, pois a juventude não é motivo de que possamos vangloriar-nos, mas um dom de Deus: «ser jovem é uma graça, uma ventura».[71]É um dom que podemos malbaratar inutilmente ou recebê-lo agradecidos e vivê-lo em plenitude (CV, 134).

os idosos ajudam a manter a rota, interpretando a posição das estrelas, e os jovens remam com força imaginando o que os espera mais além" (CV, 201).

Perspectivas de empenho

O bloco formado pelos últimos três capitulos (7-9) individualizam a perspectiva de ação de tudo que foi apresentado no texto: *tantos os jovens quanto as comunidades eclesiais são chamadas a escolhas concretas*. O capítulo 7 é particularmente denso: pod e ser melhor compreendido a partir do material elaborado no processo sinodal, desde o qual ele foi construído, mesmo que em alguns casos haja discreta referência. O desafio de "arriscar juntos", formulado na conclusão da parte precedente, vem recolhida e transformada na exigência de uma pastoral estruturalmente sinodal, fundada sobre a valorização dos carismas que o Espírito Santo concede a cada um sob a dinâmica da corresponsabilidade.

> Os jovens nas ruas; são jovens que querem ser protagonistas da mudança. Por favor, não deixeis para outros o ser protagonista da mudança! Vós sois aqueles que detêm o futuro! Através de vós, entra o futuro no mundo. Também a vós, eu peço para serdes protagonistas desta mudança. Continuai a vencer a apatia, dando uma resposta cristã às inquietações sociais e políticas que estão surgindo em várias partes do mundo. Peço-vos para serdes construtores do futuro, trabalhai por um mundo melhor (CV, 174).

A pastoral juvenil só pode ser sinodal, ou seja, capaz de dar forma a um «caminhar juntos» que implica «a valorização – através dum dinamismo de corresponsabilidade – dos carismas que o Espírito dá a cada um dos membros [da Igreja], de acordo com a respetiva vocação e missão. (...) Animados por este espírito, poderemos avançar para uma Igreja participativa e corresponsável, capaz de valorizar a riqueza da variedade que a compõe, acolhendo com gratidão também a contribuição dos fiéis leigos, incluindo jovens e mulheres, a da vida consagrada feminina e masculina e a de grupos, associações e movimentos. Ninguém deve ser colocado nem deixado colocar-se de lado» (CV, 206).

Para a Igreja trata-se de um verdadeiro e próprio caminho de conversão que a tornará mais

acolhedora e participativa, com a capacidade de evangelizar gaças a força das relações de que é revestida. Numa Igreja não mais monolítica mas poliédrica (CV, 207) abrem-se espaços de protagonismo para os jovens e também para as mulheres, às quais a exortação CV dedica palavras de inequivocável clareza, quando no n. 42 tinha reconhecido a legitimidade das reinvindicações de igualdade diante da realidade histórica de dominação masculina.

A capacidade de inclusão é a chave da proposta pastoral avançacada neste capítulo e proporciona maior crédito para a transmissão da doutrina (CV 212). As comunidades cristãs são convidadas a oferecer espaços de acolhida sem colocar barreiras, e às escolas católicas é pedido de não se transformarem em bunker de defesa dos erros da cultura externa, impermeaveis às mudanças (CV, 221). Particularmente interessante são os parágrafos dedicados à "pastoral juvenil popular" (CV, 230-238): parte do reconhecimento de que os lugares tradicionais da pastoral (oratórios, centros juvenis, escolas, associações, movimentos) estão em condições de atender às exigências de uma certa parte do mundo juveniul, mas não exclue outras. Muitos são aqueles que professam outra fé ou se declaram não religiosos, como também aqueles que por várias razões são marcados pela dúvida, traumas ou erros. Para eles seria muito dificil interagir numa pastoral juvenil ordinária, mas não por isso têm menos desejo de encontrar portas abertas e de serem sustentados a cumprir o bem possível.

Os últimos dois capítulos voltam de forma concreta e mais explícita aos temas da vocação e do discernimento, a partir do tema da Assembleia sinodal. O capítulo 8 apresenta a vocação no seu significado fundamental de chamado à amizade com Jesus e à participação na obra da criação e da redenção de Deus, que se realiza no serviço aos outros (CV, 253-258). É, exatamente neste dinamismo do serviço aos outros que o texto procura envolver mais ainda os jovens. A primeira é aquela do amor e da formação de uma nova família (CV 259-267), com a qual se indica a recente exortação *Amoris Laetitia*, sem esconder a beleza e a dificuldade da perspectiva matrimonial, acrescentando ainda, na linha dos trabalhos sinodais, uma palavra dedicada aos mesmos. Sempre da *Amoris Laetitia* vem reforçada também a concepção da sexualidade como autêntico dom de Deus e não como um tabu que rompe com a experiência de amor entre as gerações (CV, 261). O segundo âmbito do qual sobressai com grande força

a questão vocacional é a do trabalho (CV, 268-273). Por isso, a falta de trabalho e as várias formas de exploração representam uma ameaça para a sociedade e uma emergência da qual a política deverá se ocupar. A respeito do tema das vocações sacerdotais e religiosas, o convite aos mais velhos é de ousar propô-la como possibilidade e, aos jovens, é feito o pedido de não descartar a eventual possibilidade do chamado específico, embora devem estar sempre livres e atentos à voz do Espírito Santo.

> A pastoral juvenil só pode ser sinodal, ou seja, capaz de dar forma a um «caminhar juntos» que implica «a valorização – através dum dinamismo de corresponsabilidade – dos carismas que o Espírito dá a cada um dos membros [da Igreja], de acordo com a respetiva vocação e missão. (...) Animados por este espírito, poderemos avançar para uma Igreja participativa e corresponsável, capaz de valorizar a riqueza da variedade que a compõe, acolhendo com gratidão também a contribuição dos fiéis leigos, incluindo jovens e mulheres, a da vida consagrada feminina e masculina e a de grupos, associações e movimentos. Ninguém deve ser colocado nem deixado colocar-se de lado» (CV, 206).

Sobre o discernimento vocacional, isto é, a capacidade de reconhecer a que o Senhor chama cada um, é dedicado o capítulo 9. Falando diretamente aos jovens, papa Francisco recorda que se trata de um processo exigente, que requer disponibilidade para assumir um risco: somente assim é possível identificar aquilo para o qual vale a pena dedicar a própria vida sem projetar perspectiva de carreira ou ganhos financeiros. Trata-se, de fato, de passar para uma dimensão do dom, recebido e determinado, com a liberdade necessária. Próprio desta gratuidade são chamdos a ser testemunhas aqueles que acompahham os jovens no processo de discernimento vocacional, com uma atenção para saber escutar, levando a sério a pessoa, o que ela revela, e também a valorização de seu desenvolvimento (CV, 291-295). Os acompanhantes devem ser padres, religiosos, religiosas e leigos, professionais e também outros jovens (CV, 291), contudo, o mais importante é que saibam colocar-se em atitude de escuta, com as perguntas certas para suscitar processos sem atropelar o discernimento ou determinar a trajetória de cada

um. É fundamental que o jovem tenha liberdade para discernir.

CONCLUSÃO

A reflexão apaixonada do Papa Francisco – que viveu desde dentro todo o processo sional, foi partilhada amplamente no texto da CV – não conclui o texto como um tratado fechado, mas em forma aberta e envolvente. Pede aos jovens para seguirem adiante, nunca voltar atrás. Não tem medo de motivá-los para que sejam eles os protagonistas da Igreja do terceiro milênio:

Queridos jovens, ficarei feliz vendo-vos correr mais rápido do que os lentos e medrosos. Correi «atraídos por aquele Rosto tão amado, que adoramos na sagrada Eucaristia e reconhecemos na carne do irmão que sofre. O Espírito Santo vos impulsione nesta corrida para a frente. A Igreja precisa do vosso ímpeto, das vossas intuições, da vossa fé. Nós temos necessidade disto! E quando chegardes aonde nós ainda não chegamos, tende a paciência de esperar por nós» (CV, 299).

É outra forma, desta vez mais pessoal e afetuosa, de repetir aos jovens o que foi dito aos padres sinodais: de ser como João que antecipa Pedro na tumba e depois o espera com paciência e respeito (Documento final, 66); de ser como Madalena, a "primeira discípula missionária, apostola dos apóstolos" (documento final, 115); de ser como os dois discípulos de Emaús, que escolhem de retornar com entusiamo ao coração da comunidade para partilhar da alegria do Evangelho. Imagens de ressurreição, imagens de futuro, imagens que nos fazem sonhar, esperar, amar. E que, sobretudo, nos colocam em movimento.

Tradução: Pe. João Mendonça, sdb

Anexos

REFLEXÕES ORANTES

Subsídio CLAR julho 2019, n. 1

VINHO NOVO

Animador/a: Beber vinho novo e nos expor ao vento do teu Espírito, cobertos,as, somente com o manto que tu nos preparaste. Romper esquemas, adquirir estilo, forma e mentalidade nova para melhor te entender e aproveitar de ti. Tanto tempo contigo, escutando teus sorrisos, partilhando tuas fadigas, e não te entendemos, porque seguimos sendo fariseus, jejuando do teu Evangelho, e não nos atrevemos a ficarmos embebidos de ti. (Florentino Ulibarri).

Animar o desejo do encontro...

Canto-oração: Espírito de Deus.

Animador/a: Deixemo-nos por alguns momentos que a presença do Espírito Santo faça arder nossa interioridade.

Todos: Espírito de Deus, Enviai dos céus Um raio de luz! Vinde pai dos pobres Daí aos corações Vossos sete dons.

Consolo que acalma, hóspede da alma, doce alívio vinde! No labor descanso na aflição, remanso no calor, aragem, ao sujo lavai, Ao seco regai, Curai o doente.

Dobrai o que é duro, Guiai no escuro, O frio aquecei Enchei luz bendita, / Chama que crepita, O íntimo de nós, Sem a luz que acode, nada o homem pode / Nenhum bem a nele. Daí a vossa igreja, que espera e deseja Vossos sete dons.

Daí em prêmio ao forte, uma santa morte, alegria eterna. Amém, amém.

Palavra de Deus João 2, 1-12

Narrador/a: "Três dias depois, celebravam-se bodas em Caná da Galileia, e achava-se ali a mãe de Jesus. 2.Também foram convidados Jesus e os seus discípulos. 3.Como viesse a faltar vinho, a mãe de Jesus disse-lhe:

Leitora: "*Eles já não têm vinho*".

Narrador: 4.Respondeu-lhe Jesus:

Leitor: *"Mulher, isso compete a nós? Minha hora ainda não chegou".**

Narrador/a: 5.Disse, então, sua mãe aos serventes:

Leitora: *"Fazei o que ele vos disser".*

Narrador/a: 6.Ora, achavam-se ali seis talhas de pedra para as purificações dos judeus, que continham cada qual duas ou três medidas.* 7.Jesus ordena-lhes:

Leitor: "Enchei as talhas de água".

Narrador/a: Eles encheram-nas até em cima.

Leitor: 8.*"Tirai agora"* – disse-lhes Jesus – *"e levai ao chefe dos serventes".*

Narrador/a: E levaram. 9.Logo que o chefe dos serventes provou da água tornada vinho, não sabendo de onde era (se bem que o soubessem os serventes, pois tinham tirado a água), chamou o noivo 10.e disse-lhe:

Leitor/a: *"É costume servir primeiro o vinho bom e, depois, quando os convidados já estão quase embriagados, servir o menos bom. Mas tu guardaste o vinho melhor até agora".*

Narrador/a: 11.Esse foi o primeiro milagre de Jesus; realizou-o em Caná da Galileia. Manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele.

Animador/a: Hoje faremos nossa oração pessoal e comunitária com o primeiro versículo do texto:

Canto: Vem Espírito Santo, vem. Vem iluminar (bis)

"Três dias depois, celebravam-se bodas em Caná da Galileia, e achava-se ali a mãe de Jesus.

Leitor/a 1: O texto (Jo 2, 1-12) começa com um ambiente de festa. A primeira pessoa que aparece em cena é a mãe de Jesus. Ela não está oculta ou distante. Não passa despercebida. Sua posição, no texto, lhe dá uma importância privilegiada. Ela, pela forma e conteúdo da narrativa, tem um protagonismo na sequência do fato. O grande número de pessoas na casa, com o barulho da festa, favoreceu a dispersão dos organizadores. O encontro dos parentes, as boas conversas, os discípulos partilhando com os amigos suas experiências com Jesus e, o mesmo Jesus, estava interdido com outras coisas. Como

sabemos disso? Foi a mãe que constatou que faltava vinho (v.3).

Leitor/a 2: Ninguém avisou Maria do problema. Ela estava preocupada com os alimentos; enquanto os convidados estavam mais preocupados com a recepção. Ela certamente caminhava pelos ambientes, provendo o bom funcionamento da festa de casamento. Assim, ela percebeu a falta de vinho.

Leitor/a 3: A atitude da mãe de Jesus nas bodas de Caná é coerente com o seu comportamento no quarto Evangelho: ela sempre aparece quando a situação torna-se difícil. Se fizermos um mapeamento da sua pessoa e da vida pública de Jesus, observaremos que ela somente se fez presente quando: acusam seu filho, quando o caluniam, quando o chamam de louco, quando duvidam de sua identidade e origem, no momento especial da cruz (Mt 12,4-50; 13,54-58; Mc 3,22; 3,31-35/ Lc 8, 19-21); e no nosso contexto, quando faltou vinho.

Animador/a: Quando Maria aparece, nunca pergunta o que está acontecendo, ela está sempre situada na realidade. Isto significa que ela é sempre cuidadora. Ela acompanha as andanças, o movimento de Jesus e seu projeto para garantir que não falte o necessário (Irmã Ângela Crabrea, MDR – Revista CLAR, janeiro-março 2019, n. 1).

PARA PASSAR PARA O CORAÇÃO..

- O que significa o estar ali?
- Onde estamos presentes hoje como vida religiosa?
- Por quais lugares caminhamos?
- Estamos situados,as, na realidade?
- Somos cuidadores,as, do que nos foi confiado?

Deixar alguns momentos para reflexão e partilha.

Animador/a: Somos convidados/as, a entrar nas bodas de Caná como contemplativos,as. Temos que olhar para a Mãe e fazer dos nossos os seus movimentos, sua maneira de estar. Maria, a Mãe de Jesus, abraçou a lógica do dom desde o primeiro SIM, multiplicando ao infinito no seu jeito de ser mulher discípula... Uma lógica do dom de si sem barulhos. Optou somente por está ali... Sempre atenta, sempre presente!

Um momento para sentir e pensar desde outros sentir e pensar.

Leitor/a 1: Estamos no centro do dom. Ele nos rodeia por todos os lados sem fazer muito ruído, e podemos dispor para que ele nos surpreenda nos rostos que se cruzam conosco pelas ruas, nas

vidas de jovens que se afirmam e crescem em estatura e vidas carregadas de esperanças. As árvores sussurram com o vento, e os transeuntes levam dentro de si buscas que nunca cessarão até que encontrem o que os convoca para a festa final e sem exclusões. Nas fábricas, nas cozinhas e nos altares se oferece a essência do mesmo sacrifício.

Todos/as: Quando o dom recebido torna-se eu, sai pelo seu próprio dinamismo a espalhar-se gratuitamente, com a mesma força da minha voz, o selo das minhas metáforas, que condensam anos de história e paisagens, e o ritmo do meu coração. Será o dom recebido, o dinamismo mais profundo de minhas criatividades que mobilizam a imaginação e minhas mãos. Serei um eu em saída, sem temor de me perder no oceano da vida que se estende muito além de minhas pequenas fragilidades. Toda tentativa possessiva deixa em nossas mãos fechadas um maná que se corrompe durante a noite do deserto.

Leitor/a 3: Então, desde as ruas e os rostos, os trabalhos e os sacramentos, regressará de novo a grandeza do dom com o calor e o sabor de um grande povo. A vida somente existe nesta colcha de retalhos. O futuro verdadeiro é uma comunhão de nomes, um encontro de histórias, de pequenas narrativas como peças de um mosaico unidas todas pela magia das cores numa narrativa de beleza e sentido.

Benjamim Gonzáles Buelta, sj, Ed. Sal Terrae.

Canto: Teu Senhor te fez assim

Pura como a fonte cristalina
E pelo mundo te fez caminhar
Teu Senhor ouviu teu sim
Livre desde o tempo de menina
Teu coração vai me falar

O teu segredo, Maria, eu vou desvendar
E neste mar de alegria, eu vou mergulhar
E se eu pudesse eu faria meu mundo mudar
E o teu segredo,
Maria, iria contar.

Teu Senhor te fez mulher
E teu coração se fez ternura
E pelo mundo te fez caminhar
E se teu Senhor quiser
Viverás em cada criatura
E um mundo irmão vai começar
O teu segredo, Maria, eu vou desvendar
E neste mar de alegria, eu vou mergulhar
E se eu pudesse eu faria meu mundo mudar
E o teu segredo, Maria, iria contar

(Pe. Zezinho: O teu segredo Maria).

Dizer o Teu Nome, Maria

Narrador/a: Para nos colocar como presença-dom, e para estar como Maria, sempre atenta e cuidadora, seguindo os passos de Jesus e seu projeto para garantir que nada falte, é que nos animamos a DIZER O TEU NOME, MARIA...

Leitor/a: Dizer teu nome Maria

Todos: É dizer que a pobreza compra os olhares de Deus

Leitor/a: Dizer teu nome Maria

Todos: É dizer que a promessa vem com leite de mulher

Leitor/a: Dizer teu nome Maria

Todos: É dizer que nossa carne veste o silêncio do Verbo

Leitor/a: Dizer teu nome Maria

Todos: É dizer que o Reino chega caminhando com a história

Leitor/a: Dizer teu nome Maria

Todos: É dizer ao pé da Cruz e nas chamas do Espírito

Leitor/a: Dizer teu nome Maria

Todos:É dizer que todo Nome pode estar cheio de Graça

Leitor/a: Dizer teu nome Maria

Todos: É dizer que toda Morte pode ser também a Páscoa

Leitor/a: Dizer teu nome Maria

Todos: É chamar-te Toda Sua, causa da nossa alegria

Todos: Dizer teu nome Maria

É dizer que todo nome pode estar cheio de Graça

(Dom Pedro Casaldáliga)

Animador/a: QUE DEUS NOS ABENÇOE..

Tu, Pai, que nos amas com ternura e paixão,
Tu, Jesus, que nos amas em clima de festa,
Tu, Espírito Santo, que nos dás a oportunidade de estar presente
Tu, Deus Trino e uno, doador de todo bem...
Abençoa-nos, hoje e sempre!
Amém.

REFLEXÕES ORANTES

Subsídio CLAR julho 2019, n. 2

Campanha Vinho Novo

Foram convidados também às bodas Jesus e seus discípulos (Jo 2,2).

Animador/a: Venham, venham todas e todos, venham para a festa. Não fiquem de fora olhando com tristeza. Celebremos a festa do Senhor, ele nos convidou. Façamos todas e todos juntos um pão quente e grande, e preparemos abundante e saboroso vinho.

Leitor/a 1: Saiamos para a rua, convidemos sem medo os cegos, os surdos, os coxos, os presos, os pobres; do sul e do norte, moradores e extrangeiros, de toda raça e cor, de todas as classes...

Leitor/a 2: Porque celebraremos o encontro dom Jesus e renovaremos nossos compropmissos com o Reino. Ninguém ficará com fome nem estará sozinho e triste. Para todos e todas, tem tudo em abundância, quando sabemos partilhar. Venham todas e todos participar na festa da vida. É o Senhor que nos convida (Florentino Ulibarri).

Canto: O amor de deus cobriu (Letra: Pe. Lúcio Floro | Música: Ir. Míria T. Kolling)

1. O amor de Deus cobriu rios e mares no princípio. Foi assim que a terra viu desabrochar o colorido festival de flores mil.

Vós sois amor e vida, por isso a vida só vale no amor, no amor.

2. O amor de Deus desceu bem no fundo das pessoas. Foi assim que o mundo viu gente sorrir, e muita gente se encontrar num doce olhar.

3. O amor de Deus brilhou bem no centro, em nossa história. Foi assim que se entendeu: só é feliz e só tem glória e tem poder quem sabe amar.

Animar o desejo do encontro...

Canto-Oração: Espírito (Cecília Rivero, rscj).

Animador/a: Que o Espírito Santo nos motive a viver em clima de festa e para isso invoquemos sua presença.

Canto-Oração: Quando o espírito de Deus soprou (Zé Vicente).

1. Quando o espírito de Deus soprou, o mundo inteiro se iluminou. A esperança na ter a brotou, e o povo novo deu-se as mãos e caminhou!

Lutar e crer, vencer a dor, louvar ao Criador! Justiça e paz hão de reinar. E viva o amor!

2. Quando Jesus a terra visitou, a Boa-Nova da justiça anunciou. O cego viu, o surdo escutou, e os oprimidos das correntes libertou.

3. Nosso poder esta na união: o mundo novo vem de Deus e dos irmãos. Vamos lutando contra a divisão, e preparando a festa da libertação!

4. Cidade e campo se transformarão, jovens unidos na esperança gritarão. A força nova é o poder do amor, nossa fraqueza é força em Deus libertador!

Todos: Que o teu Espírito seja a dança que inspire o nosso caminhar. Que teu Espírito seja o alento que convoque à unidade. Que teu Espírito acabe com a uniformidade. Que teu Espírito se misture com nossa humanidade.

Voz 1: Que teu Espírito transforme nossas mãos para doar. Que teu Espírito amadureça nosso sonho para amar. Que teu Espírito fecunde com ternura nosso ser. Que seja fogo no campo verde e aqueça a nossa fé. Que teu Espírito nos faça resistir à tempestade. Levante o nosso olhar e dê liberdade.

Voz 2: Transforme nossa palavra em restauradora de dignidade. Como alento de vida, a esperança chegue até nós. Que teu espírito remova-nos como terra para semear. Que teu Espírito inspire cada tentativa de cura. Que teu Espírito preencha-nos de alegria ao contemplar. Que a vida rompa o muro e a flor possa brotar.

Voz 3: Que teu Espirito sacuda nosso medo da verdade. Que teu Espírito leve sempre a dar o primeiro passo e nos convide a partilhar a mesa com todo o pão que tivermos. Que o teu Espírito inunde em nós a alegria e o sentido de avançar.

Todos/as: Que teu Espírito, Deus Pai e Mãe, nos ajude a desterrar a solidão. Que teu Espírito seja o verso que nos identifique, seja o canto e a razão que mobilize nosso andar. Que teu Espírito, Deus Pai e Mãe, convide a igualdade. Que teu Espírito nos mova a lutar solidários com os pobres. Que teu Espírito reaviva a amizade e que propague a justiça e, por fim, a paz aconteça (Cecília Rivero, rscj).

Ouvir a Palavra da vida (Jo 2, 1-12)

Canto: És, Maria, a Virgem que sabe ouvir e acolher com

fé a santa palavra de Deus. Dizes "sim" e logo te tornas Mãe; dás à luz dapois o Cristo que vem nos remir.

Virgem que sabe ouvir o que o Senhor te diz. Crendo gerastes quem te criou! Ó Maria, tu és feliz!

Contemplando o exemplo que tu nos dás, nossa Igreja escuta, acolhe a Palavra com fé. E anuncia a todos, pois ela é pão que alimenta; é luz que a sombra da História desfaz.

Virgem que sabe ouvir o que o Senhor te diz. Crendo gerastes quem te criou! Ó Maria, tu és feliz!

Narrador/a: *"Três dias depois, celebravam-se bodas em Caná da Galileia, e achava-se ali a mãe de Jesus. 2.Também foram convidados Jesus e os seus discípulos. 3.Como viesse a faltar vinho, a mãe de Jesus disse-lhe:*

Leitora: *"Eles já não têm vinho".*

Narrador: 4.Respondeu-lhe Jesus:

Leitor: *"Mulher, isso compete a nós? Minha hora ainda não chegou".**

Narrador/a: 5.Disse, então, sua mãe aos serventes:

Leitora: *"Fazei o que ele vos disser".*

Narrador/a: 6.Ora, achavam-se ali seis talhas de pedra para as purificações dos judeus, que continham cada qual duas ou três medidas.* 7.Jesus ordena-lhes:

Leitor: *"Enchei as talhas de água".*

Narrador/a: Eles encheram-nas até em cima.

Leitor: 8.*"Tirai agora"* – disse-lhes Jesus – *"e levai ao chefe dos serventes".*

Narrador/a: E levaram. 9.Logo que o chefe dos serventes provou da água tornada vinho, não sabendo de onde era (se bem que o soubessem os serventes, pois tinham tirado a água), chamou o noivo 10.e disse-lhe:

Leitor/a: *"É costume servir primeiro o vinho bom e, depois, quando os convidados já estão quase embriagados, servir o menos bom. Mas tu guardaste o vinho melhor até agora".*

Narrador/a: 11.Esse foi o primeiro milagre de Jesus; realizou-o em Caná da Galileia. Manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele. 12. Depois desceu a Cafarnaum com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos, porém, não ficaram ali por muitos dias.

Animador/a: Faremos agora alguns momentos de oração pessoal e comunitária com o versículo 2 do texto:

"Também foram convidados Jesus e os seus discípulos".

Leitor/a 1: O acontecimento das bodas de Caná, introduz a todos nós num fato interessante, cheio de vida, no qual se entrelaçam os sonhos de um casal jovem, cujo amor inaugura um novo caminho a ser percorrido. Tudo fala de novidade.

Leitor/a 2: A festa rompe com a rotina da vida cotidiana de Jesus carpinteiro e de seus amigos pescadores. Eles se encontram para passar um momento jutos, celebrar o amor e brindar pela vida, esta é a chave deste momento que durará por pouco tempo, porém, se prolongará sem fim na memória e no coração.

Leitor/a 3: É importante destacar como a "primeira relação de Jesus num âmbito social, foi exatamente numa festa de casamento: festa que entrelaça o amor matrimonial e a promessa de vida. O pano de fundo faz alusão à esperança escatológica do povo de Israel que deseja celebrar sua plenitude, chegar ao casamento, ao banquete definitivo".

Leitor/a 1: Estamos assim convidados,as, a sermos pessoas da festa do amor, para a alegria, a amizade, a solidariedade. Deus acontece na festa da vida que ele mesmo nos dá, quando nos favorece a alegria e o buscar a saída dos fracassos e das frustrações;

Todos/as: ele está presente em nossas carências e buscas de soluções para que outra realidade seja viável, para que seja garantida a justa partilha dos bens e todas e todos possamos desfrutar do calor e dos frutos do amor; da comida e da bebida frutos da terra trabalhada com justiça. Gerar espaços onde seja possível expressar o carinho e a aproximidade para que surja o melhor de nós mesmos" (Irmã. Clara Tamporelli, odn. Revista CLAR, janeiro-março 2019, n. 1).

Deixar passar pelo coração...

Na festa da vida cotidiana: Quais momentos gostaríamos de prolongar?

"O Senhor teu Deus, o poderoso, está no meio de ti, ele salvará; ele se deleitará em ti com alegria; calar-se-á por seu amor, regozijar-se-á em ti com júbilo (Sof 3,17). Que nome posso dar à festa que Deus faz por mim? O que causa tanta alegria ao meu Deus?

Deixar alguns momentos para partilha.

Canto: Letra: Lecionário |

Música: Reginaldo Veloso

Quando tu, Senhor,
teu Espírito envias,
todo o mundo renasce,
é grande alegria!

1. Ó minh'alma, bendize ao Senhor: /"Ó Deus grande em poder e amor!/ O esplendor de tua glória reluz / e o céu é o teu manto de luz".

2. Firme e sólida a terra fundaste,/ com o azul do oceano a enfeitaste!/ E rebentam tuas fontes nos vales,/ correm as águas e cantam as aves.

3. Lá do alto tu regas os campos, / cresce a relva e os viventes se fartam!/ De tuas obras a terra encheste,/ todas belas e sábias fizeste!

4. Que se sumam da terra os perversos/ e minh'alma te entoe os seus versos!/ Glória ao Pai, pelo Filho, no Amor,/ ao Deus vivo eterno louvor!

Animador/a: O banquete desta festa de casamento mobiliza a esperança, a alegria, muda nosso luto (desanimo, dissabores, amarguras). Ele nos ensina a nos contentar, recriar, envolver, a passar momentos prazerosos, coisas que não podem ser violadas e que ficam gravadas pelo fogo. Todos: Em uma festa, qualquer que seja, gera impasse... e o cotidiano torna-se mágico, carregado de conteúdo. É questão de aprender a aproveitar e a olhar ao nosso redor com olhos novos, comprometidos com as coisas simples e desfrutar plenamente do presente que a vida é.

Tempo para refletir

Saber olhar as mesmas coisas, com olhos novos.

Animador/a: "Para verificar o que Deus quer de nossa vida pessoal, comunitária e social, temos apenas que abrir os olhos e saber ver... Nunca negar a realidade, nunca nos enganar ou mentir sobre ela. Não podemos ser como o avestruz que enfia a cabeça num buraco para não ver o caçador ou imaginar que assim ele vai embora.

Todos/as: Não se trata de códigos muito difíceis; é simples, porém, às vezes as coisas são tão simples e tão cotidianas, que não prestamos atenção nelas; por isso, é fundamental ter os olhos limpos e olhar sem medo a realidade. Não foi à toa que Jesus, num momento de inspiração e cheio de alegria no Espírito Santo disse: "Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque revelaste aos simples as coisas que escondeste aos sábios. Sim, Pai, porque assim o quiseste" (Lc 10,21).

Leitor/a 1: Foi esta a atitude fundamental de Jesus. Ele tinha os olhos abertos diante da realidade, das coisas simples de cada dia, nelas descobria os planos de Deus Pai.

Leitor/a 2: Jesus aprendeu a revelar o reino de Deus contemplando sua propria existência e a vida do povo. Somente com o Evangelho de Mateus podemos elaborar uma lista desses sinais do reino, quando Jesus falava do pão, do sal, da luz, das lâmpadas, ladrões, aves, flores,

ervas, portas, cachorros, pérolas, porcos, pedras, serpentes, peixe, caminho, ovelhas, uvas, figos, casas, pedra, areia, chuva, casamento, roupas, colheita, trabalhadores, ouro, prata, cobre, sandálias, lobos, pombos, pássaros, moeda, cabelo, árvores, frutos, semeador, trigo, crianças, escravos, camelos, agulha, festa, convidados, figueira, azeite, dinheiro, pastor, etc.

Leitor/a 3: Nestes elementos tão simples, Jesus descobriu que Deus se revelava a humanidade. Não eram coisas distintas, novas, bastava saber contemplar as mesmas coisas, porém, com olhos novos. Precisamos aprender a abrir os olhos e contemplar (Irmão Hermann Rodriguez Osório, sj).

Animador/a: Os gestos da vida cotidiana, com tudo aquilo que contém de costumes, escondem em si mesmo um mistério que nos supera. O cotidiano, descoberto com "essa nova forma de contemplar", segundo convite do irmão Hermann, permite-nos compreender o Reino, para que a festa do comunitário ganhe espaço e profundidade e continue fermentando a história até que chegue a verdadeira festa sem limites do reino definitivo.

Todos: Só com um olhar renovado poderemos aproveitar cada acontecimento, construir o futuro com criatividade, transformar o cotidiano de forma alegre e aproveitar da festa que já começou.

Leitor/a 1: Celebrar, para a Vida Religiosa Latino-Americana e Caribenha, não é algo opcional. Somos responsáveis da alegria e da festa de nossos povos, mesmo nas horas mais difíceis como as que estamos vivendo hoje. Não podemos deixar que nos roubem a esperança!

Sinais de esperança

Tu Te Abeiraste da Praia
A Barca

Tu te abeiraste da praia/ Não buscaste nem sábios nem ricos/ Somente queres que eu te siga/

Senhor, Tu me olhaste nos olhos/ A sorrir, pronunciaste meu nome/ Lá na praia, eu larguei o meu barco/ Junto a Ti, buscarei outro mar

Tu sabes bem que em meu barco/Eu não tenho nem ouro nem espadas/ Somente redes e o meu trabalho

Tu, minhas mãos solicitas/ Meu cansaço que a outros descanse/ Amor que almejas, seguir amando

Tu, pescador de outros lagos/ Ânsia eterna de almas que esperam/ Bondoso amigo que assim me chamas

A festa não pode acabar. O Ruah não cessa!

Permita-nos abençoar.

Todos: Pai bondoso. Desperta nossa fé adormecida para que deixe de ter pesadelos e possamos viver todos os dias em clima de festa. Filho amado. Desperta em nós tua Palavra sempre nova, que nos liberta de tantos falsos anúncios e promessas e nos traz a tua luz evangélica. Espírito de vida. Desperta os olhos de nossos corações, porque há caminhos que só podem ser feitos com os olhos abertos para te reconhecer. Que o teu fogo ardente nos purifique por fora e por dentro, e nos ensine a viver a festa da vida.

Animador/a: Abençoe-nos, Senhor, hoje e sempre! Amém.

"O Senhor teu Deus, o poderoso, está no meio de ti, ele salvará; ele se deleitará em ti com alegria; calar-se-á por seu amor, regozijar-se-á em ti com júbilo (Sof 3,17).

MAPA DAS REGIONAIS

RESENHA

GARCÍA PAREDE, José Cristo Rey, *Outra comunidade é possível:* sob a liderança do Espírito, São Paulo: Paulinas, 2019, 160 pp. 14 X 21 cm. Coleção Tendas.

Vivemos um momento particular da história da humanidade, caracterizado por profundas e rápidas transformações em todos os campos do saber e da atividade humanas. Nossa sociedade está em constante processo de mudança e em reorganização permanente. Grandes, médias e pequenas empresas, consideradas sólidas no mercado, estão em processo de reavaliação de seus métodos, de seus processos, de seus investimentos, de sua identidade e de seu quadro de pessoal.

A vida religiosa consagrada, com sua história milenar, não está alheia a essa tendência e não tem medido esforços para se reorganizar, com sabedoria, discernimento e generosidade, apesar das resistências às mudanças. Nestes últimos anos, muitos institutos de vida religiosa consagrada viveram processos de reorganização e reestruturação. As causas são muitas, particularmente, o envelhecimento dos membros e a diminuição das vocações, a secularização e a diminuição do apreço pela vida religiosa consagrada.

Muitos institutos religiosos optaram pelo abandono ou pela concentração em obras consideradas significativas do ponto de vista do carisma e da missão, dando particular atenção às periferias geográficas e existenciais, como expressão de opção pelos pobres

José Cristo Rey García Parede, autor desta obra, missionário claretiano, doutor em Teologia, profundo conhecedor da Vida Religiosa Consagrada, chama atenção para outra reorganização religiosa necessária que vai além da meramente institucional. Na verdade, é a mais importante. É a reorganização da comunidade sob a liderança do Espírito. A reorganização estrutural deve suceder-se outra reorganização não de tipo estrutural, mas interna de caráter

teológico e espiritual, tanto a nível de comunitário como pessoal.

Ao se referir a uma "comunidade sob a liderança do Espírito" o autor considera uma dupla questão: por um lado, o Espírito como grande protagonista da comunidade e, por outro lado, os membros da comunidade como colaboradores dessa liderança do Espírito, cada qual segundo seu próprio dom e ministério.

Consultor da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, por expresso desejo do Papa Francisco, o autor se pergunta: "de que nos serve a reorganização institucional se não abordamos seriamente a reorganização da própria comunidade local?

O Autor adverte que este é o objetivo das reflexões contidas nesta obra que ele compartilha, depois de alguns anos de experiência, não só na Europa, mas também na América, Ásia e África. Por isso, ele julga que as propostas oferecidas podem ser válidas em qualquer lugar.

José Cristo Rey Paredes trata de seis tipos diferentes de comunidade, interconectados entre si e traça o perfil de cada uma delas, com suas riquezas, carências, exigências.

Comunidades configurada *pela missão,* casa da missão, que tem Deus Trindade como grande protagonista o qual configura e oferece a razão de existir da comunidade. As nossas comunidades locais e provinciais precisam entrar numa fase de reorganização para tornar tudo mais simples e fácil e pergunta-se: qual é o autêntico "por quê" de uma comunidade de vida consagrada? Não é aquilo que a comunidade faz por Deus, mas o que Deus faz pela comunidade e com ela. Deus espera que suas comunidades estejam presentes lá onde está o povo e, por conseguinte, sejam comunidades voltadas para a missão.

Comunidades-morada*: espaço de comunhão,* cujo paradigma é o "organismo vivo" que segundo as leis da vida, se organiza e se reorganiza, comunidades fruto da comunhão, não meramente legal, jurídica, mas orgânica. A comunidade é chamada a ser "casa", "lar", "morada" e "espaço de intimidade". Descobre-se o que é a casa quando contemplamos o não-lugar. Muitos espaços nos quais vivemos são lugares para clientes, onde se entra e se sai; são lugares para o anonimato. Um lugar deveria ser um espaço para a pessoa, para viver em relação, em sociedade, para gerar história, para viver verdadeiros encontros. A casa-lugar é aquela que, aos poucos se converte em espaço para sonhar

a utopia, em espaço gerador de personalidade, onde cada um emerge com seu próprio rosto.

***Comunidades organizadas**: o novo paradigma,* identificado como paradigma "turquesa holístico-integral", considera a organização como um sistema vivo, um organismo vivo, em contraposição com os paradigmas anteriores. A fonte de energia provém de três campos exegéticos: a atividade dos membros, as relações e interações mútuas dos membros, o contexto no qual a comunidade se localiza. A proposta do paradigma "turquesa" responde ao momento evolutivo atual da consciência humana e ao movimento que o Espírito Santo suscita em nosso tempo para levar em frente o projeto do Reino de Deus. Contempla a vida como um caminho para a realização pessoal e grupal. A pessoa não é um problema, mas um potencial, as relações são entre iguais e não hierárquicas, a gestão é compartilhada e todas as opiniões são respeitadas.

Comunidades liderada pelo Espírito: líderes e colaboradores, cujos elementos fundamentais e correlativos são: a liderança do Espírito e o seguimento de Jesus. É importante se perguntar:

– Como entender a condição de líder e de seguidor (a), hoje, na segunda metade do século XXI?
– Como exercer uma liderança associada e subordinada ao Espírito?
– Como coordenar isso com os destinatários dessa liderança?

Não é fácil ser líder num mundo em mudança. A liderança missional precisa ser reinventada. Essa liderança pode ser contemplada a partir de quatro perspectivas: cultivo, mudança, multidimensionalidade e promoção da comunidade cristã.

Comunidades diante do conflito*: reconciliação transformadora,* em que ao contemplar o rosto do irmão, da irmã, contempla-se o rosto de Deus e a reconciliação é um caminho que vai do conflito à transformação. O movimento de transformação não é circular, mas "em aspiral". A pessoa não se reconcilia quando quer, mas quando lhe é concedido. A transformação reconciliadora acontece num lugar que se converte em "lugar da memória".

***Comunidades em transformação**:* voar, viajar, contemplar, sonhar. O processo de transformação é uma viagem para o futuro emergente: o que buscamos e o que nos é concedido. Requer: *abrir a mente,* transcender os limites do conhecimento; *abrir o coração:* transcender os limites das relações; *abrir a vontade,* transcender os limites da nossa

vontade limitada. Organizar-se à maneira de programação" não é o mesmo que organizar-se "à maneira de transformação".

Esta obra *Outra comunidade é possível* não é um texto para ser lido apenas, mas um texto especial para ser objeto de reflexão, de iluminação, de estudos nas comunidades religiosas que estão realizando o fatigoso trabalho de reorganização e estão em busca de um novo tipo de liderança, adapto aos tempos atuais, na certeza de que sob a liderança do Espírito, outra comunidade é possível.

Vera Ivanise Bombonatto, fsp

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB)
CONFERENZA DE LOS RELIGIOSOS DEL BRASIL
BRAZILIAN RELIGIOUS CONFERENCE
CONFERENZA RELIGIOSA BRASILIANA

ASSINATURA DA REVISTA CONVERGÊNCIA 2020

Para assinaturas novas ou renovação, preencher o cupom e enviar para: **convergencia@crbnacional.org**
Pode também acessar o site e imprimir o boleto: **www.crbnacional.org.br**
Nome completo: .....
Congregação: .....
Endereço:.....
CEP (código postal): .....Cidade: .....UF: .....Pais:.....
Nova assinatura ( ) ☒Renovação ( )
Telefone: ( ) .....E-mail: .....
Forma de pagamento:
Efetivo ( ) Depósito Bancário ( ) Agência:..... C/C: .....

Valor da Assinatura:
Brasil: R$ 145,00 América Latina e Caribe: U$ 80 Europa: E 70 Outros países: U$ 100

1. Brasil: O pagamento pode ser efetuado na sede da CRB Nacional ou nas regionais. Pode também efetuar o pagamento na conta da CRB: Banco do Brasil: Ag: 452-9 - C/C: 306934-6 (enviar o comprovante por e-mail ou entrar em contato (61) 3226-5540).
2. América Latina e Caribe: O pagamento pode ser feito em cheque, em dólar no Banco do Brasil em nome da Conferência dos Religiosos do Brasil. Enviar o comprovante por e-mail **(convergencia@crbnacional.org.br)**
3. Outros países: pode ser feito em cheque, em dólar (para tanto se for em euro deve fazer a devida conversão para dólar). Enviar o comprovante para a CRB Nacional (convergencia@crbnacional.org.br).